

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

ANA PAULA MARQUES MACHADO

**ENTRE FRONTEIRAS E MEMÓRIAS SUBALTERNAS: Reflexões acerca dos escritos
teórico-ficcionais de Edgar Nolasco, um intelectual fronteiriço**

**CAMPO GRANDE / MS
2022**

ANA PAULA MARQUES MACHADO

ENTRE FRONTEIRAS E MEMÓRIAS SUBALTERNAS: Reflexões acerca dos escritos teórico-ficcionais de Edgar Nolasco, um intelectual fronteiriço

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^ª. Dra. Marta Francisco de Oliveira
Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Estudos Interartes.

CAMPO GRANDE / MS

2022

ANA PAULA MARQUES MACHADO

ENTRE FRONTEIRAS E MEMÓRIAS SUBALTERNAS: Reflexões acerca dos escritos teórico-ficcionais de Edgar Nolasco, um intelectual fronteiriço

APROVADA POR:

Prof^a. Dra. Marta Francisco de Oliveira
Orientadora / Presidente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - PPGEL/UFMS

Prof^a. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra
Membro Titular
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - CPTL/UFMS

Prof^a. Dra. Lucilene Machado Garcia
Membro Titular
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof^a. Dra. Eliene Dias de Oliveira
Membro Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Dedico este trabalho ao meu marido Antônio e à minha filha Isadora, por todo incentivo e apoio incondicional. Amo vocês para sempre!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me guiado e protegido até aqui, me sustentando com saúde e sabedoria.

Agradeço à minha família, em especial ao meu marido Antônio, pelo apoio imprescindível, carinho e zelo, e à minha filha Isadora, por me encorajar todos os dias e incentivar para que eu pudesse realizar este trabalho. Vocês são os amores de minha vida.

Não posso deixar de agradecer à minha querida e amada mãe Sueli, que mesmo não estando mais neste plano de existência, se materializa em sonhos para me enviar boas vibrações. Sei que tenho o seu amor inscrito em meu coração.

Agradeço à minha irmã Fabiana, que mesmo distante, contribuiu com conselhos e escuta cortês.

Agradeço em especial aos meus grandes amigos Daniel Machado, Fábio do Vale e Nathalia Flores, pela ajuda e auxílio fundamentais.

Meu mais profundo agradecimento à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marta Francisco de Oliveira, por ter segurado minha mão no momento em que mais precisei. Obrigada por ser sempre solícita e compreensiva, me concedendo todo apoio necessário para a finalização deste trabalho.

Agradeço às professoras que compuseram a banca examinadora Prof.^a Dr.^a Lucilene Machado Garcia e Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Lescano Guerra, por suas valiosas contribuições e ensinamentos.

Meu grande agradecimento ao Prof.^o Dr.^o Edgar César Nolasco, meu intelectual pensante, que tive a honra de conhecer e conviver. Obrigada pela oportunidade de aprendizado ao longo de minha jornada acadêmica, por confiar sempre em minha pesquisa.

Agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL-UFMS, em especial à Cristina Pavan, pelo carinho e atenção de sempre.

Finalmente, agradeço a todos os professores e amigos que contribuíram, cada um à sua maneira, para a realização deste trabalho, sintam-se carinhosamente abraçados por mim. Que Deus abençoe grandemente vocês.

RESUMO

O intelectual fronteiriço, de certa maneira, necessita pensar e agir de forma desobediente, a fim de que possa fazer ouvir nos centros hegemônicos as vozes que se erigem dos espaços de fronteira, como é o caso de Mato Grosso do Sul. Praticar a desobediência epistêmica e teórica é, assim, uma condição inerente aos saberes fronteiriços. É a partir desse *bios e lócus* epistêmico que esta proposta de trabalho se constrói. Para isso, pretende-se criar possibilidades de diálogo com obras ficcionais, prioritariamente, e teóricas de Edgar César Nolasco, que teoriza seu discurso a partir de seu lócus fronteiriço, a fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia, erigindo uma crítica pós-colonial a partir dessa fronteira sanguinolenta onde canta o urutau, ave símbolo de regiões do cerrado brasileiro. Seus escritos poéticos são permeados por suas memórias subalternas e se encontram presentes na sua poética ficcional *Pântano*, *Oráculo da fronteira*, *A ignorância da Revolta*, *O jardim das fronteiras*, *Paisagens biográficas*, *El lado oscuro del corazón de la frontera*, *Gramática despoética da fronteira*, *Ensaio da desobediência dos pássaros* e *O teorizador vira-lata*. *Bios e lócus* de sujeitos fronteiriços estão atrelados, criando, dessa maneira, as memórias subalternas de fronteira. Portanto, proponho delinear tal reflexão a partir dos escritos teórico-ficcionais do intelectual Edgar César Nolasco, que é um sujeito híbrido, fronteiriço, mestiço e múltiplo, pois há vários Nolascos permeando minha escrita e interpretação, em diálogo com autores como Glória Anzaldúa, Ramón Grosfoguel, Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Franz Fanon, Juliano Garcia Pessanha, Eneida Maria de Souza e Zulma Palermo. É nessa direção que este trabalho pretende seguir, a partir do estudo da poética ficcional de Nolasco, um intelectual fronteiriço desobediente de nascença.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias subalternas; Fronteira; Desobediência epistêmica; Edgar César Nolasco, Crítica biográfica fronteiriça

RESUMEN

El intelectual fronterizo, en cierto modo, necesita pensar y actuar en desobediencia, para que pueda hacer oír las voces que surgen de los espacios fronterizos en los centros hegemónicos, como es el caso de Mato Grosso do Sul. Practicar la desobediencia epistémica y teórica es, por tanto, una condición inherente al conocimiento fronterizo. Es a partir de este bios y locus epistémico que se construye esta propuesta de trabajo. Para eso, se pretende crear posibilidades de diálogo con obras de ficción, principalmente, y teóricas de Edgar César Nolasco, quien teoriza su discurso desde su locus fronterizo, frontera-Sur Brasil/Paraguay/Bolivia, erigiendo una crítica poscolonial de esa frontera sangrienta donde canta el urutau, ave que es símbolo de regiones de la sabana brasileña. Sus escritos poéticos están permeados por sus recuerdos subalternos y están presentes en sus poéticas ficcionales *Pântano*, *Oráculo da Fronteira*, *A ignorância da Revolta*, *O jardim das fronteiras*, *Paisagens biográficas*, *El lado oscuro del corazón de la frontera*, *Gramática despoética da fronteira*, *Ensaio da desobediência dos pássaros* y *O teorizador vira-lata*. Locus y bios de los sujetos fronterizos están intrínsecamente vinculados, creando así las memorias fronterizas subalternas. Por lo tanto, propongo esbozar esta discusión a partir de los escritos teórico-ficcionales del intelectual Edgar César Nolasco, que es un sujeto híbrido, fronterizo, mestizo y múltiple, pues hay varios Nolascos permeando mi escritura e interpretación, con autores como Glória Anzaldúa, Ramón Grosfoguel, Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Franz Fanon, Juliano Garcia Pessanha, Eneida Maria de Souza y Zulma Palermo. Es en esa dirección que pretende seguir este trabajo, a partir del estudio de la poética ficticia de Nolasco, un intelectual fronterizo desobediente por nacimiento.

PALABRAS-CLAVE: Memorias subalternas; Frontera; desobediencia epistémica; Edgar César Nolasco, Crítica biográfica fronteriza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Cartaz do documentário “Portuñol” ano 2021.....	25
Figura 2. Capa do livro <i>Pântano</i>	58
Figura 3. Capa do livro <i>Oráculo da fronteira</i>	60
Figura 4. Capa do livro <i>A ignorância da Revolta</i>	63
Figura 5. Árvore Flamboyant.....	65
Figura 6: Simbiose professor-poeta.....	71
Figura 7: Pássaro urutau.....	73
Figura 8: Capa do livro <i>Paisagens biográficas</i>	76
Figura 9: Professor Edgar Nolasco autografando seu livro <i>A ignorância da Revolta</i>	88

ANEXOS

Anexo 1: Cartaz do filme “Só dez por cento é mentira” ano 2009.....	118
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – A OUTRA FACE DA RAZÃO COLONIAL: a desobediência epistêmica nos escritos teórico-ficcionais de Edgar Cézár Nolasco.....	9
CAPÍTULO I – UM LUGAR CHAMADO FRONTEIRA: Discussões acerca das memórias subalternas de um intelectual pensante que aprendeu a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira- sul.....	14
1.1 Reflexões acerca das sensibilidades e exterioridades de um intelectual fronteiriço.....	15
1.2 Uma visada epistemológica demandada da zona de fronteira, que também produz saberes que geram suas próprias teorizações.....	22
1.3 Pensamento crítico da fronteira: memórias subalternas, ou descoloniais, significam também um fazer descolonial, que toma a memória como uma prática que se erige da vida.....	27
1.4 Corpos descoloniais da exterioridade do ser, saber, sentir e fazer epistêmico.....	35
1.5 Sobre a fronteira-sul sobrevoa o professor poeta fronteiriço, subalterno por excelência.....	41
CAPÍTULO II – A DESBIOGRAFIA DO POETA-URUTAU: a importância real e necessária do espaço/fronteira na poética-ficcional de um intelectual desobediente de nascença.....	51
2.1 Vivências e memórias na fronteira: uma escrita despoética no verso do intelectual fronteiriço.....	52
2.2 A despoética na literatura contemporânea: visadas descoloniais na poeticidade crítico-fronteiriça de Edgar Cézár Nolasco.....	59
2.3 Discussões da crítica biográfica e da crítica biográfica fronteiriça: nós somos a fronteira.....	69
CAPÍTULO III – ENTRECruzamentos de Fronteiras: onde a minha fronteira se cruza com a do professor-poeta.....	83
3.1 A fronteira sul não passa de um livro aberto sem autor.....	84
3.2 Leituras da desobediência teórica-fronteiriça na poética ficcional do professor-urutau.....	88
3.3 A fronteira também é um importante lugar de fala.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

A OUTRA FACE DA RAZÃO COLONIAL: a desobediência epistêmica nos escritos teórico-ficcionais de Edgar César Nolasco

Ao habitar a fronteira, nossos horizontes de expectativas deixam de ser os das nações imperiais, embora tenhamos endereço (número e rua, telefone, carteira de motorista) nas nações imperiais. (MIGNOLO, 2012, p.120). (Tradução livre)

Campo Grande integra o estado de Mato Grosso do sul, o qual faz divisa com dois países da América do Sul: Bolívia e Paraguai. Esta situação fronteiriça da região, de alguma forma, toca as pessoas que habitam este lócus, portanto, há um número crescente e significativo de pesquisas que contemplam as relações de fronteira em suas várias nuances. Em meu caso, proponho engendrar uma reflexão crítica e teórica da fronteira sul a partir das memórias subalternas produzidas pelo professor e intelectual – Edgar César Nolasco – em sua poética-ficcional composta pelas seguintes obras: *Pântano* (2014), *Oráculo da fronteira* (2018), *A ignorância da revolta* (2019), *O jardim das fronteiras* (2020), *Paisagens biográficas* (2021), *El lado oscuro del corazón de la frontera* (2021), *Gramática despoética da fronteira* (2021) *Ensaio da desobediência dos pássaros* (2021) e *O teorizador vira-lata* (2022). A pesquisa a qual delinheio é da ordem do bios e da vida, que me acrescenta e completa, mostrando a trajetória em direção ao sul que habito.

Edgar César Nolasco nasceu em Dourados - MS, graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, fez mestrado e doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, pós-Doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, é Coordenador do NECC - Núcleo De Estudos Culturais Comparados, Editor-Presidente dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, periódico que frequentemente conta com artigos de pesquisadores importantes do Brasil e do exterior. Atualmente é professor dos cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Mestrado e Doutorado, da UFMS, sendo um dos responsáveis pela chegada e difusão dos estudos descoloniais ao estado de Mato Grosso do Sul. É, ademais, uma referência nos estudos sobre

a escritora Clarice Lispector, e possui vários artigos e livros ficcionais e teóricos sobre ela publicados, como *Claricianas* (2007), *Quem tem medo de Clarice Lispector?* (2014) e *A Hora da Estrela Clarice Lispector 40 anos* (2018), e ao longo dos anos vem se dedicando de maneira insistente na Despoética fronteira¹ – como ele mesmo tem chamado, com várias publicações, desde 2014 até os dias atuais.

O intelectual Nolasco cunhou o termo/conceito Crítica biográfica fronteira, o qual consiste em uma teorização que se formula a partir da junção entre *bios* e *lócus* de sujeitos subalternos. Dito isso, valho-me do viés da crítica biográfica fronteira, presente nos textos do intelectual, como meio de teorização fronteira. A fronteira a qual menciono é tanto de ordem territorial quanto de ordem epistemológica. É um lugar ímpar, com crepúsculo sanguinolento, onde canta o pássaro urutau, ave símbolo das regiões pantaneiras. Segundo o professor e escritor:

O poeta subalterno da fronteira-Sul reconhece e rechaça a política do poeta do centro e já pensou na possibilidade de pôr pra correr o poeta ocidental. Já o poeta nacional do centro não descarta a chance de ocupar o lugar do poeta universal a repetir sua poética nos grandes centros do país e periferias afora. (NOLASCO, 2018, p.36).

Para Nolasco, o poeta sul-fronteiriço que vive, pensa e produz a partir das margens e das periferias dos centros hegemônicos, necessita rechaçar a política do poeta hegemônico, pois é a partir da fronteira, lugar esse onde ainda grassam as opressões de poder, que deslegitima as literaturas e saberes não-modernos frente as ditas universais. A escrita poética delineada da fronteira necessita ser ouvida e expandida para os grandes centros, pois é a partir de uma teorização e uma inserção do bios e lócus desses sujeitos subalternos que poderá resultar em uma prática discursiva que não trata apenas do regional, mas que irá reivindicar uma forma outra de poetizar vidas e sensibilidades locais.

Utilizarei uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na crítica biográfica fronteira, delineada por conceitos como exterioridade, memórias subalternas, fronteira, desobediência epistêmica, desprendimento, razão subalterna, semelhanças na diferença, entre outros. Para tanto, me valerei do viés possibilitado pela crítica biográfica

¹ Ao longo dos anos, Edgar Nolasco vem se dedicando em seu ofício de escrever o que ele tem nominado de “despoética fronteira”, visando delinear em seus poemas, sua “desbiografia”. O intelectual mostra querer resolver, por meio de sua teorização despoética, tudo o que ele percebe não ser mais possível de ser resolvido pelo melhor das Teorias modernas atuais. Nolasco parte da exterioridade fronteira, como forma de procurar pensar a partir de uma epistemologia fronteira outra não contemplada pela poética, nem pelas Teorias modernas.

fronteiriça de Nolasco, da crítica biográfica de Eneida Maria de Souza e da epistemologia descolonial presente nos escritos do argentino Walter Mignolo.

Vou defender a consonância da pós-colonialidade com a crítica biográfica fronteiriça, pois considero que é importante compreender essa perspectiva, para assimilarmos com êxito, o que é e qual a sua relevância em tempos pós-coloniais e decoloniais. Diante disso, o professor sul-mato-grossense vem, há muito tempo, desenvolvendo pesquisas e pensando, a partir da fronteira, sobre teorias fronteiriças e sua significância tanto no contexto de fronteira como no da produção intelectual periférica latino-americana, em especial sul-americana, ao dialogar direta e dialogicamente com críticos e teorias que realocam nosso sul global como espaço epistemológico relevante.

Nessa esteira, proponho uma discussão/definição acerca das *exterioridades* (NOLASCO, 2018), do *bios e locus* dos escritos teórico-ficcionais do referido professor, e das epistemologias fronteiriças que são aportadas pelas discussões delineadas pela exterioridade, englobando o locus territorial e geoistórico na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, possibilitando que fundamentemos nossas discussões teóricas dessa terra tangida pela cor *sanguinolenta* (NOLASCO, 2019) de um crepúsculo oscilante. Afinal, para nos desprender precisamos ser epistemologicamente *desobedientes* (MIGNOLO, 2012) ante à epistemologia moderna que se instalou e ainda caminha pela fronteira, através do discurso acadêmico e do pensamento ocidental que muitas vezes se quer hegemônico, repetindo a lição da lógica colonial moderna.

Conforme ressalta Walter Mignolo, em *Habitar la frontera* (2015, p. 180) “desprender-se significa modificar as regras do jogo e as relações de poder”². Portanto, o fazer colonial carrega consigo todo um apagamento de subjetividades dos sujeitos subalternos, e tal desprendimento torna-se necessário para o pensamento descolonial. O intelectual fronteiriço, por saber que age de forma desobediente diante dos saberes vindos dos centros hegemônicos, que querem impor uma forma de pensar e de teorizar, compreende que precisa exercer um ato de desprendimento por meio de sua escrita desobediente.

Neste sentido, o presente trabalho analisa a importância das memórias subalternas nas obras de Edgar Nolasco à luz do diálogo teórico com outros intelectuais, como Glória Anzaldúa, Ramón Grosfoguel, Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Franz Fanon, Juliano Garcia Pessanha e Eneida Maria de Souza, que trata questões importantes nas quais ela vem, ao longo dos anos, hibridizando vida, obra e paisagens

² [...] desprenderse significa modificar las reglas del juego y las relaciones del poder. (Tradução livre)

biogeográficas no projeto estético e também intelectual de qualquer autor. Associadas às noções crítico-biográficas projetadas e produzidas por esses intelectuais, perpassando pelos estudos descoloniais e fronteiriços e sensibilidades locais do pesquisador argentino Walter Mignolo, pretendo ler a obra ficcional e teórica de Edgar Nolasco, com especial atenção e enfoque a um projeto de como habitar e falar a partir da fronteira. Minha pesquisa se divide em três capítulos, seguindo a orientação a seguir.

No capítulo 1, escolhi o título “UM LUGAR CHAMADO FRONTEIRA: discussões acerca das memórias subalternas de um intelectual pensante que aprendeu a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira-sul”. Como ponto de partida deste capítulo, me valho de conceitos-chave que irão fomentar a discussão teórica que são: fronteira, sensibilidade, desobediência epistêmica, memória e exterioridade. Sei da importância real e necessária de teorizar a partir da fronteira-sul, lugar subalterno por excelência e nesse sentido, me assento na crítica biográfica fronteiriça para fazer teorização acerca da obra teórica e ficcional do professor-poeta, para quem tais conceituações fundamentam suas bases críticas e sensibilidades poéticas.

No capítulo 2, A DESBIOGRAFIA DO POETA-URUTAU: a importância real e necessária do espaço/fronteira na poética-ficcional de um intelectual desobediente de nascença, parto da desbiografia do intelectual pensante e meu aliado hospitaleiro Edgar César Nolasco me pauto na relevância do espaço/fronteira e das sensibilidades locais de sua poética narrada a partir dessa fronteira sanguinolenta, onde habita o melancólico pássaro cujo canto evidencia a dor, a saudade e a paisagem ímpar da fronteira-sul.

O intelectual fronteiriço aprendeu que somente uma crítica desse lócus subalterno por excelência pode abarcar suas discussões acerca das sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos e das produções envolvidas, de tal forma que ele mesmo escolheu aprender a desaprender as lições canonizadas nas margens dos pensamentos fronteiriços. Pretendo evidenciar como as memórias fronteiriças do professor-poeta se entrecruzam com as minhas, e que sua poética narrada da fronteira pode me ajudar a pensar criticamente a partir desse lugar subalterno por excelência.

Trago para a discussão deste trabalho uma teorização despoética, cuja prática de ordem fronteiriça surge da consciência que o autor tem da importância do espaço-fronteira para a criação como um todo. Edgar Nolasco procura resolver através de sua teorização despoética tudo aquilo que compreende não ser possível ser resolvido pelas teorias modernas de base ocidental e oriundas do norte global; partindo da exterioridade fronteiriça, busca pensar a partir de uma epistemologia fronteiriça outra, como um ato de se desbiografar no verso de seu fazer poético e no reverso de suas teorizações epistêmicas.

No capítulo 3, ENTRECruzamentos de Fronteiras: onde a minha fronteira se cruza com a do professor-poeta, trago para o bojo da discussão leituras acerca da desobediência teórica-fronteiriça, tão presente na poética ficcional do professor-urutau. Continuo com minha reflexão acerca da teorização pautada no bios e no lócus, em uma base epistemológica outra, fronteiriça, pois enquanto pesquisadora e crítica que habita e vivencia a *fronteira*, a mesma está para minhas sensibilidades e experivivências do mesmo modo como percebo que está no âmago da poética e das teorizações críticas de Nolasco, e nela nos encontramos e nos fazemos aliados hospitaleiros.

Por fim, resta dizer que, para o desenvolvimento desta dissertação, parto do princípio de que a memória é a capacidade de guardar informações de modo que possam ser recuperadas quando procuramos recordá-las, sendo indispensável para termos acesso ao nosso bios. É nessa direção que este trabalho pretende seguir, a partir do estudo da poética ficcional de Nolasco, que é um sujeito híbrido, fronteiriço, mestiço e múltiplo. Diante disso, quero demonstrar como as memórias deste intelectual desobediente de nascença se entrecruzam com minha vida, contribuindo para minhas próprias teorizações acerca das sensibilidades fronteiriças, evidenciando a importância real e necessária da crítica biográfica fronteiriça, termo/conceito cunhado pelo intelectual, erigido a partir da fronteira-sul Brasil/Paraguai/Bolívia, nos dias atuais.

CAPÍTULO I

UM LUGAR CHAMADO FRONTEIRA: discussões acerca das memórias subalternas de um professor-poeta que aprendeu a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira-sul

Nasci na fronteira-Sul; Cresci na fronteira- Sul; Parti da fronteira Sul. Trouxe a fronteira-Sul dentro de mim: - Um grande sertão epistemológico. Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira.

NOLASCO. *Pântano*, p. 13.

1.1 Reflexões acerca das sensibilidades e exterioridades de um intelectual fronteiriço

Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

HEIDEGGER. *Building, Dwelling, Thinking*.

A fronteira tem poetas, sim, e produz uma sub-poesia atravessada pela Natureza local ignorada e rejeitada e exprobadada e massacrada e descartada e universalizada.

NOLASCO. *Pântano*, p. 87.

A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se arranha contra o primeiro e sangra.

ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

A fronteira em que habita o intelectual Edgar Nolasco pode ser considerada uma fronteira tanto da ordem territorial como, e principalmente, epistemológica, e como ele mesmo expressa, através da voz poética na obra ficcional *Oráculo da fronteira* (2018, p. 74), “desejo ardentemente aprender a desaprender desenhar os contornos instáveis de minha fronteira-sul”. Então, o autor delinea nos poemas que constituem *Oráculo da fronteira*, através de sua escrita poética que deseja, antes de mais nada, aprender para desaprender delinear as margens que se encontram tão imperceptíveis e instáveis de sua fronteira. Quando o poeta iniciaria a escrever um poema, avistou um bugre atravessar a sombra do dia, atravessar a fronteira-sul, atravessar o pântano a pé, trazendo no corpo um desejo de terra não prometida, para talvez sumir na imensidão do oeste decadente para a melancolia.

A fronteira já estava entranhada em si, no bugre avistado, se fazendo tão presente em sua vida, desde sua infância, nas terras da Revolta, que aqui representa o arquivo poético que vela as sensibilidades locais e biográficas de um homem-poeta que sabe que vai morrer quando a tarde declina para a melancolia do crepúsculo oscilante da fronteira. Como Nolasco afirma, em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 23) [...] “eu estava predestinado a saber que a Revolta velava um pântano abissal³ para o qual convergia meu coração fronteiriço”. Mas por que ele menciona, ao longo de sua escrita ficcional, a palavra Revolta? Além do substantivo próprio Revolta nomear a fazenda em que viveu sua infância, pode significar a sua própria

³ Conceito proposto por Boaventura de Sousa Santos em *Epistemologias do Sul*.

revolta com o descaso que ocorre com os autores fronteiriços desde sempre, que muitas vezes sentem o abandono profundo e sombrio da fronteira, que atravessa geração e geração, perpassando pela tradição milenar fronteiriça.

Conforme o ensaísta, o poeta fronteiriço produz uma sub-poesia, pois seus escritos estão em suas vivências locais, suas subjetividades ímpares, que só quem vive na fronteira pode saber produzi-las. Seu verso está aí, quase inaudível, inexistente, pois quase não é ouvido e, infelizmente, essa poesia é rejeitada e ignorada pelos centros hegemônicos.

Em um caminho já traçado pela chegada dos conhecimentos e teorizações vindos/impostos pelo norte global, parto da citação de Heidegger (coloque ano de nascimento e ano de morte), escritor e filósofo alemão, quem já indicava que a fronteira não é ponto de término, mas onde algo - ou para nós, na fronteira - onde tudo começa a se fazer presente. De fato, é com um olhar descolonial que leio, desaprendo e reaprendo, dialogando com a herança do pensamento ocidental: não o aceito, meramente, mas estabeleço uma construção epistêmica outra e então proponho tratar essa discussão sobre fronteira não como noção de limites, mas sim como uma linha imaginária, geográfica e principalmente epistêmica de encontros plurais linguísticos, culturais, de vidas, experivivências e sensibilidades que bem servem para teorizações e ficcionalizações, como faz Nolasco. Como delinea o professor e ensaísta, em *Oráculo da fronteira*:

[...] “vi que a planície da Revolta mais o rio que a atravessa e o crepúsculo oscilante da fronteira compunham meu poema e minha biografia e compreendi que eu havia cumprido a minha sina de atravessar o deserto da vida e me deparar do outro lado com o mais estranho de mim mesmo (NOLASCO, 2018, p. 79)

. Com sua escrita ficcional, ele mostra que reconheceu que estava condenado a se reclinar para o Sul até sua morte, restando-lhe saber escolher o caminho que o levaria até do outro lado da fronteira-sul, pois sebe, desde sempre, que tem um pântano plantado no centro de sua vida, pois a “Revolta é a origem de tudo, o princípio para a minha ignorância” (2018, p. 79). O título desta pesquisa-passageiro mostra que a fronteira até pode ser imaginária, mas dói, como dói...

O professor enfatiza, em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 84) “os deuses subalternos da fronteira me convocam a narrar histórias escuras e obscurecidas, quase insignificantes, enterradas vivas nas profundezas do pântano” [...], pois ele mesmo diz que sabe que seu bios o salva para a poesia, pois a fronteira habita em sua vida, em sua alma de poeta. Ele escreve que o que lhe resta é caminhar na direção da fronteira, porque às vezes, durante o tempo da busca, ou melhor, da travessia, se depara com a revelação do que há de mais

profundo de si mesmo, então chamando-a de poesia, como se fosse um bios construído, em que o poema é apenas a carcaça (do dentro).

O intelectual sul mato-grossense é um sujeito híbrido, fronteiriço, mestiço e múltiplo, há vários Nolascos permeando minha escrita. Pondero aqui que suas memórias emergem e existem entre fronteiras, e são escritas a partir da exterioridade dos saberes, alicerçando-se em uma epistemologia fronteiriça fundada de um lugar específico, que é a fronteira-sul. Segundo diz, em *Habitar a exterioridade da fronteira-sul* (2018, p. 49) “a possibilidade da escolha, assim como eu mesmo estou tendo agora quando leio, penso e escrevo que a exterioridade se converteu em uma questão para mim”.

O professor demonstra, através de uma consciência outra, partindo das *linhas abissais*⁴ que, como pontua Boaventura de Sousa Santos, estas dividem o mundo humano do sub-humano, de tal maneira que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas, e que estão, de certa forma, embutidas nas produções não-modernas, isto é, pensando nos lugares periféricos, compreende-se que, por conta da colonização imperial do pensamento moderno, as memórias subalternas foram encobertas pelas modernas, não possuindo representação na cultura. Isso mostra que a razão poética fronteiriça ainda não conseguiu alcançar o outro lado da fronteira, pois o norte não percebe ou se nega a considerar as produções de nosso sul global, porque ainda não leram o visível no invisível, isto é, a língua da fronteira tem a sua específica herança cultural e familiar pois, como afirma Nolasco, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013, p. 107), “sua história subalterna, que, se, por um lado, permite o diálogo com a tradição moderna, por outro, inaugura uma episteme periférica cujos postulados críticos se ancoram a partir das diferenças coloniais”.

Sendo assim, o intelectual Boaventura de Sousa Santos diz que “uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (2010, p. 15). Então, segundo o que se depreende das considerações de Sousa Santos, epistemologia é toda noção ou ideia sobre as condições do que conta como conhecimento válido e, como assevera o autor, é necessário incitar um esforço coletivo para desenvolver uma epistemologia do sul, pois esse movimento é feito a partir de um movimento principal e um contramovimento subalterno, e “eu chamo o movimento principal o retorno do colonial e o retorno do colonizador” [...], (2010, p. 38).

Por fim, conforme a epígrafe da intelectual chicana Glória Anzaldúa, a fronteira

⁴ SANTOS. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, p. 31.

entre o Terceiro Mundo se arranha com o Primeiro Mundo e sangra, como uma ferida sempre aberta e reaberta e, na aproximação que pretendo, as epistemologias do sul global se arrancam com as do norte global, impedindo uma cicatrização como amálgama, por um lado, mas propiciando, por outro, a construção de formas outras de vida, conhecimento e experiências. É neste sentido que, perpassando pela poesia de Edgar Nolasco, suas teorizações de ordem descolonial e de crítica biográfica fronteira se desenham, pois dentro da travessia da noite, o professor e poeta chega para a descoberta da origem de seu bios, e o poema o abandonou do outro lado das inúmeras possibilidades de compreensão da fronteira e, como se fosse um andariego perdido na imensidão do Oeste, guiou-se através da planície e pela cor inconfundível do crepúsculo oscilante da fronteira até chegar ao cúmulo de crer em um sentimento que pudesse ser útil para a sua poesia (2018, p. 94).

O intelectual afirma, em *Oráculo da fronteira*:

compreendi que o poema era o oráculo onde a razão se desalojara. Pedi mais dor e mais angústia, e a poesia me respondeu: *atravesse a sua exterioridade e não tenha medo de sangrar no próprio corpo.* (NOLASCO, 2018, p. 94)

Assim, o próprio professor olhou para o crepúsculo e para um barrado sanguinolento, que também era de um azul quase negro, que tangia as franjas do pântano, para talvez, ter uma resposta. Ele evidencia, desde sua escrita ficcional, a construção de suas teorizações biográfico-fronteiriças; assim, menciona ainda que, somente muito mais tarde, foi entender que para o homem da Revolta: “a fronteira só existe dentro de sua mente e de seu coração. (Não descarto a fronteira geográfica, mas, infelizmente, acontece que aqui ela é muito sangrenta e injusta)” (2018, p. 85). Os poemas do ensaísta, como seu destino, precisam estar engastados no fio suspenso da exterioridade da fronteira invisível; de modo semelhante, é na exterioridade dos saberes hegemônicos que desenvolve as teorizações de sua crítica biográfica fronteira.

Como destaca Nolasco, vem da ilha da Revolta e das grandes profundezas dos chacos do outro lado da fronteira esse infinito desejo obscuro de assassinar a poesia e de matar a vida em plena tarde. Então, ele assevera: “resta para o poeta perseguir o cheiro travoso das pitangas rasteiras do campo. Dentro de um vermelho de sangue elas estouram quando o sol encosta nelas a quentura de fogo e mel dele” (2018, p. 97).

O escritor afirma em seus poemas que nunca irá dizer num verso que seu crepúsculo do oeste é triste, apesar de sangrar dentro da tarde incessantemente suspensa, pois trata-se de uma escolha que pertence somente a ele. Pondero aqui que é somente por meio de minhas próprias leituras que posso engendrar minha escrita e narrar minhas memórias e as de Edgar Nolasco, mesmo que de maneira metafórica. Trago para elucubrar com minhas teorizações Juliano

Pessanha que diz, em *Recusa do não lugar* (2009, p. 114) “se o um emerge do dois, e a própria interioridade humana é o precipitado de escavações e do mergulho de outros em mim, é mais apropriado não falar de indivíduo, mas de divíduos”. Escrevo a partir da fronteira-sul e de minhas subjetividades, e todos os autores lidos por mim até aqui se transformam, antes de tudo, em aliados hospitaleiros em minha escrita e se fazem presente na forma de amizades escolhidas nesta narrativa. Ele escreve sobre suas sensibilidades e dos sujeitos que habitam a fronteira-sul, que são os espaços ditos marginais e subalternos por excelência.

Assim, pois, faço a ressalva que, para falar de e com Nolasco, intelectual fronteiriço que reconhece que teorias, teorizações e mesmo o fazer poético-artístico fronteiriço apenas se constitui como tal a partir do ‘de fora’, ou seja, da exterioridade do saberes hegemônicos, modernos e coloniais, preciso me negar a tomá-lo como objeto. Autor e obra não estão sob análise, como algo desarticulado de minhas próprias reflexões e teorizações; ao contrário, o escritor se converte em meu *aliado hospitaleiro*⁵, usando a expressão de Pessanha (2018), permitindo a troca mútua, o plágio consentido, a construção em conjunto, uma aliança intelectual que me sustenta e me dá fôlego para refletir sobre a fronteira e a crítica bios.

Como afirma a escritora chicana Gloria Anzaldúa em *Borderlands* (2007), assim como a própria ideia dos choques, embates e constantes fricções entre fronteiras que se constroem geográfica, simbólica, cultural e epistemologicamente de modos tão diferentes, são os sujeitos fronteiriços que sangram, como uma ferida *aberta*⁶, sendo uma condição real e necessária falar, não sobre ou por eles, mas a partir deles. Quanto a essa fronteira específica tratada por Anzaldúa, na qual pontua a borda fronteiriça Estados Unidos-México, o intelectual afirma, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013, p. 72) “[...] entendo que tal metáfora encobre todo tipo de fronteira e sua condição, inclusive epistemológica”.

Transportada essa imagem metafórica para a fronteira aqui em questão, encontro a ferida aberta que sangra em prol de todas as diferenças. Nesse sentido, procuro deslindar questões partilhadas por mim e por Nolasco a partir de uma opção descolonial, pois mesmo eu e ele sendo pesquisadores e habitando esses espaços fronteiriços em uma condição hegemônica em que os mandos e os desmandos, o abuso de poder, a falta de lei, a injustiça, a paisagem sangrenta⁷ contrapõe-se e é encoberta pelo crepúsculo oscilante da fronteira-sul.

⁵ Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo objeto para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo. PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.71.

⁶ ANZALDÚA. *Borderlands*, p.42.

⁷ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 72.

A pesquisadora e professora da UFRGS Karla Maria Muller afirma que “a fronteira constitui-se em elementos de investigação de diferentes Campos de Conhecimento” (2012, p. 69). Para Muller, as fronteiras demarcam limites, podendo delimitar eixos de contato, determinando também o âmbito de regiões e países, reconhecendo contornos, tornando-se parâmetro como lugares de integração entre distintos grupos e povos, e as fronteiras aguçam o imaginário de pesquisadores, transformando-as em marcas alegóricas. Como ressalta o professor: “meu poema é a narrativa de meu destino pelo lugar de fronteira, é minha travessia para um lugar que já me reconhecia como meu, mas no qual eu nunca chegava propriamente dito” (2021, p. 34).

O ensaísta escreve em sua poética ficcional que o máximo que consegue chegar por meio de seu verso foi a comunhão com o seu lugar fronteiriço, não obtendo nenhuma testemunha sequer, mesmo o oráculo da fronteira-sul e seus bugres subalternos estarem a sua espera desde o crepúsculo sanguinolento. Ele diz, como em um aparte: “ (adianto e acrescento aqui que minha questão não é e nem nunca foi de ordem filosófica, mas de ordem epistemológica)” (2021, p.34). Trago para dialogar com minhas teorizações Walter Mignolo que afirma, em *Histórias locais/projetos globais* (2003, p. 158) “a localização é não apenas geográfica, mas histórica, política e epistemológica”. Dito isso, um local epistemológico específico que, se, por um lado, opõe-se à crítica pensada nos grandes eixos do país e do mundo, por outro lado, articula-se a partir da situação na qual foram colocados ou mesmo se encontram os sujeitos que vivem na condição de fronteira.

A professora Muller destaca que os debates transpassam pelas fronteiras culturais, fronteiras nacionais, também por referências existentes e visíveis, como por exemplo, nas praças, pontes, nas ruas, que são os constructos figurativos que residem no pensamento de cada indivíduo. Para ela, em se tratando de fronteiras nacionais, convém salientar que não apresentam somente o status de local de Segurança Nacional ou mesmo o ingresso de mercadorias importadas, mas simbolizam um espaço significativo de ligação com a cultura do outro, aquele sujeito que está ali, na cidade próxima ou na mesma, no momento em que as duas cidades coirmãs compõem somente uma concentração urbana. Para Nolasco, a condição de fronteira na qual se situa o lócus geoistórico cultural, que pode ser denominado de fronteira sem lei (Mato Grosso do Sul/Paraguai/Bolívia) condena o lugar a se abrir, ou estar eternamente aberto, como sendo um lugar de hospitalidade incondicional.

Talvez para fazer jus ao território da fronteira marcado pela falta de lei, pela prática do contrabando, onde os entreveros acontecem com muita frequência, lugar por onde os foragidos e forasteiros atravessam em plena luz do sol, ou na calada da noite, onde ocorre uma luta sangrenta pela terra, onde se encontra com muita facilidade cemitérios clandestinos, mas também onde trabalhadores vivem, apesar

do descaso do estado, com certa dignidade, ali, nesse lugar propício à hospitalidade incondicional, logo avesso ao direito e à política, não há lugar para a hospitalidade condicional [...] Essa atmosfera de um visitante sem convite (hospitalidade condicional) e sem documento ilustra, metaforicamente, o corredor de passagens e de transeuntes que migram, atravessam (ANZALDÚA) de um lado para o outro a aparente fronteira sem lei do Sul do Oeste brasileiro. (Aparente aqui porque a zona de fronteira faz e impõe sua própria lei a todos que por ela cruzam.). (NOLASCO, 2013, p. 124).

Como diz o ensaísta: “a fronteira sinaliza o lugar, ou espaço, por onde todos migram: os povos, as línguas, as produções culturais, as culturas enfim” (2013, p. 124). Então, nesse particular, é perceptível o quanto as produções culturais dessa zona de transfronteiridade sempre se mantiveram voltadas para um diálogo cultural que foi imposto pela própria condição de fronteira, como, por exemplo, em Mato Grosso do Sul/Paraguai/Bolívia, distintivamente da crítica acadêmica, que desde sempre esteve voltada para os grandes centros hegemônicos do Brasil e do mundo. Para ele, a crítica local em questão não soube escutar o balbucio fundacional imposto pelas produções culturais da fronteira, “[...] como se essa condição de transfronteiridade (epistemologia fronteriza) não marcasse, para o bem ou para o mal, seus corpos, permitindo a elas a especificidade inerente a cada lócus geoistórico cultural” (NOLASCO, 2013, p. 125). A professora Muller destaca ainda:

[...] as fronteiras nacionais conurbadas e semi-conurbadas apresentam-se como cenário propício para avaliar *in loco* como se estabelecem processos de interação com nichos de intersecção entre distintas culturas. Podemos afirmar que os espaços de fronteiras nacionais são fecundos para analisar a presença de fronteiras culturais, existentes em tantos outros lugares, mas aqui mais fáceis de verificação (MULLER, 2012, p. 70).

A pesquisadora Muller salienta que, ao analisar os movimentos dos fronteiriços, constata-se a existência de componentes que, segundo a autora afirma, são: “flexibilidade e oscilação em tratar o lugar como local ou internacional; forte espírito de identidade nacional, alimentado por cidadãos de ambos os lados” (2012, p. 70) também o contrabando, o tráfico de drogas, o abigeato, etc, que podem ser vistos nestes lugares e pedem nossa mirada examinadora. Muller alega que “um sentimento forte entre pessoas do lugar é de alteridade, o que provoca melhor aceitação de culturas distintas” (2012, p. 70). Cabe aqui ressaltar que as fronteiras simbolizam mais do que simplesmente uma separação ou união de pontos distintos, pois a presença de muitos imigrantes que se instalam em vários polos das fronteiras nacionais acaba por misturar seus hábitos culturais entre os já existentes no lugar, favorecendo a acolhida de outros costumes. Ressalto aqui que em regiões de fronteira Brasil/Paraguai ou Brasil/Bolívia, são comuns os relatos de menosprezo das culturas paraguaias e bolivianas.

1.2 Uma visada epistemológica demandada da zona de fronteira, que também produz saberes que geram suas próprias teorizações

Uma produção interessante e recente acerca das fronteiras brasileiras é o documentário *Portuñol*⁸, da jovem cineasta, diretora e roteirista Thaís Fernandes. Produzida por Epifania Filmes e Besouro Filmes, foi filmado em diversas cidades fronteiriças, como, por exemplo, Rivera, Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu e Ponta Porã, que fazem fronteira com Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia.

Portuñol é uma bela e emocionante viagem perpassada pela cultura fronteiriça desse nosso imenso Brasil, e foi se construindo a partir de vários depoimentos de habitantes *hispanohablantes* que vivem de ambos os lados dessas fronteiras, e um deles foi o do músico Mauro Martins, que é morador de Rivera (Uruguai), que faz divisa com a cidade brasileira chamada Santana do Livramento, conhecida como a fronteira da paz, tem mãe uruguaia e pai brasileiro, cresceu falando espanhol, português e portunhol, é músico e canta suas músicas mesclando essas línguas.

Se, como diz o músico Mauro Martins, no documentário *Portuñol* (2021) “a fronteira não existe, é somente uma linha imaginária”, o que fazer com ou pensar sobre as fronteiras onde habitamos e com as fronteiras que nos habitam? Ao longo de sua poética-ficcional, Edgar Nolasco delinea que as fronteiras nos habitam, pois como ele mesmo ressalta, em *Pântano* (2014, p. 11) “nasci na fronteira-sul; logo penso dela”, pois uma poética fronteiriça propõe saberes e ignorâncias outras, que surgem para tentar romper o discurso acadêmico e disciplinar.

Mas se essa fronteira, que é o seu lugar de fala, é mesmo só uma linha imaginária, algo que não existe, como acredita o artista fronteiriço, como explicar tantos discursos negativos que se constroem acerca da fronteira? Como algo que não existe, porque para Martins, a mistura de várias culturas, como a música e as linguagens, por exemplo, se misturam para romper fronteiras, desvendando essas várias latinidades, tentando unir esses inúmeros personagens. Em diálogo direto com a ideia expressa pelo documentário, entendo que, para Nolasco, a cor matizada do crepúsculo subalterno da fronteira faz-se redesenhar, contornando na relação distinta, o barrado sanguinolento que tange a água parada no pântano, quando o dia vai chegando ao fim.

O professor diz, em *Perto do coração selbeje da crítica fronteriza* (2013) “erige-se,

⁸ O documentário *Portuñol* (2021) traz uma investigação sobre a percepção da identidade nacional a partir do entrecruzamento entre o português, o espanhol e o guarani. Foi produzido pela roteirista Thaís Fernandes, e premiado como melhor longa gaúcho no Festival Internacional de Gramado de 2020. Acesso: <https://globofilmes.globo.com/filme/portunol/>

assim, uma poética transfronteiriça, marcada por uma cultura *salbaje* que brota de todos os lados da fronteira, sobretudo de seu lado epistemológico”, portanto, entre bárbara e *selbaje*, a fronteira-sul borda suas linhas da ordem do imaginário e do real, tracejando, às vezes do lado de dentro, às vezes do de fora, sua resistência e sua força. Ele usa uma variação que se aproxima de uma forma de uso do *portunhol*; assim, o próprio título mimetiza a teorização da epistemologia fronteiriça, no jogo visível das línguas que se mesclam e no invisível das construções críticas.

Nolasco ainda pontua: “e sempre impondo, ao seu modo, seu discurso fronteiriço como resultado possível de uma epistemologia gerada nessa zona que quase sempre beira o esquecimento por parte do saber moderno, acadêmico e disciplinar” (2013, p. 14). Mas essa linha imaginária pode ser tão forte a ponto de marcar corpos e almas daqueles e daquelas que habitam as fronteiras? A maioria dos depoimentos do documentário de Thaís Fernandes⁹ retrata a fronteira como um lugar imaginário, uma construção colonial, pois fica claro que essa concepção está na própria cultura desses entrevistados, como segue a seguir essas entrevistas.

A ideia de colonialidade para os entrevistados não é a mesma como é para as teorizações decoloniais, como por exemplo, a importância necessária de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por quem habita a exterioridade ou como destacado por Mignolo, em *Habitar la frontera* (2015, p. 181) “o pensamento fronteiriço é a condição necessária para se pensar descolonialmente”, onde trago os escritos ficcionais de Nolasco sobre o fazer decolonial, para me ajudar a pensar as teorizações fronteiriças que são pautadas na diferença.

A pedagoga Delmira Peres, diretora da escola indígena *Avá-guaraní/ocoy*, que fica na cidade de São Miguel do Iguazu, localizado no extremo oeste do Paraná diz, no documentário *Portuñol*, por exemplo, que não saberia nem como explicar o que é a fronteira, uma vez que para ela e seu povo, não há fronteira. “Minha mãe era uma índia de origem brasileira, meu pai era de origem argentina, então nós nunca usamos [fronteira]. Paraguai, Brasil e Argentina, era tudo um só.”

O músico Juan Luis Chamorro, rapper do grupo *Ha'e kuera ñande kuera*, na cidade argentina de Puerto Iguazú afirma, “a fronteira para mim não significa nada, porque em cada terra existe um *Mbyá*”¹⁰. Já Renata de Oliveira Manfio, professora e pesquisadora da

⁹ Thaís Fernandes é uma renomada roteirista brasileira, que dirigiu o documentário *Portuñol* (2021).

¹⁰ *Mbyá* é um subgrupo do povo Guarani que habita a região meridional da América do Sul, em um amplo território em que se sobrepõem os Estados nacionais paraguaio, brasileiro, uruguaio e argentino.

UNILA, situada no município paranaense de Foz do Iguaçu, que faz fronteira com Paraguai e Argentina, faz coro à voz de Delmira e Juan. Ela ressalta, em *Portuñol* (2021), “eu não vejo fronteira na verdade, vou circulando entre Paraguai e Argentina, eu não vejo como fronteira, porque faz tudo parte de um lugar só”.

A paraguaia Tamara Paniagua, estudante e moradora da cidade fronteiriça Hernandarias, que faz divisa com Brasil, Paraguai e Argentina, vai ainda mais além e diz, em *Portuñol*, que fronteira é lugar de fusão, pois afirma “a palavra fronteira significa divisão, mas aqui não tem divisão, tudo se junta, é como uma fusão. Não tinha que ser fronteira, tinha que ser fusão, porque todos nos adaptamos à cultura que vive ao lado, do que vem. Se alguém vem e nos convida, já acolhemos”, e, segundo ela, não são apenas 3 países porque tudo que passa por lá, fica de alguma forma.

Já Rosário Brochado, professora na cidade uruguaia de Rivera, que faz fronteira com a cidade brasileira Santana do Livramento diz, inclusive, que os modos de viver na fronteira deveriam servir de inspiração para todos e todas, uma vez que na fronteira é que se vive de verdade o que é a diversidade. Ela afirma, no documentário *Portuñol* (2021), que “as fronteiras não são linhas que separam, mas sim, zonas que têm vida própria e que devem ser respeitadas”, ou seja, não são países que limitam, porque há zonas que vão além dos limites convencionais, onde se vive de outra forma. A professora diz ainda que “o outro é diferente de você, porque fala outro idioma [...], mas não há conflitos na convivência. Eu acho que a fronteira é a encarregada de dar o grande discurso da diversidade que precisamos para os nossos tempos”.



Figura 1: Cartaz do documentário “Portuñol”
ano 2021 Fonte:

<https://globofilmes.globo.com/filme/portuno>

1/

Trago aqui o colorido cartaz do documentário *Portuñol* (2021), para evidenciar que as cores locais dos países Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia conversam entre si, e se misturam como um todo. Dialogando com a tradição literária brasileira, recorro ao escritor Machado de Assis, que ressalta em sua obra intitulada *Instinto de nacionalidade* (1959) “a poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro” [...], pois o que se procura nos escritores e artistas é um certo sentimento íntimo, tornando-os sujeitos de seu tempo e de seu país, mesmo que tratem de assuntos distantes no tempo e no espaço¹¹. O que se deve exigir do escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no espaço. No documentário, se nota algo semelhante nas reações dos entrevistados e, nas regiões de fronteira, tal sentimento se amplia e rompe com os limites literais de espaço, perpassados pelos elementos culturais e linguísticos.

Já para Edgar Nolasco, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriça* (2013)

¹¹ MACHADO DE ASSIS. *Instinto de nacionalidade*, p. 30.

[...] “as cores locais do país produziu um traço subalternista insolúvel, uma vez que qualquer julgamento crítico aqui (no Sul) passava pela aferição do de fora (do Norte)”. Segundo o intelectual, entre o nacional e o universal, entre o próprio e o alheio, o local e o global, o intelectual subalterno tem-se mostrado, de certo modo, através de sua arte, que pode resolver internamente sua subalternidade quando traduz e lê na diferença colonial as lições críticas do centro.

O escritor ainda diz: “literalmente, as cores matizadas do crepúsculo, ao invés de afastarem as línguas, os povos e as culturas, antes os aproximam por sobre uma transfronteiridade sem limites, mas regida por leis específicas do lugar” (2013, p. 32- 33). Para ele, as fronteiras estão, de certa forma, correlacionadas à hibridização por sua condição fora do eixo, por seu lócus geográfico cultural, por sua condição de transfronteiridade, que está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica no centro, ou da de fora. Posto isso, ele afirma: “isso se dá, na verdade, com relação à crítica itinerante vinda do centro. Porque, na verdade, a vida na fronteira está mais para a condição de cultura na fronteira” (2013, p. 56). Ambas, por conta da indissociabilidade entre línguas, povos e culturas, fundem-se quase que mutuamente.

O lócus e o bios da fronteira sem lei é ignorado pelos centros hegemônicos, que sofrem exclusão por parte do poder político do estado, que esquecido, cria suas próprias leis e, num conceito global, como por exemplo, uma língua subalterna como a portuguesa, quando empregada em outro contexto, na periferia, torna-se uma língua hegemônica.

Para uma literatura nascente nesses países, os intelectuais pensantes devem essencialmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não sendo estabelecidas doutrinas tão absolutas que a empobrecem. Entende-se que o traço subalterno está inscrito nesses sujeitos desde sempre, pois são as suas memórias e sensibilidades locais que estão impressas em seu fazer artístico e intelectual.

Diante do exposto, trago uma discussão/definição acerca de fronteira, ou melhor, de fronteiras, englobando também o lócus territorial e geográfico onde me encontro, na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Tal localização é condição essencial, possibilitando que fundamente minhas discussões teóricas de uma epistemologia outra, pautadas nas leituras ficcionais e teóricas de Edgar Nolasco, como conceitos fundamentais para sua/nossa constituição.

Evoco aqui a lição aprendida pelo professor e ensaísta e seus precursores - a la Borges? –a la Mignolo? A la Anzaldúa? – tão importante para recorrer ao pensamento descolonial e ao processo de pensamento e construção de conhecimento/sensibilidade

necessários a uma pesquisadora da e na fronteira, que para me desprender preciso desobedecer epistemologicamente. Assento-me na desobediência epistêmica e na crítica biográfica fronteira, pois demonstra minha sensibilidade local e do mundo, conforme afirma o pesquisador argentino Walter D. Mignolo, em *Desafios coloniais hoje* (2017, p. 20) “no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes”. Pautada nas ideias de Mignolo, entendo que a opção descolonial é um caminho que está em constante desenvolvimento, possibilitando definir meu posicionamento e percurso neste trabalho rumo ao desprendimento.

1.3 Pensamento crítico da fronteira: memórias subalternas, ou descoloniais, significam também um fazer descolonial que toma a memória como uma prática que se erige da vida

Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceituais dos centros como o que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (Mignolo) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. Foi por priorizar isso que procurei agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, [...] bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida. (NOLASCO, *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 15-16).

A epígrafe elencada acima expressa que pensar criticamente sobre, ou a partir de uma condição de fora do eixo, que deve ser espacial e imaginária, ao mesmo tempo em que leva o crítico a propor uma nova epistemologia, também o auxilia a formar um pensamento crítico. Para isso, pretendo criar possibilidades de diálogo com a produção ficcional de Edgar Cészar Nolasco, que teoriza seu discurso acadêmico ao lado de sua ficcionalização poética a partir da fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia, estabelecendo uma crítica pós-colonial latina, assentada como descolonialidade fronteira. De fato, o pensamento e a escrita do professor podem ser definidos, desde essa fronteira sanguinolenta onde “canta o urutau” (NOLASCO, 2014), ave símbolo de regiões do cerrado brasileiro.

Como afirma, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013, p. 16) [...] “a discussão pós-colonial [...], acerca da América Latina serviu para refletir criticamente sobre uma epistemologia “fronteriza” que me desse uma compreensão mais de perto do

lugar onde vivo, trabalho e penso”. A fronteira a qual se refere é tanto de ordem territorial quanto de ordem epistemológica, podendo ser considerado um lugar de aproximação ou de afastamento, mas, definitivamente, um lugar em que ‘algo’ se faz presente, se desenvolve.

É nesse lugar ímpar que escolhi viver, embora não seja minha fronteira de nascença. Lugar de subjetividades outras que passam por um biolocus, atravessado por especificidades que não foram vistas pela epistemologia moderna que só fez superestimar sua interioridade única.

Nesse sentido, o professor diz: “ a zona fronteira é o lugar por excelência para o labor de uma poética que emerge de uma força original e de sombra úmida de escuridão, capaz de causar desconforto a qualquer poética vinda de longe” (2018, p. 62). Evoco aqui minhas memórias que surgem nesse espaço entre fronteiras, na qual busco escrevê-las a partir de minhas sensibilidades, com base numa epistemologia fronteira constituída a partir da fronteira-sul, como assevera Nolasco: “meu poema, como meu destino, precisa estar engastado no fio suspenso da exterioridade da fronteira invisível [...] atravesse a sua exterioridade e não tenha medo de sangrar no próprio corpo” (2018, p. 94).

Firmada pelas ideias do intelectual, entendo que a exterioridade tornou-se uma questão importante para mim, e minha compreensão de meu corpo de mulher, pesquisadora, latina, atento que somente consigo teorizar acerca de memórias, criadas através da exterioridade que habita em mim, pela fronteira que me *arranha*¹² e me atravessa.

A autora de origem mexicana Glória Anzaldúa ressalta que as fronteiras se tornam fisicamente presentes em todos os lugares onde duas ou mais culturas se tocam, “onde pessoas de raças diferentes ocupam o mesmo território, onde as classes mais baixas, baixas, médias e altas se tocam, onde o espaço entre dois indivíduos se encolhe na intimidade”, (1987, p.17), e essa fronteira está constantemente em transformação, seus habitantes são os proibidos e os banidos, e lá vivem os atravessados, que são os vesgos, os estranhos, os perversos, os problemáticos, os mulatos, os cães de rua, os mestiços, os meio-mortos, simplificando, quem cruza, quem passa por cima ou atravessam os confins do normal.

Já Nolasco assevera, em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 92) “minha ignorância é a certeza de que o Sul sempre começou do outro lado da fronteira-sul, e só de imaginar em ter ido lá, mesmo sem nunca ter ido, eu vivi e trouxe a fronteira compósita inscrita no meu corpo”. Pondero aqui sobre a importância destas citações escolhidas para a minha leitura tanto da fronteira como para a minha teorização, pois concluo que todos os povos, todos os

¹² ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42.

lugares, todas as fronteiras, podem inventar suas memórias de vida, suas memórias de morte, suas memórias de sobrevivência. As memórias da fronteira sobrevivem à sua própria condição.

O ensaísta afirma que colhe as palavras *selbaje* e *fronteriza* da fronteira-sul, lugar onde o sol se põe e que, à sua maneira, o leva ao encontro de seu próprio *bios* familiar, cultural e histórico, também foram ditas por bolivianos, paraguaios, indígenas, brasiguaios, *bugres*, sul-mato-grossenses, galponeiros, pantaneiros e andariegos.

Constato, através de minha interpretação, que o professor e ensaísta descobriu que essas ditas palavras não lhe eram desconhecidas desde sua infância vivida naquela fronteira com o Paraguai, bem ali à beira do majestoso rio Dourados. Compreendo que as poesias de Nolasco narram sua memória cultural, que está atravessada pelas conversas dos campeiros e ervateiros daquela região. Então, toda errância cultural e histórica permanece entranhada em suas sensibilidades biográficas, como por exemplo, o por do sol sanguinolento como uma lembrança daquela paisagem local singular, que não se deixa moldar pelas palavras.

Percebo que as raças ditas *diferentes*, que vivem praticamente em todas as fronteiras, ocupantes do mesmo território, estão presentes em todos os lugares, porém o outro, quase sempre, não é bem-vindo, sobretudo quando as diferenças se fazem mais patentes, como na fronteira que separa a América dita desenvolvida e de primeiro mundo, e a América Latina e em desenvolvimento. Mas o que é o normal ou o fora deste ‘padrão’ de normalidade? Trago para o bojo da discussão Foucault, em uma retomada histórica, que afirma “[...] o anormal do século XIX também é um incorrigível, um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção. Eis o ancestral do anormal do século XIX” (2001, p. 73). Essa figura que o intelectual aborda é o indivíduo a corrigir, o indisciplinado, o visto como outro, podendo ser também considerado como desobediente.

Os residentes e os estrangeiros do sudoeste dos Estados Unidos, que são, em sua maioria, os latino-americanos, consideram os habitantes das terras fronteiriças como forasteiros, contraventores, sejam eles chicanos, quem é norte-americano e tem ascendência da América Latina, em especial do México, sejam negros ou índios. De acordo com Anzaldúa, em seu texto *Borderlands* (1987), é proibida a entrada, os *trespassers* serão mutilados, violados, atacados com gás lacrimogêneo, estrangulados, e os singulares habitantes legítimos são quem detém o poder, isto é, os brancos ou quem se alinham a eles, e a tensão toma conta dos habitantes das terras fronteiriças como um verdadeiro e original vírus.

Em comparação, aqui, na fronteira-sul Brasil/Paraguai/Bolívia, por também ser um lugar subalterno, infelizmente, há uma distinção de raças e linguagens, uma repetição, nos moldes locais, dos estranhamentos e demarcações entre pessoas e grupos. Então, quem são os subalternos aqui na nossa fronteira? E quem são os detentores do poder, da linguagem? Pondero que nós somos subalternos dentro do contexto da colonialidade, mas, por exemplo, em nossa fronteira-sul, o Brasil é o detentor do poder e da linguagem em relação à Bolívia e ao Paraguai, porque nós produzimos o preconceito nessa fronteira.

Nas considerações do escritor, e em minhas também, ser ou estar na fronteira implica partir do regional, do local, e aceitar a condição de outro, de estrangeiro, de deslocado, de ‘entre’ lugares, culturas, linguagens. Porém, acima de tudo, convém entender e aceitar a desobediência, sobretudo a desobediência epistêmica de que trata Walter Mignolo (2014) e outros críticos descoloniais. Segundo o que afirma Nolasco: “a teimosia crítica do intelectual *fronterizo* deve ser aquela de uma desobediência epistêmica constante” (2013, p. 13), portanto, é a partir da fronteira-sul Brasil/Paraguai/Bolívia, que Edgar Nolasco erige seu discurso crítico, por ser ocidental e simbolizar o lugar em que o sol se põe e também, metaforicamente falando, espelhar genuinamente a condição de crepúsculo oscilante sanguinolento, requer a ascensão de uma epistemologia fronteiriça peculiar que dê conta de fazer uma reflexão acerca desse lugar subalterno por excelência.

Na procura para mostrar a importância real e necessária de se pensar em uma epistemologia outra, tenho ciência que é preciso definir meu discurso com indivíduos reais. E sei que a fronteira onde erijo meu discurso crítico, através de minha escrita, não é apenas um lugar geográfico. Como destaca o próprio professor, pesquisador e escritor, é essa epistemologia outra que labuta a exumação das memórias, histórias e discursos subalternos, possibilitando a ascensão das sobras por fora do discurso centralizado da crítica moderna que predominou aqui nos trópicos com seu bondoso propósito salvífico e messiânico. Para Edgar Nolasco, a fronteira-sul é:

[...] Lugar das sensibilidades biográficas e locais, dos afetos (e desafetos) — lição esta que deve ser defendida como uma luta pelo intelectual fronteiriço; atrelado a esse desejo de um pensamento único de todos do lugar, porque atravessados (Anzaldúa) pelos mesmos sentires, fazeres e estares, resultando tudo numa grande coletividade de bem comum e viver a todos, sobreleva-se a lição primeira que deve ser seguida à risca pelo intelectual fronteiriço em sua desteorização: *se faz teoria para viver e não se vive para fazer teoria: não vivo para escrever teorias, meus caros que aqui me assistem; faço teorização para viver* (assim como tenho feito versos) — escavo formas de um viver melhor para todos (até os que me lerem) por

meio de minha teorização que se quer desprendida de qualquer razão teórica e qualquer tradição; escrevo e penso teorizando para *com-viver* comigo mesmo e com todos aqueles (a exemplo dos discípulos acadêmicos) que porventura e alto risco me lerem, me escutarem e que comigo conversarem. (Afianço que minha preocupação é teórica.) (NOLASCO, 2020, p. 61-62).

Nesse sentido, Edgar Nolasco destaca questões acerca do bios, onde suas teorizações se assentam em conceitos de ordem crítico-biográficos. O intelectual invoca as sensibilidades *locales*¹³ para a produção dos saberes, sempre levando em conta seu lócus de enunciação, que também é partilhado por mim, como crítica biográfica fronteira. A fronteira-sul é essencial para o diálogo que proponho aqui, assim como para o assentamento da crítica biográfica fronteira. Assim, a fronteira-sul se apresenta como um local e uma paisagem crítica específica para formular uma reflexão, isto é, a epistemologia fronteira delineia uma teorização também fronteira, que inicia pelo bios dos sujeitos envolvidos nessa zona de fronteira.

Como o intelectual ressalta, em *ENSAIO BIOGRÁFICO: Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?* (2020) “fazer teorização da fronteira-sul é um desprender-se continuamente da própria teoria escritural, da Teoria ocidental e da Tradição”, porque, para ele, somente por meio dessa conversa entre os amigos, os pássaros, os bugres e a Natureza é que o intelectual refaz sua travessia-teorização ao encontro de um *com-viver*¹⁴ entre todos do lugar, como por exemplo, seja de dentro da Academia, seja de fora, como dos guetos, das calçadas, das zonas fronteiriças, engendrando aí o contorno da paisagem biográfica de cada intelectual.

Segundo Edgar Nolasco, existe uma espécie de barreira teórica e disciplinar que, infelizmente, ecoa como intransponível para as teorizações que surgem das bordas da exterioridade. Então, por meio desse fazer teorização a partir de uma Universidade periférica do país, como é o caso da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, ele ressalta que “minha teorização se impõe a contrapelo e *esta-sendo* enquanto eu também estou-sendo, e meu corpo-teorização se move na encosta da fronteira-sul [...] dando-me a consciência de que minha travessia é a extensão de meu fazer teórico [...]” (2020, p. 63), pois para ele, é uma forma de viver e não mais um desejo de ter.

Para o ensaísta, a fronteira-sul revela, de maneira observada, tanto o lado de cá quanto o lado de lá de sua linha e, por fora de uma visada dualista, ele explicita que a

¹³ Conceito proposto pelo argentino Walter Mignolo em sua obra: *Histórias Locais/ Projetos Globais*, de 2003.

¹⁴ NOLASCO. *ENSAIO BIOGRÁFICO: Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?*, p. 63.

condição na qual se encontra o homem-fronteira é sub-humana em todos os sentidos possíveis.

[...] É esse território social fora da lei que encontramos na fronteira seca entre Mato Grosso do Sul (Brasil), Bolívia e Paraguai: sem-terras, nômades, andarilhos e andariegos, bugres e índios, sul-mato-grossenses, bolivianos e paraguaios, brasiguaios, que vivem ao deus-dará, atravessam e são atravessados pelos lugares fronteiriços em busca de melhores condições de vida. Se há um descaso do poder do Estado para com tais cidadãos, no sentido de oportunizar reais condições para uma vida mais digna, há também, como se pode constatar com uma certa facilidade, uma disputa nem sempre velada entre tais sujeitos-fronteiras (NOLASCO, 2013, p. 66-67).

De acordo com o que diz o professor, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) “o lado de cá da linha da fronteira não contempla o mundo fora da lei que grassa do outro lado encoberto por um crepúsculo sombrio, apesar de o sol se pôr sempre daquele lado real e imaginário”, pois por mais real que o espaço fronteiriço seja, o estado não consegue atingir seu limite, e o alcance invisível e ingovernável das relações de fronteira, físicos, linguísticos, simbólicos, epistemológicos, culturais, sociais, políticos, escapa a qualquer ideia de controle. Sem dúvida, esta é a condição essencial tanto para a teorização como para a poética de Nolasco: há algo incontido, incomensurável em sua constituição de homem-fronteira poeta, e o intelectual fronteiriço se compõe dessas paisagens epistemológicas na mesma medida em que a linguagem, as experiências e as sensibilidades locais compõem sua literatura.

Minha discussão parte da mesma fronteira narrada pela poética-ficcional do intelectual sul-mato-grossense Edgar Nolasco, poeta desse chão, que há anos vem se dedicando a elaborar uma escrita despoética, que traz a paisagem biográfica da fronteira-sul, erigida daquele lugar que, segundo ele mesmo narra ao longo de seus poemas, é sombrio e ignorado por uma poética erigida de dentro para fora.

Segundo o escritor, sua poética-ficcional trata de uma epistemologia que se funda na e da fronteira, que é o outro lado, fazendo unir no verso um mundo da escuridão da letra onde bate um coração que jamais morrerá no verso da poesia. Ele diz: “meu poema é a narrativa de meu destino pelo lugar de fronteira, é minha travessia para um lugar que já me reconhecia como meu, mas no qual eu nunca chegava propriamente dito” (2021, p. 34). Dito isso, o intelectual fronteiriço sabe que apenas uma crítica desse lócus pode assentar em suas discussões as sensibilidades biográficas e locais dos habitantes desse lugar, até mesmo do intelectual que escolheu aprender a desaprender as lições hegemônicas nas margens dos pensamentos erigidos nas fronteiras.

Como afirma o professor, o sujeito subalterno reúne-se, encontra-se consigo mesmo

no tempo presente da travessia, que é a sua única condição, visto que “a fronteira pode ser o caminho que aponta para os dois lados [...] As fronteiras, as margens, não são mais o lugar onde fica o resto do mundo. O resto do mundo não é mais aqui” (NOLASCO, 2013, p. 61). Conforme o professor, as fronteiras são bem mais do que a diferenciação entre o estrangeiro e o interior, e mais do que um local de reflexão. Suas considerações se alinham com as de Gloria Anzaldúa, possibilitando um rico diálogo:

Fronteiras são organizadas para definir os lugares que são seguros e não seguros, para nos distinguir deles. Uma fronteira é uma área de divisão, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Está em um constante estado de transição. O proibido e o não permitido são os habitantes. Os atravessados vivem aqui: [...] (ANZALDÚA, 1987, p. 25) (tradução minha).

Em seu discurso decolonial e transcultural, Gloria Anzaldúa promove em *Borderlands/La Frontera* (1987), seu pensamento e sua identidade, a partir de seu lugar de fala: a fronteira. A intelectual ocupa um papel importante por ter uma consciência multifacetada, isto é, consegue ver a fronteira como restritiva, mas também como capaz de criar certos discursos, tanto materiais quanto subjetivos um do outro. Anzaldúa, desde o início de seu texto, tanto alça sua própria voz como procura dar voz a outros marginalizados e rechaçados pela sociedade, que é excludente desde sempre.

O texto de Anzaldúa tem um papel significativo, que é o de recuperar as histórias locais e as identidades desaparecidas, também reproduzir nos sujeitos que vivem ou viveram no entre-lugar as subjetividades próprias deste local demandado pela cultura fronteiriça e suas histórias locais híbridas situadas entre lá e cá, povoados de sensibilidades locais biográficas, de afetos e memórias subalternas.

Como afirma Edgar Nolasco, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013, p. 94) “entre-lugar, liminar, lindeiro, transfronteiriço, parecem pontuar o lócus de um pensamento periférico, apesar de ele situar-se mesmo em sua específica zona de fronteira porosa e quase incontornável por ordem de seu imaginário periférico”, em seu modo de pensar e de agir. Anzaldúa é referência porque propôs em *Borderlands/La frontera* (1987) mostrar o modo de vida dos seres da fronteira, concedendo-lhes voz através de sua própria língua, descolonialmente rompendo com uma marca linguística de hegemonia. Para ele, a epistemologia do subalterno tem como importante papel desarticular a episteme moderna que sempre grassou nos lugares periféricos.

Cada vez mais, convenço-me de que quando se estuda um determinado lócus periférico, marginal e subalterno, é preciso que se defenda uma forma de se pensar a partir dessa zona periférica, como também das margens dos projetos globais, inclusive, e principalmente, das margens dos projetos críticos hegemônicos que

migram para a periferia com sua leitura cristalizada, totalizante e até mesmo humanista demais sobre o outro periférico que simplesmente entrou na discussão crítica como um vasto campo/corpo exótico e estranho a ser explorado (NOLASCO, 2013, p. 92).

O ensaísta ressalta que, quando se trata de países, povos e culturas fronteiriços, existe refluxos e influxos, bem como os lugares, as terras do lado de cá, como por exemplo, “rebrasileira muita coisa alheia, também a fronteira move-se numa transfronteiridade sem fim” (NOLASCO, 2013, p. 75). Segundo o intelectual, é importante o cuidado que precisamos ter em toda negativa que circunda o sujeito subalterno e seu lócus da ótica do discurso colonizante e moderno. Ele afirma: “deve-se considerar também nessa discussão o que possa vir de dentro dos grandes centros desenvolvidos para as zonas periféricas, sobretudo quando se tem em discussão um país continental como o Brasil” (2013, p. 76).

Ainda no rol da discussão, percebo que a poética bugresca de Edgar Cézár Nolasco está permeada pela desobediência epistêmica, na fronteira-Sul. Segundo aponta o intelectual, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013, p. 116) “os Bugres, por si só, têm o poder de exumar a história toda de um povo subalterno dentro da história ocidental da humanidade”, por isso, compete à teorização pós-subalterna reinserir a produção bugresca na história local. O professor e ensaísta afirma, em *A ignorância da Revolta* (2019, p. 86), “um andariego atravessando a fronteira é tão leve quanto a seriema cruzar a estrada ao meio dia. Vejo uma poética bugresca erigir do corpo lasso e rijo dos Bugres da Conceição” [...], dito isso, ele narra em sua poética que aprendeu as sensibilidades locais de tanto olhar para a imagem da escultura do “Bugrinho da Conceição” que fora depositado por sua mãe sobre sua escrivaninha.

Ao construir uma reflexão acadêmica sobre a poética-ficcional do ensaísta, o constato como sendo um aliado hospitaleiro, que me auxilia a constituir parte de minhas memórias, delineando minhas experivivências, bem como ressalta Bessa-Oliveira: “reconhecer como um corpo que compõe e é composto de suas histórias, memórias e lembranças e experivivências” (2019, p. 78). Diante do exposto, Nolasco diz: “a fronteira-Sul é o princípio de seu bios, assim como a planície dá a extensão de meu corpo de homem-fronteira, distendido sobre o pântano. A fronteira é meu eterno presente sem retorno” (2019, p. 88), dito isso, pondero que é como se fosse um fragmento biográfico que construo, como um modo de pensar a partir da exterioridade.

Ao redor da fronteira-Sul encontram-se povos, sujeitos e produções culturais específicas do lugar, com suas sensibilidades únicas, que praticam sua arte desde o âmago de seus corpos marcados pelas especificidades do lócus fronteiriço.

1.4 Corpos descoloniais da exterioridade do ser, saber, sentir e fazer epistêmico

Se tem um legado que não poderei negar ao meu poema são minhas sensibilidades biográficas e locais que resultam em minha formação identitária de homem-da-fronteira (Arre, cruz-credo, por pouco não disse poeta). (NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 50).

Edgar Nolasco já enfatizou em sala de aula, particularmente ministrando aulas na disciplina Literatura Comparada, que uma pesquisa tem alma, e suas memórias não se estabelecem apenas no campo das teorias, pois elas se encontram engastadas em meu corpo. Pretendo, ao longo desse trabalho, me assentar principalmente na crítica biográfica fronteiriça, pois a mesma se engendra como condição essencial de minha escrita crítica enquanto pesquisadora.

Conforme afirma o intelectual Bessa-Oliveira, em *Pedagogias da diversidade* (2019, p. 64), é necessário: “aprender a desaprender para reaprender (MIGNOLO, 2008)” [...], portanto, carrego comigo memórias que são relevantes para a exumação de meu arquivo, que auxiliam na construção para minha teorização descolonial, para que eu possa aprender a desaprender a razão moderna. A linguagem de uma poesia de fronteira se constrói fora, na exterioridade, apesar de originar-se no entremeio da zona fronteiriça. Edgar Nolasco diz: “a única maneira de romper uma exterioridade construída pela linguagem poética moderna com o único propósito de defender com barricadas e fossos sua interioridade” (2018, p. 66), e quando se pensa do lócus fronteiriço, isto é, da fronteira, é necessário um certo cuidado para que não se repita as teorias itinerantes que migram dos centros do país para as margens desconhecidas.

De acordo com o escritor, a poesia publicada no Mato Grosso do Sul não é em nada campesina; antes, é cidadina: “pois não foi pensada a partir das línguas e dos povos fronteiriços do Sul” (2018, p. 66). Continuo percebendo a necessidade de minhas leituras, que são atravessadas pelo outro, em minha experivivência, tão importantes para eu teorizar a partir da fronteira-sul. Nesse sentido, construo minhas memórias e teorizo sobre a fronteira, que é um local ímpar, onde o urutau se camufla por entre as árvores.

O professor Bessa-Oliveira enfatiza que pensar em *corpo* (2019, p.84) específico de uma linguagem de arte ainda é pensar em um corpo domesticado e disciplinado na

diferenciação entre emoção e razão como foi pensado pelo projeto moderno cartesiano, e que todo saber, ser e sentir ocidentais continuam apoiados na ideia de que o corpo precisa sofrer com separações na arte. Conforme Bessa-Oliveira, as distinções entre o que é um corpo e o que não é um corpo têm trazido muitas discussões; uma delas é sobre o “dualismo radical entre “razão” e “corpo” e entre “sujeito” e “objeto” na produção do conhecimento” [...] (QUIJANO, 2002, p. 5), posto isso, pondero que o corpo tem sua relevância pelo fato de que seja único e intransferível por possuir suas próprias especificidades.

Conforme ressalta Quijano, em *Colonialidade, poder, globalização e democracia* (2002, p. 5), “[...] tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social”. Proponho essa discussão que fala sobre a relação do corpo, porque acredito que todo corpo é tocado por inúmeras sensações, impressões, intuições, vivências e sensibilidades. Desse modo, acredito que seja impossível separar a composição de uma paisagem local e biográfica com o corpo que a está construindo, pois a minha experivivência na fronteira-sul é formada por minhas sensibilidades locais.

Para o ensaísta, na fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul, nas cidades de Pedro Juan Caballero (PY), Ponta Porã (BR), Bela Vista (BR), Corumbá (BR), Puerco Quijano (BO), os atravessados vivem, ou seja, os brasiguaios, os sem-terra, os foras da lei, os índios, os paraguaios, os próprios brasileiros, os bolivianos, os peões e tantos outros povos, todos atravessam e são atravessados por serem considerados sujeito-fronteira.

O professor ainda afirma: “essa condição de sujeito marginalizado, excluído e subalterno e sua luta pela sobrevivência também faz parte das incertezas das margens” (NOLASCO, 2013, p. 77). Nesse sentido, a categoria vista como “outro” corresponde a uma das visadas do mundo colonial para permanecer banindo corpos marginais, femininos, gays e negros, a exterioridade. Pondero que existe uma epistemologia colonial, que assenta que o outro possui um pensamento inferior, constituído a partir das fronteiras. Walter Mignolo diz: “uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação ‘a má sorte’ de ter nascido onde nasceu, então despenda-se” (2017, p. 19).

O que procuro alcançar com esse trabalho é pensar e fazer uma teorização que simbolize a real e necessária relevância de minha pesquisa, que é erigida a partir da fronteira, denotando as minhas sensibilidade locais e geográficas. Por isso, através da leitura descolonial de Nolasco, tenho o direito de recusar esse olhar “torto” dos centros

hegemônicos que foi, de certa forma, imputado ao local onde escolhi viver, que é a fronteira-sul, e através de minhas subjetividades de mundo, consigo produzir minha teorização, desprendendo-me de conceitos modernos, levando em conta o lócus e o bios.

[...] lugares fronteiriços também produzem memórias outras e cuja epistemologia *fronteriza* para compreendê-las advém de seu próprio lócus *ex-cêntrico* [...] A fronteira-sul, enquanto um arquivo vivo e aberto, vela paisagens subalternas e biográficas do lugar, [...] que precisam ser exumadas pela crítica biográfica fronteiriça. (NOLASCO, 2022, p. 81).

Edgar Nolasco é o intelectual norteador desse trabalho. Ele escreve a partir da fronteira-sul, lugar subalterno por excelência, atravessado por uma visada fronteiriça. Pondero que, assim como assevera a citação de Edgar Nolasco, a opção descolonial está vinculada a minha teorização acerca de minhas memórias fronteiriças, onde apenas uma epistemologia atravessada pela descolonialidade pode abarcar minhas sensibilidades. Walter Dignolo enfatiza que “a decolonialidade requer desobediência epistêmica, porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade” (2017, p. 30). Diante do exposto, faço uma reflexão em minha argumentação crítica, elaborada a partir da fronteira sanguinolenta, lugar epistemológico, com sensibilidades ímpares. Assim, quando menciono o intelectual pensante Edgar Nolasco, o tenho como sendo desobediente epistemologicamente.

Como a professora Angela Guida afirma: “o termo fronteira [...] é, com maior frequência, associado à geografia para se pensar questões territoriais, pelo menos, no senso comum” (2013, p. 117). Mas, conforme ela afirma, de certa forma, essa palavra vem se deslocando para outros campos epistemológicos. Guida cita, como exemplo para os estudos culturais e subalternos, que o vocábulo fronteira torna-se uma palavra-conceito com várias facetas, como geográfico-territorial, acadêmico-disciplinar, conceitual, etc. As palavras-conceito que se deslocam por lugares comuns e fazem parte do pensamento contemporâneo são, inevitavelmente, como um lugar de indagação das fronteiras, então pode-se dizer lugar de inquietude, mas não de eliminação, de término, de fim.

A escrita do professor não é uma literatura testemunhal, mas de vida, de bios e lócus, e sua inscrição está assentada em uma construção literária ficcional moldada por uma teorização de ordem epistêmica. Produção teórica e criação ficcional caminham e se constituem em paralelo à medida que as teorizações subalternas do intelectual Edgar Nolasco ganham forma. Em nossa fronteira-sul, os limites e margens, visíveis ou apagadas, do geográfico-territorial ao imaginário, linguístico, simbólico e/ou epistemológico, evocam multiplicidade, identidades, aproximações, diferenças, vivências, sensibilidades diversas,

pautadas nos moldes da teorização de Edgar Nolasco e sua base teórica alinhada a seus aliados- hospitaleiros, como Mignolo, Quijano, Pessanha, Bessa-Oliveira, etc.

Segundo pontua o intelectual, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013, p. 55), se a zona do eixo não produz mais “conhecimento” sobre a zona fora do eixo (fronteira e marginal) como se pensava, “então chegou a hora de se voltar para a compreensão do conhecimento e dos locais de cultura que emergem dessa zona atravessada por uma epistemologia fronteira”, portanto, é necessário haver uma reorganização da produção de conhecimento para formular uma epistemologia fronteira incorporada em histórias locais para constituir-se enquanto tal, por fora de qualquer “ranço” de um pensamento hegemônico. Os locais de cultura são espaços híbridos, há uma pluralidade de sujeitos, e são essas pluralidades que acredito serem cruciais para minha interpretação da poética-ficcional do poeta sul mato-grossense.

[...] a epistemologia fronteira emerge da exterioridade (não o exterior, mas o exterior inventado no processo de criar a identidade do interior, ou seja, a Europa cristã) do mundo moderno/colonial, dos corpos espremidos entre as línguas imperiais espremidos entre as línguas imperiais e aquelas línguas e categorias de pensamento negadas e expulsas da casa do conhecimento imperial. (MIGNOLO, 2017, p. 12)

Como Mignolo menciona em seu texto *Colonialidade* (2017), a opção descolonial não pretende ser a única alternativa, é apenas uma alternativa que, mesmo estando à frente de se afirmar como tal, deixa claro que todas as outras também são boas alternativas, e não unicamente a verdade inevitável da história que necessita ser forçada. Isso é unicamente o tratado político, isto é, um mundo em que vários mundos coexistirão. Depois de edificar a base, o argumento caminha em direção ao pensamento descolonial, o fundamento histórico da descolonialidade e a opção descolonial.

Trago para essa reflexão as autoras Guerra e Souza, que discutem a fronteira a partir da ideia de identidade e de diferença cultural. Elas argumentam que “a declaração da identidade “sou indígena”, ou seja, a identidade de um povo indígena, carrega, contém em si, o traço do outro, da diferença” (GUERRA; SOUZA, 2013, p. 53). Isto quer dizer que quando se afirma “não sou branco”, ou “não sou Mundukuru”, “não sou Terena”, a identidade sempre carrega o traço da diferença. Pondero que é nessa diferença que faço minha própria escolha de vida com a exterioridade dos saberes.

[...] pensar o Brasil, a América Latina, em suas especificidades, é pensar os movimentos que problematizam as porosas fronteiras deste país, deste continente e refletir sobre aquilo que nos caracteriza como fluxo, não como denominação. Conceito em aberto, a América Latina atende a determinados projetos históricos de acordo com as agendas políticas que definem, pela política de representação, as

imagens nas quais as múltiplas identidades se reconhecem (GUERRA; SOUZA, 2013, p. 54).

Segundo as pesquisadoras, têm-se a certeza de que a normatização de novas fronteiras pode construir sentidos que não caminhem mais atrás do que é traçado pelos discursos oficiais, mas evidenciando muitas outras ligações e processos de junção que abram passagens por novas concepções discursivas sobre a fronteira, como por exemplo, o pertencimento ao local da periferia, ou o sentir-se excluído. Deste modo, as mídias se mostram como sendo um lugar privilegiado de articulação dos enfrentamentos que giram ao redor dos novos procedimentos cartográficos de delimitação de fronteiras.

Guerra e Souza destacam que esta cartografia que redireciona fronteiras e moderniza o discurso da diferença desde a mutação de paradigmas, desautoriza a harmonia determinada pela dicotomia do centro para a periferia, pondo sob suspeição as narrativas do local e do nacional. Esta movimentação, marcada pelas migrações e diásporas que alteraram a concordância de um poder tradicional, desvelam a delicada solidez destes mapas, mostrando novos caminhos culturais propagadores de várias outras cartografias do poder. As professoras Guerra e Souza salientam que “a questão da identidade e da fronteira é permeada, segundo Achugar, pela discussão entre posição e localização de quem pronuncia o discurso” (2013, p. 55).

Dito isso, as intelectuais evidenciam que tanto a memória quanto a localização poderiam estar ligadas exatamente na elaboração da identidade particular de cada sujeito; isto quer dizer que é desde o local de onde o discurso é lido e enunciado que formamos o que chamamos de identidade. Para Nolasco, não é demais reiterar que a localização periférica é geográfica, histórica, política e, sobretudo, epistemológica. Ele diz, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013, p. 90), “é por valorizar esse lócus epistemológico que o crítico periférico contribui, por meio de sua crítica de natureza subalterna, para refundar na História o que foi reprimido (Mignolo) pelo discurso da razão moderna”.

O professor defende que pensar da fronteira ou, no caso, pensar da periferia, é equivalente a poder pensar para além do conceito moderno de teoria, pois pensar para além dos conceitos modernos é poder pensar a partir da própria epistemologia, “que emerge da periferia, essa fronteira anônima, silenciosa, sombria e esquecida pelo olhar imperial lançado dos centros hegemônicos do país e de fora” (2013, p. 90).

Como afirma o intelectual Frantz Fanon, em *Pele negra/máscaras brancas* (2008,

p. 186), “[...] a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta”. Fanon nomeia como sendo uma sociedade burguesa toda sociedade fechada, onde o ar cheira à morte, e principalmente não é boa de se viver para quem não detém riqueza, como por exemplo, os proletários que atuavam na sociedade com sua força de trabalho. O autor ainda diz: “e creio que um homem que toma posição contra essa morte, é, em certo sentido, um revolucionário” (2008, p. 186).

Superioridade? Inferioridade? Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro? Não conquistei minha liberdade justamente para edificar o mundo do Ti? Ao fim deste trabalho, gostaríamos que as pessoas sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência. Minha última prece: Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! (FANON, 2008, p. 191).

Compreendo que o autor acredita que um homem que toma um posicionamento contrário a esta morte está se referindo à sociedade burguesa, pode ser considerado como um renovador. O descobrimento da existência de uma civilização negra no século XV não outorga a Fanon qualquer brevê de humanidade, e o passado não pode, de maneira nenhuma, guiá-lo na atualidade. Franz Fanon diz que “tentei constantemente revelar ao negro que, de certo modo, ele aceita ser enquadrado; submete-se ao branco, que é, ao mesmo tempo, mistificador e mistificado” (2008, p. 186). Segundo o autor, o negro, em certos momentos, fica enclausurado no próprio corpo e, mesmo sendo sincero, é escravo do passado.

Fanon salienta em seu texto que de modo algum deve empenhar-se em ressuscitar uma civilização negra injustamente ignorada, pois não é homem de passados, não quer cantar o passado às custas do seu presente e do seu devir. O autor ainda diz: “eu, homem de cor, não tenho o direito de procurar saber em que minha raça é superior ou inferior a uma outra raça [...] Não existe missão negra. Não existe fardo branco” (2008, p. 189). Franz Fanon insiste para que acabe eternamente a servidão do homem pelo homem, ou melhor, de si próprio por um outro, deseja que lhe seja consentido o direito de descobrir e estimar bem ao homem, por onde for que ele esteja.

Para Fanon, o preto não é nem mais nem menos do que o branco, quaisquer dos dois precisam ficar bem longe das vozes bárbaras/desumanas de seus concernentes ancestrais, para que surja uma comunicação legítima. É preciso se atentar, antes de se arregimentar na voz positiva, que necessita ser feita uma investida de desalienação em favor da liberdade. Franz Fanon ressalta que “um homem, no início de sua existência, é sempre

congestionado, envolvido pela contingência. A infelicidade do homem é ter sido criança” (2008, p. 191). Diante dessa afirmação, fica compreensível que é através de um esforço de recuperar a si e de despreensão, é pela durável apreensão de sua liberdade que os homens podem elaborar as circunstâncias de existência ideais em um mundo mais humano.

1.5 Sobre a fronteira-sul sobrevoa o poeta-urutau, subalterno por excelência

Comparo a fronteira-sul como uma dor colonizada no olhar do homem-fronteira. Comparo a fronteira-sul com o voo dos pássaros para o último céu e me enteneço para a poesia “NOLASCO. (*Gramática despoética da fronteira*, p. 82).

Convoco aqui para dialogar e teorizar sobre fronteira o intelectual Boaventura de Souza Santos. Segundo Santos, há uma forma cultural de fronteira e, por conseguinte, uma maneira de ser na fronteira, isto é, na fronteira são produzidas vivências e afinidades com o lugar. Como o professor diz: “comparo a fronteira-sul com minha escolha de poeta de colher o verso em meu entorno” (2021, p. 82).

A zona fronteira é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis [...] (SANTOS, 1993, p. 49).

Santos enfatiza que na zona de fronteira existe uma forma cultural que é causada por todos os contatos que se borrifam perante a existência de contingentes populacionais vindos de locais distintos, um espaço de fusão, como disse uma das entrevistadas no documentário *Portuñol*, que já citei anteriormente. Santos afirma: “para as culturas dotadas de fortes centros, as fronteiras são pouco visíveis, e isso é a causa última do seu provincianismo” (1993, p. 49). Já o professor Edgar Nolasco diz, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriza*: “[...] a vida na fronteira está mais para a condição de cultura na fronteira. Ambas, por conta da indissociabilidade entre línguas, povos e culturas, fundem-se quase que mutuamente”. Dito isso, pondero que essa vida na fronteira pode ser concebida e experimentada por uma perspectiva outra, por sua condição de fora do eixo, por seu lócus geostórico cultural, e como destaca o professor: “está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica do centro, ou da e fora” (2013, p. 56).

Trata-se menos de ser poeta, ou de estar poeta; antes é um fazer-se poeta, posto que sua condição, seu corpo está atravessado pela alma da fronteira e de uma

poética descolonizante, e é daí, de fora do centro do mundo, que emerge com força sua poética que fará toda a diferença para o seu povo (NOLASCO, 2018, p.64).

De acordo com o intelectual, o fazer teórico de uma poética fronteiriça está por ser produzido pelos intelectuais selvagens, que fazem de tudo para conhecer as histórias dos povos subalternos. Pondero aqui que a poesia de fronteira busca seu material nas margens da civilização ocidental, da zona encardida da fronteira, das vidas rechaçadas, pisoteadas, ignoradas, humilhadas, compradas e descartadas numa estrada qualquer empoeirada do outro lado do rio. Ele ressalta: “vidas degradadas e corpos sugados encobertos pelo escarlate do céu e do inferno adubam a esperança da chegada de um mundo futuro no qual as diferenças humanas possam coexistir lado a lado” (2018, p.65).

Segundo Santos, para uma cultura que realmente jamais se encaixou num único lugar, as identificações culturais que emanam desses espaços podem, de um certo modo, canibalizar se. O autor aponta que “[...] a forma fronteiriça tende a identificar-se, nessas incorporações e apropriações, com as formas mais do que com os conteúdos dos produtos culturais incorporados” (1993, p. 49). Como o autor afirma, a riqueza se encontra, especialmente, disponível multiculturalmente na zona de fronteira, e esta zona fronteiriça, do mesmo modo como o descobrimento, pode ser considerada como uma metáfora que auxilia o pensamento a transformar-se em relações políticas e sociais. Santos ainda afirma que “a zona fronteiriça, tal como a descoberta, é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas” (1993, p.51). De acordo com o autor, não se pode esquecer que a metáfora é o forte da cultura de fronteira e o forte da nossa língua portuguesa, e a língua da fronteira é, sem dúvida, multifacetada.

Para os autores Francisco Carballo e Luis Alfonso Herrera Robles, que escreveram o prólogo do livro intitulado *Habitar la frontera* (2015), de Walter Mignolo, há alguns anos, o fim das fronteiras foi anunciado. Alguns celebraram seu inevitável apagamento com a chegada da globalização. Carballo e Robles afirmam: “passamos da antropometria típica da "primeira colonialidade" a uma biometria inerente à segunda fase da colonialidade” (2015, p. 12). Essa afirmação pode significar uma maneira de controle que conta com tecnologias digitais, impossibilitando fluxo de sujeitos e projetos sociais, vistos como subversivos. Nessa circunstância, a relevância das fronteiras não é apenas econômica e política, mas também epistêmica. De acordo com os autores, é nas fronteiras que a diferença colonial se torna tão visível quanto dilacerante.

Segundo Mignolo destaca, em *Habitar la frontera* (2015) as rotas de dispersão e os

pontos de origem são conceitos-chave para delinear a geopolítica do conhecimento, da sensibilidade e da crença, tal como a corpopolítica¹⁵ do conhecimento, da sensibilidade e da compreensão. Ele afirma que epistemologia fronteiriça é “a percepção biográfica do corpo negro no Terceiro Mundo, e assim ancorar uma política do conhecimento que está ao mesmo tempo enraizada no corpo racializado” [...] (2015, p. 176)¹⁶. Dito isso, entendo que o autor evidencia que, para que ocorra uma valorização de corpos da exterioridade, é importante e necessário que haja desprendimento, o desprender-se das epistemologias imperiais, que são excludentes e, metaforicamente, caminhar em direção ao Sul.

Mignolo faz um questionamento: por que o pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto descolonial? Segundo afirma o intelectual: “a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer submeter-se à *humanitas*, embora ao mesmo tempo não possa evitá-la” (2015, p. 176)¹⁷. Para o autor, a epistemologia fronteiriça emerge da exterioridade do mundo moderno/colonial e, portanto, a origem da descolonialidade do Terceiro Mundo é relacionada com a chamada consciência imigrante de hoje nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, e a consciência imigrante encontra-se nas rotas de propagação do pensamento descolonial e fronteiriço.

Walter Mignolo ainda afirma, em *Habitar la frontera* (2015, p. 88) “surge uma maneira de existir e uma maneira de pensar (a epistemologia fronteiriça) semelhante à maneira de existir de Descartes”¹⁸, isto é, então o “penso, logo existo” de Descartes talvez poderia caber no corpo subalterno, pois penso a partir de meu biolocus e existo nele. Desse modo de viver/existir, minha teorização se dá a partir de um pensamento outro (MIGNOLO), me levando ao desprendimento.

Mignolo diz: “pensar descolonialmente significa, pois, atuar em inglês” (2015, p. 88). Conforme ressalta Edgar Nolasco, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013, p. 117), “o pensamento descolonial emergiu da exterioridade, das fronteiras, das margens e das periferias dos centros hegemônicos universais e ocidentais”. Para tal afirmação, ele destaca em seu texto que detem-se especificamente no locus geohistórico sul-latino de onde propõe sua reflexão crítica, então o que lhe resta é perguntar de onde

¹⁵ O conceito de corpopolítica é o que os corpos fazem para não se deixar controlar pela biopolítica. Corpopolítica é um conceito descolonial. MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 147.

¹⁶ [...] la percepción biográfica del cuerpo negro en el Tercer Mundo, y anclar así una política del conocimiento que está arraigada al mismo tiempo en el cuerpo racializado. (Tradução livre)

¹⁷ [...] la epistemología fronteriza es la epistemología do *anthropos* que no quiere someterse a la *humanitas*, aunque al mismo tiempo no pueda evitarla. MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

¹⁸ [...] surge una manera de existir y una manera de pensar (la epistemología fronteriza) semejante a la manera de existir de Descartes. (Tradução livre)

sobrevive o pensamento descolonial “[...] nessa zona fronteiriza atravessada pelo discurso estatal, pela briga por terra e pela guerra silenciosa imposta pelas línguas portunhol, guarani, espanhol e português?” (2013, p. 117). Posto isso, o lócus fronteiriço, de certa forma, exige um posicionamento crítico específico para conferir suas especificidades.

Edgar Nolasco assevera: “só se é possível pensar e, por extensão, discutir acerca da fronteira-Sul a partir da fronteira-Sul (2015, p. 57), e é no pensamento fronteiriço que o sujeito subalterno consegue ver sua maior representação, porque consegue se materializar se baseando nas sensibilidades, valorizando sua cultura local e as histórias sensíveis de cada lugar. E atualmente, tal discussão demanda do crítico um posicionamento assentado em uma epistemologia fronteiriça.

Como afirma o argentino, em *Desafios decoloniais hoje* (2017, p. 23) “nós, anthropos¹⁹ que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes”. Nesse sentido, o caminho que traço em direção a minha epistemologia fronteiriça exige que eu tenha desprendimento e desobediência, vinda da exterioridade. Walter Mignolo enfatiza, em *Habitar la frontera* (2015, p. 181), “pensamos e fazemos descolonialmente, habitando e pensando nas fronteiras e nas histórias locais, confrontando-nos aos desenhos globais”²⁰. O autor destaca ainda: “nos orgulhamos de ser anthropos diante da arrogância da humanitas”²¹ (2015, p. 181)²². Em outras palavras, o intelectual quer dizer que o pensamento de fronteira é a condição necessária para o pensamento descolonial:

Uso a expressão “sensibilidade de mundo” ao invés de “visão de mundo” porque esta, restrita e privilegiada pela epistemologia ocidental, bloqueia os afetos e os campos sensoriais, privilegiando o olho. Os corpos que pensaram em ideias independentes e se tornaram independentes da dependência econômica foram corpos que escreveram em línguas modernas / coloniais. Por essa razão, eles precisaram criar categorias de pensamento que não derivassem da teoria política e da economia europeia. Eles precisavam se distanciar e pensar dentro das fronteiras que habitavam: não as fronteiras dos Estados-nação, mas as fronteiras do mundo moderno / colonial, fronteiras epistêmicas e ontológicas (MIGNOLO, 2015, p. 180).

Mignolo afirma: “o Grupo Novo Mundo escrevia em inglês, mas habitava as

¹⁹ Anthropos corresponde à categoria de “outro”, mas o “outro” não existe ontologicamente, é uma invenção discursiva.

²⁰ [...] pensamos y hacemos descolonialmente, habitando y pensando en las fronteras y las historias locales, confrontándonos a los diseños globales. (Tradução livre)

²¹ Humanitas corresponde ao colonizador, foi uma autoimagem que justificou os excessos do Ocidente.

²² [...] nos orgullecemos de ser anthropos frente a la arrogancia imperial de la humanitas. (Tradução livre)

memórias da rota e da história da escravidão, dos escravos fugitivos e da economia da plantação” (2015, p. 180). Dito isso, ele destaca que não foi essa experiência que encorajou o pensamento liberal de Adam Smith ou o pensamento socialista de Marx. O que sustenta a experiência da plantação²³ e o legado da escravidão é o pensamento fronteiriço. Nós, *anthropos*, os outros, que habitamos e pensamos nas fronteiras com consciência descolonial, agimos em métodos de desprendimento, de reexistência²⁴ e, para conseguir nos desligarmos, precisamos ser epistemologicamente desobedientes, isto é fato.

O pensamento fronteiriço é a condição primordial para o pensamento descolonial e, conforme Mignolo assevera: “quando nós, *anthropos*, escrevemos em línguas ocidentais modernas e imperiais [...] o fazemos com nossos corpos na fronteira” (2015, p. 181)²⁵. Para o autor, nossos sentidos foram ensinados pela vida para notar nossa diferença, para sentir que fomos feitos *anthropos*, que não fazemos parte - ou não inteiramente - do âmbito de quem nos olha como outros.

Como destaca a pesquisadora e professora Raquel Alves Mota: “a existência da fronteira se faz na promoção da diferença – do enxergar a alteridade – como forma de produção de ideias” (2015, p. 2). Na leitura da professora, os novos discursos também surgem por intermédio da disposição de institucionalização dos pensamentos, isto é, quando se deixa esse espaço de entremeio, ele é cambiado pelo movimento agressivo da diferença. A realidade dos discursos essencialmente se faz pelo propósito do lócus da fronteira.

Para Mota, o conceito de entre-lugar pode ser debatido a partir do próprio fazer teórico. A questão proposta é como arquitetar uma teoria que seja capaz de abarcar esse não-lugar ou que signifique essa outra voz de enunciação. Mota questiona-se como é possível notar no texto de Silviano Santiago, intitulado *Uma literatura nos trópicos* (1978) o que se passa na realidade dos latino-americanos, podendo ser ampliada a dos outros países que em seguida também foram colonizados, como por exemplo, os países do continente asiático e africano; ou seja, é a própria realização do conceito de fronteira.

Para Raquel Alves Mota: “a tarefa central está em não obliterar essa realidade quando da estruturação do pensamento teórico [...]” (2015, p. 10), isto é, a teoria para simbolizar esse não-lugar precisa ser arquitetada com os procedimentos do pensamento de fronteira.

²³ Plantation é um conceito que descreve o racismo não só de um passado colonial europeu, mas também de uma dolorosa e traumática dor causada nos corpos negros. Fonte: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170783/161665>.

²⁴ Reexistência é um conceito em movimentos negros.

²⁵ [...] cuando nosotras y nosotros, *anthropos*, escribimos en lenguas occidentales modernas e imperiales [...] lo hacemos con nuestros cuerpos en la frontera. (Tradução livre)

Essa dúvida se mostra quando se pensa em como conseguir permanecer como pensamento de fronteira ou como se pode continuar significando de fato esse lugar, não permitindo que o discurso seja enganado pela vontade de atingir um lugar estável. É nesse ínterim que o jogo entre os discursos pode efervescer, já que o convívio entre as diferenças está posto como pressuposto do próprio jogo.

O professor diz: “aqui, no Sul, a fronteira é o limite. Resta-nos propor um trabalho crítico que descolonize as fronteiras epistêmicas impostas pelo sistema colonial moderno” (2013, p. 128). E prossegue dizendo:

[...] uma crítica subalterna articula-se de uma perspectiva geopolítica da margem, fronteira, periférica, exterior, levando em conta uma epistemologia específica desse lócus geohistórico-cultural. A desobediência epistêmica posta em prática tanto pela razão pós-subalterna quanto pela opção descolonial dá-se não porque elas ignoram os conceitos modernos e as categorias que estão na base do pensamento ocidental, mas porque elas se dispuseram a des-aprender a lição canônica (tradição moderna) e aprender como se fosse pela primeira vez (NOLASCO, 2013, p.118-119).

Na apresentação/prefácio do livro intitulado *Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica* (2019), Cezar Tridapalli evidencia a importância das fronteiras para conhecermos a nós mesmos e também ao outro. Ele afirma que necessitamos de fronteiras para saber quem somos, [...] “mas, ao mesmo tempo, precisamos do outro, essa entidade que nos devolve, em forma de espelho e janela, uma identidade que vai além do documento-registro-geral-cadastro-de pessoa-física” (2019, p. 7).

Precisamos de fronteiras para saber quem somos, mas, ao mesmo tempo, precisamos do outro essa entidade que nos devolve, em forma de espelho e janela, uma identidade que vai além do documento-registro-geral-cadastro-de pessoa-física (TRIDAPALLI, 2019, p. 7).

De acordo com o autor, já possuímos, desde nascença, um corpo que determina quem somos, isto é, na verdade, não é o corpo do nascimento o fator determinante, e sim o RG, o cadastro de pessoa física, cujas características são demarcadas por um ‘outro’. Ele sustenta que o fazer burocrático-formal é que impõe alguns rótulos, é como estabelecer limites bem marcados e definidos para o outro. Também possuímos uma subjetividade própria que faz com que sejamos tanto de lá aonde pensamos e também não pensamos, por isso que nossas limitações são um tanto permeáveis, isto é, abertas a influências ou a opiniões de outrem frente ao mundo, desfavorecidas de outras subjetividades para sua formação particular.

Juntamente com o sujeito e sua palavra, procura-se formar um possível mosaico frente aos assuntos imediatos da imigração e da proteção das fronteiras em geral. Tridapalli

afirma: “fronteiras confrontam-se, enfrentam-se. Do atrito, pode nascer o diálogo, pode haver expansão do mundo subjetivo, acréscimo, soma e multiplicação de percepções, sentimentos, raciocínios” (2019, p. 8). O autor diz, com essa afirmação, que possuímos fronteiras pessoais que nos determinam, mas que são permeáveis, que estão prestes a consentir o ir e vir do câmbio simbólico, que pode formar e transformar o outro e até mesmo o eu. Para o próprio autor, a fronteira: “é uma borda – substância substantiva – que se borda – verbo de ação-, preenchendo os vazios sem nunca os completar” (2019, p. 8). Acrescenta:

Quando olhamos os mapas, vemos linhas pontilhadas demarcando limites. No que uma linha pontilhada ou tracejada se difere de uma linha plena? Acompanhamos a trajetória do traço subentendendo uma continuidade mesmo nos espaços em que a linha falha. O tracejado pede exercício de complementação, pede de nós uma mínima imaginação, pede que coloquemos nossos sentidos e não apenas colhamos os sentidos dados. Por exemplo: a linha limita ou costura os mapas e seus territórios? A linha imaginária é como a palavra no curso do discurso. Umberto Eco, em seus Seis passeios pelos bosques da ficção, é quem diz ser a literatura uma máquina preguiçosa. Longe de desvalorizá-la com tal afirmação, ele exalta o trabalho bordado, bordejado pelas palavras, que ora surgem, ora submergem na trama do tecido. Palavras como pontilhados de traço e ausência, de sentidos opostos e possibilidades que só o leitor pode completar. Também o leitor não apenas retira sentidos de um texto, mas os coloca e faz a palavra fluir, deslizar no tempo e no espaço (TRIDAPALLI, 2019, p. 8-9).

O autor destaca ainda que é necessário empenho do escritor para constituir otimamente o não escrito, local onde o leitor irá se inscrever, mas também labutar. O intelectual pontua que, ao fecharmos um livro que nos causou movimento, não é por casualidade que nos ocasionou a urgência de nos fazer migrar, isto é, de velejar do lugar em que nos situávamos e atingir um outro lugar ou mesmo lugar algum, pois nós somos capazes até mesmo de sair desse espaço, mas, inevitavelmente, o espaço não sai de nós. Ele afirma: “a experiência da travessia é de nos tornarmos outros de nós mesmos, estrangeiros extraordinários” (2019, p. 14), ou seja, ele assevera que precisamos sempre recordar porque “viajantes todos somos e, com ou sem passagem, passaremos” (2019, p. 14). O ensaísta diz, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteira* (2013):

Nasci na fronteira-Sul, do antigo Mato Grosso, mais precisamente na parte da fronteira seca que faz fronteira com Pedro Juan Caballero (PY), por onde um dia passaram carretas e mais carretas de boi abarrotadas de raído, rumo ao país vizinho Argentina, e por onde continua passando, desde sempre e cada vez mais, contrabando de toda espécie: desde trabalhadores desempregados, para prestarem mão-de-obra escrava nos grandes centros do país, como São Paulo, além de todo tipo de droga e armas, até bugigangas e quinquilharias que são negociadas a 1,99 no mercado clandestino que se alastrou por todas as esquinas das capitais brasileiras, fazendo a diferença do mercado interno bruto (NOLASCO, 2013, p. 133).

Como afirma o professor, que é meu intelectual pensante e aliado hospitaleiro,

“cresci nesse lócus geoistórico fronterizo por excelência, lugar onde o sol se põe por sobre a fronteira, denominada de seca e sem lei” [...] (2013, p. 133), e onde o poder do 38 e do 44 sinaliza quem manda e quem precisa obedecer. Conforme o intelectual, a fronteira pode ser considerada como terra de ninguém e sem lei, como também pode servir de limites territoriais dos latifúndios desse lugar. Ele ressalta: [...] “a fronteira, de modo simbiótico, representa a condição de vida de todos os sujeitos que nela vivem, assim como as línguas e as produções artístico-culturais dos sujeitos envolvidos” (NOLASCO, 2013, p. 133). Amadurecendo suas reflexões ao longo do tempo, acrescenta:

A zona fronteira é o lugar por excelência para o labor de uma poética que emerge de uma força original e de sombra úmida de escuridão capaz de causar desconforto a qualquer poética vinda de longe. Ninhos de guaxos armazenam histórias locais nos pés retilíneos das macaúbas do campo, por mais que o vento os empurre por cima da fronteira imaginária, montículos raros de bosta de urutaus deserdados no entremeio de minha fronteira biográfica adubaram o que nasceu com toda força no lugar, assim como ninhos de sabiás e suas maçarocas loucas amalgamam segredos de bugres andarilhos que atravessam a fronteira a pé (NOLASCO, 2018, p. 62).

Conforme o crítico Ramón Grosfoguel, é necessário que seja compreendido que o pensamento crítico da fronteira seja a resposta epistêmica do sujeito subalterno frente ao projeto eurocêntrico da modernidade, e essas epistemologias de fronteira redirecionam a retórica da modernidade, partindo das cosmologias e epistemologias do subalterno, que se encontram junto ao lado oprimido da diferença colonial. Grosfoguel afirma: “o pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno” (2010, p. 407). O autor pontua que esse pensamento de fronteira é uma resposta descolonial, isto é, é uma resposta que se refere à condição de libertação dos povos fronteiriços, subalternos, reconhecendo a autenticidade política, cultural, ideológica e econômica desses sujeitos subalternos diante da modernidade eurocêntrica.

As epistemologias fronteiriças apoiam a discussão acerca da exterioridade, isto é, um processo de desprendimento, que requer uma inscrição epistemológica, como por exemplo, a geopolítica e as políticas corporais de compreensão e conhecimento, e essa exterioridade. Isso se dá para que não apenas possibilite que baseemos as discussões teóricas dessa epistemologia outra, ou fronteira, nos levando, de certo modo, a sermos todos desobedientes, perante a epistemologia moderna.

Como Walter D. Mignolo diz em seu texto *Desobediência Epistêmica* (2008, p. 323), é necessário e fundamental: “aprender a desaprender, a fim de voltar a aprender”, isto significa a opção descolonial. Pondero que é através de minhas memórias, que estão atravessadas pelas subjetividades e sensibilidades do mundo, compreendo que o caminho é

a desobediência, e a opção colonial é minha opção de vida.

Sei que o intelectual pensante Edgar Nolasco me proporciona pensar na esteira da diferença para praticar uma teorização para que seja considerada as margens do conhecimento. Em consonância com a reflexão propostas por Mignolo, que não escapa aos locais geoistóricos, ele assevera, em *Histórias locais/Projetos globais* (2003, p. 254) “insisto que, quando digo local geoistórico, não estou falando apenas de um lugar geográfico específico, mas de um lugar geográfico com uma história local particular”.

Já o ensaísta, ao pontuar a importância da especificidade do lugar no rol de qualquer reflexão crítica afirma, em *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza* (2013, p. 46), “acabo por mostrar que para a crítica fora do eixo, subalterna por excelência [...], são necessárias tanto a perspectiva subalterna quanto a perspectiva territorial”. Dito isso, ele postula que a crítica fora do eixo empregada aqui tem como pano de fundo o campo móvel das fronteiras, da subalternidade.

As fronteiras, as margens, não são mais o lugar onde fica o resto do mundo. O resto do mundo não é mais aqui. Nenhuma fronteira neste século XXI pode mais ser estudada pelo outro, quer este seja de fora ou de dentro. Enquanto lugar que amalgama as histórias locais, as fronteiras produzem sua própria teoria e crítica específicas que escapam a qualquer ideia de universalidade. O resto do mundo da fronteira-sul situa-se na mobilidade dos pássaros do poeta que voam “depois do último céu”, reunindo-se na dispersão, num tempo presente continuum da história (NOLASCO, 2013, p. 61-62).

Conforme o intelectual sul mato-grossense afirma: “as vidas na fronteira, assim como a crítica que se articula na encruzilhada da transfronteiridade, transformam-se, como transculturam-se as fronteiras” (2013, p. 62). Portanto, são as especificidades que marcam suas diferenças geoistórico culturais, e são essas especificidades, quiçá por formarem o campo do bios, não são próprias da natureza. Ele enfatiza ainda que inseriu em seu estudo a questão da territorialidade, porque já havia estudado e compreendido com Mignolo que são essas sensibilidades locais geoistóricas que “relacionam-se com um sentido de territorialidade, incluindo “a língua, o alimento, os odores, a paisagem e todos os signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares” (2013, p. 62).

Interpreto a poética-ficcional e epistêmica de Nolasco através de minha experivivência, e consigo perceber que, para ele, o sujeito subalterno consegue se achar e andar consigo próprio no tempo da travessia, que é sua singular condição, e a fronteira talvez poderá ser a direção que o guia para os dois lados, que são o local epistemológico e o geográfico. Quando leio seus poemas, em que fala daquela fronteira com crepúsculo sanguinolento onde canta o urutau, consigo fechar meus olhos e lembrar exatamente das

minhas andanças pelas fronteiras do meu Rio Grande do Sul, lá nos anos de 1990, nos finais de tarde de crepúsculo de vermelho encarnado, tal como leio na poética- ficcional do ensaísta, só que por lá o canto que ouvia era do espevitado e alegre quero-quero, como uma sinfonia potente e quase ensurdecadora.

Diz Nolasco: “as fronteiras, as margens, não são mais o lugar onde fica o resto do mundo. O resto do mundo não é mais aqui” (2013, p. 61), pois as fronteiras criam sua teoria e crítica própria que fogem da ideia de universalidade.

A fronteira-Sul que contempla a discussão aqui proposta apresenta-se como uma paisagem crítica específica para receber e, ao mesmo tempo, propor uma crítica cuja epistemologia fronteiriça engendra uma teorização pós-fronteiriça que começa precisamente pelo bios dos sujeitos envolvidos (incluindo o crítico). (NOLASCO, 2015, p. 60-61).

Segundo o professor, pela condição de habitar a fronteira, desse lócus geoistórico já exige um posicionamento crítico dos sujeitos, ou opção descolonial, do pensamento erigido dessa zona fronteiriça, como maneira de não burlar as vidas da fronteira, como praticam as teorias itinerantes que migram dos centros para as bordas. Enquanto crítica, não adianta apenas me cercar de teorias e de conceitos que traduzam a problemática epistemológica de um lugar de enunciação específico, como por exemplo, a fronteira-Sul, lugar onde erijo minha discussão.

Por conseguinte, não posso menosprezar os saberes e as sensibilidades oriundas da vida dos sujeitos do local em questão, mesmo sabendo que há uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros, que mantiveram-se fora dos centros hegemônicos e excludentes desde sempre.

CAPÍTULO II

A DESBIOGRAFIA DO POETA-URUTAU: a importância real e necessária do espaço/fronteira na poética-ficcional de um intelectual desobediente de nascença

Falar desse espaço que compõe parte da paisagem biográfica fronteiriça que faz a minha vida não me é difícil, como se poderia supor. [...] A fronteira-sul é o lugar a partir de onde me desbiografo para a letra.

NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 38-39

2.1 Vivências e memórias na fronteira: uma escrita despoética no verso do intelectual fronteiriço

Estou me desbiografando a mim mesmo. Uma desobediência que me levará ao princípio do verso. Empreitei buscar nas encostas alagadiças do pântano um lugar para situar meu corpo e pensar meu verso.

NOLASCO. *Paisagens biográficas*, p. 41.

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.

Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

CAEIRO. *Poemas inconjuntos*, p. 88.

Neste segundo capítulo, bios e lócus se entrelaçam nas paisagens fronteiriças e, para isso, tomo como questão as reflexões presentes nos escritos ficcionais de Edgar César Nolasco, para compor sua paisagem biográfica. Ou seria desbiográfica? Aqui me inspirei no título do filme de Pedro Cezar acerca do poeta Manoel de Barros: *Só dez por cento é mentira* – a desbiografia oficial de Manoel de Barros (2009). Então, por que desbiografia? Porque são histórias e estórias se cruzando, se inventando, se reinventando.

A desbiografia do poeta Manoel de Barros inclui o paradoxo sempre presente do ser e do não ser, do acontecer e do abandonar, e o neologismo desbiografia, uma das paixões do poeta, anteriormente dita pela expressão do próprio Manoel de Barros na definição de sua obra literária: “Só dez por cento é mentira. Noventa por cento do que escrevo é invenção”. Assim, o prefixo ‘des’ implica um processo contrário, um jogo, engano, um engodo para qualquer leitor que busca ler na poesia e na vida do escritor os traços biográficos dos moldes tradicionais. Entre o não compromisso com a ideia de verdade e a criação, a construção poética de Manoel de Barros abre uma nova perspectiva para se pensar a experivivência literária local.

Já a poética-ficcional de Edgar Nolasco parte da paisagem fronteiriça, onde também convoca o lado de uma paisagem biográfica perseguida por ele e, ao mesmo

tempo, onde seu corpo encontra-se situado. E essa fronteira sul, que é um lugar subalterno, é ignorada pela poética moderna que não se aventurou a olhar para uma despoética que emerge do outro lado da fronteira. Ele afirma: “o verso seria sempre uma invenção. Antes busco a consciência de meu corpo e de meu bios. Vida e história. O resto pode ser invenção minha mesmo” (2021, p. 44).

Entre o campo e a cidade e depois entre a cidade e o campo, adquiri um modo de reconhecer a formação de minha biografia influenciada pela planície e pela beira de estrada do Porto Cambira, por onde passei outrora, e por um modo antigo meu de olhar em direção à fronteira-Sul. Mas confesso que de toda essa minha vida pregressa, nesses quase cinquenta anos, só me interessa uma tarde de dezembro passada na casa de campo da família na Revolta. Às 3 horas e 45 minutos daquela tarde cantou um urutau do outro lado da fronteira. Parei onde estava, ou seja, no meio do terreiro, para escutar e discernir melhor o seu já tão familiar lamento de um deserdado. (Eu cumpria a minha sina e não sabia.) (NOLASCO, *Oráculo da fronteira*, p. 54).

A proposta de escrita nolasquiiana se concentra em ‘restos’ de memória e ficção²⁶, construída a partir de uma paisagem biográfica fronteiraça. O canto da ave, o horário como prolongamento das três horas²⁷, tempo simbólico de conotação quase sagrada. No texto de Nolasco, é o momento do discernimento. Compreendo quando Nolasco afirma que dentro das paisagens biográficas, o lado sul convoca a pensar, ensinando a gramática da natureza, a gramática dos pássaros e a gramática do homem-fronteira. Compreendo quando Nolasco afirma que dentro das paisagens biográficas, o lado sul o evoca ao pensar, ensinando a gramática da natureza, a gramática dos pássaros e a gramática do homem-fronteira.

Para o escritor: “o desejo de não morrer talvez resumir-se-ia em desbiografar a vida até o caroço (do verso)” (2021, p. 63). O professor-poeta afirma ainda: “minha existência fronteiraça me mostra que meu caminho é o da despoética, forma de desbiografar a minha vida até o caroço e também minha forma de *des-escrever* a formação do escrito” (2021, p. 23). As sensibilidades biográficas, das quais Edgar Nolasco faz uso para se inscrever enquanto poeta e crítico, estão envolvidas na produção dos saberes levando em conta seu lócus de enunciação, que também é compartilhado por mim

²⁶ Aqui faço uma referência clara, como jogo metafórico, à obra teórica de Edgar Nolasco *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, 2013, para o desenvolvimento de minhas leituras e teorizações acerca da crítica biográfica, que mais adiante irá se entrelaçar com a visada fronteiraça e descolonial.

²⁷ Em Marcos 15:25, afirma-se que a morte de Jesus ocorreu na hora nona (3 da tarde). Em referência à simbologia cristã, Nolasco utiliza o horário do canto da ave e da hora da morte de Cristo como a hora mais significativa que implica a mudança, a transformação, a consumação.

enquanto crítica biográfica fronteira.

No diálogo com uma tradição literária ocidental, penso na escrita do poeta português Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, quando diz que sua biografia se escreveria com apenas duas datas, mas no intervalo entre elas toda uma vida se deu, isto é, há muitas memórias para serem contadas, daria muitas páginas escritas, assim como a poética-ficcional de Edgar Nolasco. Em outras palavras, o poeta quer dizer que o real não está na saída nem na chegada, mas sim na travessia.

Assim, a partir da data de nascimento de Edgar Nolasco, no verão de um ano qualquer, sua travessia-poesia tem mais a nos dizer, sobretudo, porque ele escreve sua poética permeada por suas vivências, mostrando que há uma forma outra de pensar que é transpassada pelas sensibilidades locais e biográficas da fronteira, onde ele próprio se situa, pensa e vive, também pelos afetos que grassam entre os rechaçados e esquecidos povos fronteiriços, pelas línguas desprezadas e ignoradas pelos outros e pelas histórias familiares locais.

Como o professor-poeta nasceu na fronteira, logo nasceu entre-línguas, pois em sua família se ouvia falar em guarani com a mesma naturalidade com que a língua portuguesa era empregada. Todo seu conhecimento e seu arquivo memorial vêm do fato histórico de ter nascido e estar numa condição/língua de fronteira. Portanto, sua língua, como sua memória de fronteira, é diversa. Ele ressalta: “a memória subalterna, assim como as histórias locais da fronteira-Sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico” (2013, p. 143).

Minha memória de fronteira também é atravessada pelas sensibilidades locais, e se constituem, hoje, como ponto de partida para meu pensamento crítico e teorizador. Adequando ao que Mignolo definiu como *histórias locais*, compreendo que a memória pode nos trair e se ficcionalizar em recordações no âmago de nossas vidas, então é preciso que eu consiga contá-las entrelaçadas com meu bios e lócus, pois são importantes para a teorização que irei propor a seguir.

Edgar Nolasco não deixa de mencionar em *A ignorância da Revolta* (2018, p. 44), que “o que eu escrevo qualquer um outro escreveria” [...]. Mas com esta afirmação, será que o autor está sendo um embusteiro? Assevero que sim, pois é evidente que ele faz um jogo de cena, tenta enganar seu leitor. Por um lado, não se trata tampouco de um auto-menosprezo, como se desqualificasse a própria escrita; apenas um leitor ingênuo

confiaria em tal afirmação como construção denotativa, invalidando a autoria, as experivivências e as sensibilidades do autor. Por outro, o crítico e escritor mimetiza sua teorização no próprio discurso literário, trazendo à tona a questão que se impõe acerca da literatura e sua função e/ou importância na concepção moderna em que o valor se mede em termos de produção econômica. A linguagem literária permeada pelas sensibilidades locais não é substituível por quaisquer outras formas de uso discursivo, mas erige-se como forma outra de produção e acesso aos saberes, ao conhecimento, em sua opção descolonial.

Dito isso, o ensaísta menciona em sua poética ficcional que aprendeu as línguas dos pássaros, as histórias locais fronteiriças narradas no galpão de sua fazenda, e a cor do canto de uma despedida adiada eternamente na garganta de um curiango tarde da noite, na casa da Revolta. Mas quem é ele? Sua biografia se faz na Revolta, confunde-se com a do NECC²⁸, confunde-se com a de Clarice Lispector, porque, sem dúvida, a escritora faz parte de sua trajetória intelectual e epistêmica. Ainda que suas vivências estejam narradas em seus escritos, há que se contar, biograficamente, parte de sua história. O resto, colocamos em sua desbiografia, a exemplo de Manoel de Barros, pois como ele mesmo diz:

Se tem um legado que não poderei negar ao meu poema são minhas sensibilidades biográficas e locais que resultam em minha formação identitária de homem-da-fronteira (Arre, cruz-credo, por pouco não disse poeta). Cuidado, se me tomar como poeta, corre-se o risco de não escutar o balbucio de um deus subalterno que mina e contamina por dentro do verbo *pós-verso*. (NOLASCO, 2013, p. 50).

O professor-urutau vai deixando seus rastros e vestígios de homem-da-fronteira ao cruzar aquela fronteira-sul, com o crepúsculo oscilante refletido num pântano, que resulta numa paisagem biográfica que o move até então. A travessia implica, portanto, a mudança, a supressão da ideia de origem indicada pela preposição ‘de’; o que ocorre é a transculturação, a transformação compreendida no substantivo composto ‘homem-fronteira’, quando autor e espaço biogeoistórico e epistêmico se mesclam e se confundem, fundando sua desbiografia. O professor-urutau vai deixando seus rastros e vestígios de homem-fronteira ao cruzar aquela fronteira-sul, com o

²⁸ NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados, que existe na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e está há uma década produzindo pesquisa de qualidade e excelência, que teoriza a partir da fronteira-sul.

crepúsculo oscilante refletido num pântano, que resulta numa paisagem biográfica em sua paisagem biográfica crítica e fronteiriça.

Ao longo do documentário de Pedro Cezar intitulado *Só dez por cento é mentira* - a desbiografia oficial de Manoel de Barros (2009), o modo de desbiografia aprendido com Barros mostra um percurso possível de compreensão do movimento desbiográfico em Nolasco. O poeta Manoel de Barros vai se desbiografando, quando afirma no filme que “há várias maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira”. Segundo o próprio escritor “a poesia é uma coisa que a gente não descreve, poesia a gente descobre, a gente acha, e ele mesmo sabe que é procurado pelas palavras”.

De acordo com a entrevista de Manoel de Barros (2009) “poesia é o belo trabalho, é a artesanaria, ela acontece, ela chega ao fim quando você consegue dar as formas, é a harmonia, é o som a cada palavra, a cada sílaba, a cada letra”. O poeta diz: “eu tenho uma definição que a poesia é a armação de palavras com um canto dentro, um canto ou um gorjeio, porque o gorjeio que me ensinou a agonia” (2009). Conforme Manoel de Barros, o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê, pois é preciso transver o mundo e, conforme Manoel, o poeta tem esse dom de transformar, através das palavras, as coisas.

Ele se considera um vidente, porque não é um homem normal, pois tem um olhar enviesado, que vê as coisas que não existem, isto é, vê coisas inimagináveis no mundo. Como o poeta enfatiza: “a poesia foge muito da explicação, não gosta de ser explicada, poesia que é explicada, deixa de ser poesia”. Manoel de Barros afirma: “para mim, a razão é a última coisa que deve entrar na poesia” (2009).

Em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 89), o professor menciona o intelectual mato-grossense: “vi o poeta Manoel de Barros guardar água fora do verso e esbocei um quase sorriso de gratidão. Convoquei, sem perceber, enquanto permaneci ali parado naquela posição de abandono” [...]. O ensaísta mostra a real importância que o poeta tem para lhe ajudar a olhar através da janela para ver o céu vermelho sobre o pântano. No entanto, a poética, em Nolasco, se revolta contra a ideia de deixar a razão como último elemento para a escrita ficcional, ou da poesia, mais especificamente. Sua produção literária é produção epistemológica, é teorização, se quer como tal e se realiza nessa base. A literatura nolasquiana transvê, com a imaginação, com o pensamento

crítico, com as sensibilidades pessoais, locais, com a teorização do professor-poeta.

O escritor diz: “a fronteira não é longe daqui, ficou registrado em minha memória afetiva desde menino aos 9 anos” (2018, p. 87). De modo semelhante, ao recorrer a uma “memória afetiva” acerca da fronteira, o que o escritor compõe como texto poético-ficcional são as sensibilidades do homem-fronteira que, após o desenvolvimento de suas leituras, reflexões e teorizações descoloniais, pode voltar os olhos para sua própria experivivência e transformá-la em matéria para sua poética; a sensibilidade de menino alimenta a produção escrita e esta, por sua vez, é ressignificada na concepção da crítica biográfica fronteiriça do autor e crítico sul-mato-grossense. De fato, tal experiência/experimentação é vista no exercício de mimetização desenvolvida na publicação da obra *Pântano*, de 2014.

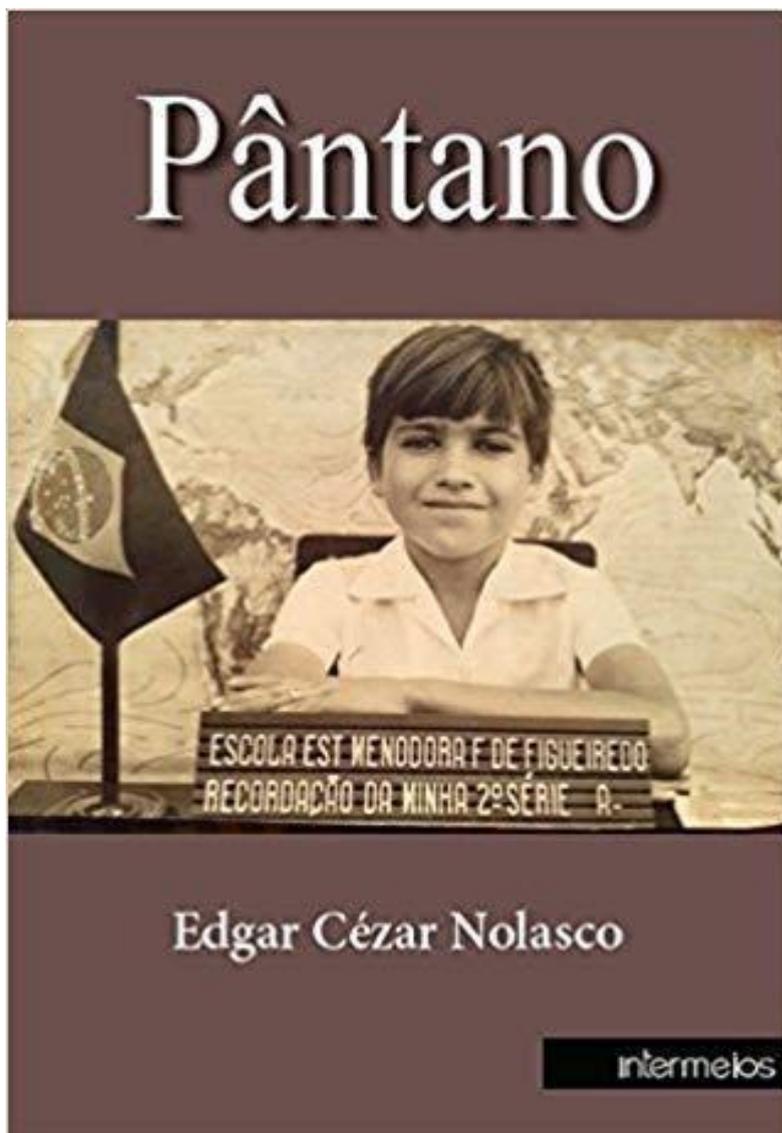


Figura 2: capa do primeiro livro que compõe a poética-ficcional de Edgar Nolasco, intitulado *Pântano*
 Fonte: arquivo pessoal (2019)

A escolha para a capa do livro traz a fotografia de Nolasco aos nove anos de idade, com a recordação da 2^o série do até então chamado primário, e pode-se dizer que é o início do arquivo biográfico-sul-fronteiriço e da poética-ficcional do professor.

O caráter epistemológico descoberto pelo intelectual seria não ignorar as demais poéticas. Contudo, para o poeta, pressupõem-se que a desobediência epistêmica e a opção descolonial são maneiras de refletir saberes e produções artísticas que habitam os loci marginais, da borda. Pondero que a opção descolonial exige desobediência, isto é, que não esteja ancorada nas noções modernas para que se

faça teoria.

É através da leitura de intelectuais como Nolasco, Mignolo e Pessanha, que posso atingir uma teorização memorialista de natureza fronteiriça, com o entrelaçamento das vivências de Nolasco com as minhas, assentada na exterioridade dos saberes. Como diz o filósofo e autor Juliano Garcia Pessanha: “meus livros guardam a memória” (2008, p. 19). Posto isso, Nolasco tece narrativas erigidas da fronteira, enquanto lócus geográfico e epistemológico, na qual se roçam e se entrelaçam sensibilidades, memórias, saberes, afetos, exterioridades, porque a fronteira-sul é porosa para as histórias e memórias locais que gravitam em seu entorno.

2.2 A despoética na literatura contemporânea: visadas descoloniais na poeticidade crítico- fronteriza de Edgar César Nolasco

Meu poema é a narrativa de meu destino pelo lugar de fronteiras, é minha travessia para um lugar que já me reconhecia como meu, mas no qual nunca chegava propriamente dito. O máximo a que eu consigo chegar, e cheguei por meio do verso, foi a uma comunhão com o meu lugar fronteiriço.

NOLASCO. *El lado oscuro del corazón de la frontera*, p. 34.

O livro *Oráculo da fronteira* (2018) traz estampada a fotografia do urutau, pássaro símbolo das regiões do cerrado brasileiro. Compreendo a relação do poeta com o urutau como uma simbiose, porque, às vezes, o professor-poeta se camufla como o pássaro. O intelectual delinea “ [...] sem me esquecer da condição de sujeito atravessado, busco refazer esse *atravessamento biográfico* da fronteira como forma de aprender a contornar o medo que me faz” (2018, p. 13). Tenho que a relação de Nolasco com seu próprio bios se faz por sensibilidades locais, históricas, culturais e familiares, bem como pela abertura de seu arquivo biográfico.

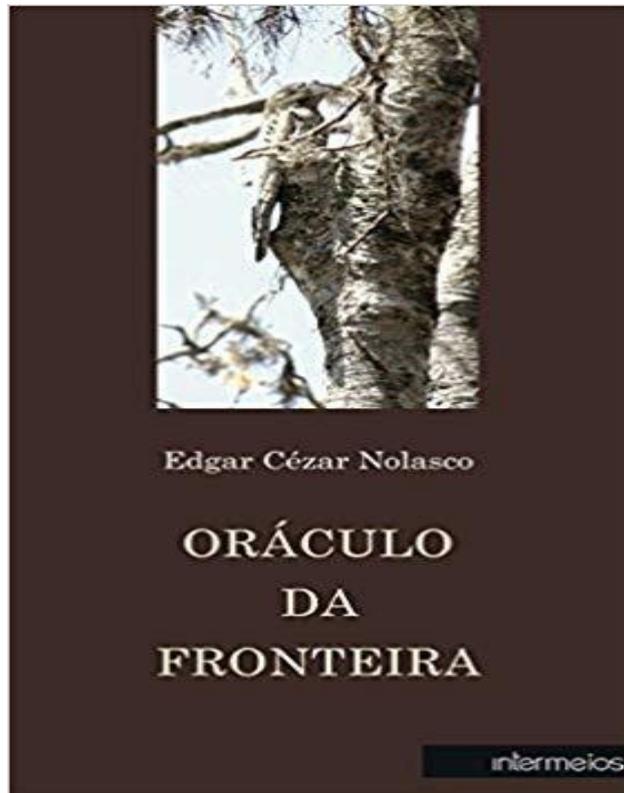


Figura 3: Capa do livro *Oráculo da fronteira*, também do crítico sul mato-grossense Edgar César Nolasco
 Fonte: arquivo pessoal (2019)

Edgar Nolasco cunhou o termo/conceito Crítica biográfica fronteiraça, enquanto teorização pensada a partir de seu lócus enunciativo, que envolve suas sensibilidades locais. Crítica biográfica fronteiraça é uma teorização que se formula a partir da junção entre bios e lócus da qual o professor se vale para ensinar dentro das disciplinas acadêmicas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Conhecido por seu relevante papel em sua fala a partir da fronteira-sul Brasil/Paraguai/Bolívia, Nolasco teoriza, vive, escreve e pensa a partir de seu lugar geo-corpo-bio-histórico, a fronteira-sul. O que nomeio de crítica biográfica fronteiraça está assentada nas reflexões de Nolasco, base epistemológica que apoia, há mais de três anos, minha pesquisa sobre a poética ficcional do professor ensaísta, e que ele assim determina:

Até aqui, procurei pontuar tão somente duas questões as quais vejo como essenciais para a discussão que proponho e que atende pela rúbrica de Crítica Biográfica Fronteiraça. Trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) biolócus. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiraça tanto o que é da ordem do bios (que seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta).

Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial. (NOLASCO, 2015, p. 59).

Segundo o intelectual, a visada teórica que a crítica biográfica fronteiriça apresenta, defende duas vertentes, que são: não ignorar as demais abordagens teórico-críticas, como a moderna e ocidental, e entender que “é por meio da articulação de uma epistemologia fronteiriça que se pode compreender e abarcar melhor as histórias locais desses loci epistemológicos e suas produções” (NOLASCO, 2015, p. 60), pois continuam ignorados pelas críticas modernas pensadas dos e nos grandes centros hegemônicos do Brasil e do mundo moderno.

O intelectual crítico fronteiriço sabe que apenas uma crítica deste locus, a fronteira-sul, pode ponderar em suas discussões as sensibilidades locais e biográficas dos sujeitos e das produções implicadas. Para o ensaísta, a “discussão teórica advinda da crítica biográfica fronteiriça reconhece o atravessamento de sujeitos e de objetos em sua discussão [...] tomado por uma subjetividade discursiva, os bios e os loci dos envolvidos” (2015, p. 68), e isso se dá por conta que as heranças bioculturais se justapõem às heranças coloniais.

À luz da desobediência epistêmica, ancorada pela descolonialidade, afirmo meu empenho enquanto pesquisadora fronteiriça em teorizar a partir dos escritos de Edgar Nolasco. Trago aqui Walter Mignolo, que afirma: “nos desprendemos do humanitas, nos tornamos epistemologicamente desobedientes, pensamos e fazemos descolonialmente, habitando e pensando sobre fronteiras e histórias locais confrontando os desígnios globais” (2015, p. 181)²⁹. Em sua poética-ficcional, o poeta sul mato-grossense opta por uma desobediência epistêmica e opção descolonial, por não “satisfazer o coro universal de uma estética dos contentes” (2014, p. 32), para descolonizá-las como maneira de zelar por todas as vidas dos sujeitos que vivem e existem na fronteira.

De minha parte, quero abranger a esfera teórico-crítica das memórias subalternas, então vejo em Nolasco o modo como teoriza acerca de sua vida, valendo-se da crítica biográfica fronteiriça, que se constrói como condição necessária para meu exercício enquanto pesquisadora.

²⁹ [...] nos desprendemos de las humanitas, nos volvemos epistemológicamente desobedientes, y pensamos y hacemos descolonialmente, habitando y pensando en las fronteras y las historias locales confrontándonos a los designios globales. (Tradução livre)

Conforme diz o professor-poeta, em *Ensaio da desobediência dos pássaros* (2021, p. 43), “peguei o canto do urutau e fiz dele uma despedida sem adeus”, então percebo que o pássaro urutau é bastante recorrente na poética epistêmica do ensaísta. Ele é conhecido como ave fantasma porque consegue se camuflar por entre as árvores, pois suas penas são acinzentadas com nuances de tons de marrom que se mesclam com as cores dos troncos das árvores do cerrado sul-mato-grossense, fronteiro. O formato de suas pálpebras permite enxergar mesmo estando com os olhos fechados e, por esse motivo, é popularmente chamado de olho mágico. Uma lenda diz que o pássaro seria uma mulher que perdera seu amor, por isto, ele teria o nome de pássaro-fantasma. Também dizem que o canto do urutau é um presságio ou aviso de morte de algum familiar.

Nas poesias do intelectual, é perceptível a importância desse pássaro, pois ele está quase sempre atrelado à camuflagem e melancolia do poeta. Compreendo ser possível que o intelectual também recorra ao urutau como metáfora, devido à questão da feiura, remetendo à subalternidade dos sujeitos sul-mato-grossenses, porque aqui no Mato Grosso do Sul, esse pássaro tem essa função.

Entendo, ademais, que é de suma importância aclarar algumas questões referentes à poética-ficcional de Nolasco em paralelo com sua construção crítica e produções teóricas em andamento, ao passo que o professor continua em plena atividade, desenvolvendo suas pesquisas e orientações na UFMS. Foi então que resolvi estabelecer uma espécie de diálogo com o professor, como mais uma base/fonte para minhas próprias reflexões.

Pondero que pode haver algumas considerações que devam ser levadas em conta quanto ao método³⁰ que empreguei. Estabeleço esse diálogo com alguém que está atuando, escrevendo como nunca, então não posso me colocar na posição de uma leitora ingênua, isto é, leitora que não irá tirar algumas conclusões acerca de sua escrita e sobretudo de suas respostas, como se fosse pensar que não há nenhum jogo linguístico, metafórico, simbólico na escrita do autor ao me conceder acesso a seus

³⁰ O método que empreguei foi uma espécie de questionário/pesquisa (via e-mail), que dá a oportunidade para o entrevistado para pensar, ponderar, escolher as palavras que irá escrever e o que irá dizer, talvez tendo em mente o que eu poderia esperar ler/saber como pesquisadora, e o que ele próprio desejaria que eu poderia esperar ler/saber como pesquisadora, e o que ele próprio desejaria que tivesse relevância

pensamentos sobre sua própria produção.

Compreendo que sua escrita é atravessada pelo viés ficcional, pois sei que o autor, muitas vezes, ficcionaliza suas sensibilidades, sensações, emoções, porque tudo passa pelo viés ficcional na relação de interlocução entre indivíduos. Como afirma o professor-poeta, em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 96) “depois de tanto tempo, vejo um urutau voando sobre a fronteira e me entristeço. Por que o fato de apenas ver um pássaro voando sobre o pântano me constrange para a poesia?”, mas será que o poeta precisa se camuflar na fronteira para viver? Foi esse questionamento que fiz ao próprio professor poeta, e a resposta foi que a presença do urutau o persegue desde antes de seu nascimento na fazenda Revolta, e tem como título de um de seus livros. Entendo que há um jogo discursivo que a experivivência de Nolasco me permite ler.

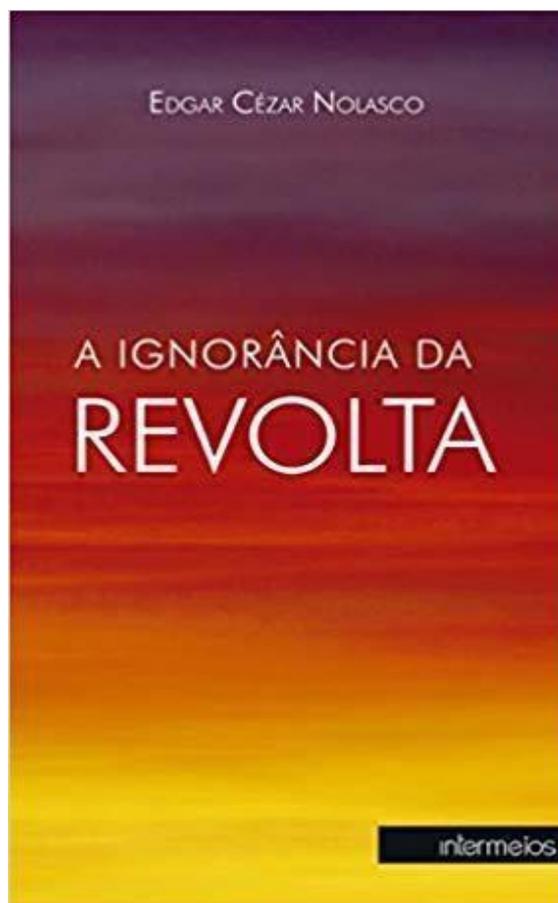


Figura 4: Capa do livro *A ignorância da Revolta*, também escrito pelo professor-poeta. Fonte: arquivo pessoal (2019)

O poeta mostra seu lócus biográfico como “lugar territorial onde o sol se põe por sobre a fronteira” (2013, p. 99), e esse pôr do sol, encarnado, sanguinolento, passando do amarelo ao laranja, ilustra a capa de *A ignorância da Revolta* (2018). Como ressalta o ensaísta: “a paisagem da fronteira-sul é a morada da minha ignorância” (2018, p. 21). Assim sendo, o lócus fronteiro é visto como lugar próprio da ignorância, que só é possível de se romper por uma visada descolonial.

Compreendo que na poética ficcional do ensaísta, o urutau não existe fisicamente, somente é elaborado metaforicamente, na linguagem, na sensibilidade daquele menino fronteiro. O que existe é uma sensibilidade para captar o canto do urutau numa Revolta que não existe mais, mas às vezes, ambos querem fazer morada em seu verso. Ele delinea, em *A ignorância da Revolta* (2019, p. 34) “desde ontem à noite deixei de escutar o canto do milenar do urutau na fronteira-sul. Essa parte final que fala do urutau me fez pensar em minha infância passada nas terras da Revolta”, pois escreve um livro de poemas que é uma desbiografia de si mesmo.

Nolasco diz, através de sua poética ficcional, que a linguagem da fronteira-sul está entrelaçada no corpo e na memória do poeta, entrecruzando seu bios ao lócus. Ele diz: “como escrevo meu verso da fronteira-sul, sobra-me re-escrever as bordas, as fronteiras, as letras, as palavras, os sentidos e o próprio verso” (2021, p. 36), pois aprendeu a re-aprender o seu lugar. O professor-poeta afirma: “sou a Revolta e a Fronteira, sou meu corpo e meu sangue escorrendo dentro dele, pronto para erigir uma linguagem de sangue, e, à medida que os sou, atravesso o corpo da Fronteira e da Revolta [...]” (2021, p. 27).

O intelectual declara: “a fronteira-sul de onde erijo meu discurso crítico, por simbolizar, ocidentalmente, o lugar em que o sol se põe, e metaforicamente espelhar a condição de crepúsculo oscilante sanguinolento [...]” (2013, p. 12), exige um certo avanço de uma epistemologia fronteira que seja exclusiva, e que consiga fazer com que se possa pensar acerca desses lugares subalternos de nascença, repulsando os discursos críticos disciplinares e acadêmicos, ou melhor, modernos.

Segundo o professor Bessa-Oliveira, em *Paisagens biográficas descoloniais* (2013), pode-se falar que é nas fronteiras que surge um pensamento reverso ao pensamento colonial. Para a leitura que proponho sobre as teorizações ficcionais de Nolasco, tomo aqui as relações entre artes, crítica e a paisagem imaginária e/ou epistêmica da fronteira-sul do Mato Grosso do Sul, lugar pantanoso, onde o crepúsculo é

sanguinolento. Então, a fronteira, aqui, é considerada como lugar onde há pensamentos hegemônicos e binários dos países colonizadores.

Procuro delinear com pensamentos, conceitos e imagens a minha paisagem biogeográfica, que estou construindo ao longo de minha pesquisa, e compartilho das mesmas ideias do intelectual Bessa-Oliveira, quando diz: “tenho a impressão de que não estou enganado em pensar de outra forma, somos todos retratos das paisagens do “fim do mundo” (2013, p. 258). Devido ao fato de ser fronteira, entendo que faço/sou parte das paisagens desse confim do mundo, porque é através de minha subjetividade, minhas leituras e de minha escrita que posso pensar/teorizar sob um olhar outro meu lócus epistemológico fronteiro e geográfico. Metaforicamente falando, é nas fronteiras que estão as trincheiras, logo é nas fronteiras que se faz necessário e obrigatório que criemos uma desobediência como forma de sobrevivência.

O intelectual enfatiza que o saber disciplinar é invenção do poder, e que o lugar e a Natureza, conseqüentemente, são paisagens inventadas. É necessário fazer as mudanças de maneira *epistêmica* (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p. 263), por uma epistemologia atual/contemporânea para pensar nossas produções prático-pedagógicas, artístico-culturais e teórico-críticas. Trago a figura da árvore Flamboyant, que entre a primavera e verão surge com suas flores grandes de cor vermelha, cobrindo toda a sua copa. Esta árvore está plantada em frente a minha casa. Flamboyant significa flamejante, como o crepúsculo escarlate da fronteira sul.



Figura 5: Árvore

Flamboyant Fonte: arquivo
pessoal (2019)

Bessa-Oliveira afirma: “uma “desobediência epistêmica”, como é posto pelos teóricos mais engajados na atualidade, serve para pensar a estética bugresca como um projeto “descolonial” para “ler” [...]” (2013, p. 263), isto é, compreender de forma mais abrangente as produções artísticas de lugares como a América Latina e Mato Grosso do Sul. Estou dando destaque para a imagem da árvore flamboyant, por fazer parte de minha memória local, que se constrói em ressonância com as árvores típicas do cerrado.

Pondero que o poeta subalterno produz a partir da condição a qual se encontra, tendo consciência disso ou não. Compete à teorização subalterna inserir a produção bugresca na história local. A poética bugresca em Nolasco se dá através de suas sensibilidades locais, pois pensa a partir da fronteira sul sob a perspectiva da subalternidade. O intelectual delinea, em *Oráculo da fronteira* (2018, p. 36), “agora que o poeta da fronteira-Sul quisesse incorporar em sua poética bugresca à poética dos outros dois seria simplesmente incompreensível”.

Penso que a desobediência epistêmica pode ser metaforizada pela imagem da árvore Flamboyant, pois remete às minhas sensibilidades locais, à luz da desobediência epistêmica. Pondero aqui que a relação da representação imagética da Flamboyant com a desobediência epistêmica se dá por conta de que, na natureza, a árvore é considerada espécie vulnerável, seu tronco é forte e se ramifica para poder suportar o vigor de sua copa e, em certa época do ano, ela costuma ser decídua, podendo ser considerada invasora, e a utilizo aqui como característica de mobilidade, de migração, por circular por esse vasto território simbólico, epistemológico que é a fronteira que o poeta evoca em sua poética ficcional. Então tomo-a como metáfora, pois interpreto a poética epistêmica de Edgar Nolasco como sendo desobediente, fronteiriça.

Walter Mignolo nomeou a “desobediência epistêmica” (2010, p. 287), e a opção descolonial demanda ser epistemicamente desobediente, pois assim como Mignolo e Nolasco, defendo que as memórias da exterioridade, erigidas da fronteira, estão assentadas na opção descolonial. Para o professor ensaísta, a fronteira toca os

sujeitos que a habitam, para talvez fazer sangrar seus próprios corpos na travessia pantanosa. Edgar Nolasco assevera em sua poética ficcional que traz aquele território-não-nomeável dentro de sua alma fronteiriça.

De uma paisagem sombria e pantanosa, o intelectual diz: “não mais triste nem mais alegre do que essa imagem [...] foi a paisagem que vi e guardei para sempre de um campo da Revolta tomado por línguas de fogo no meio da noite do outro lado da fronteira, e tive medo” (2014, p. 99). A ideia de estética bugresca aqui realça outras possibilidades estéticas em produções artísticas e críticas locais brasileiras. Portanto, uma desobediência epistêmica ajuda a pensar a estética bugresca como um projeto descolonial para entender de um modo amplo as produções em literatura, mas também de outras artes, como linguagens artísticas e saberes culturais.

Bessa-Oliveira afirma, em *Paisagens biográficas descoloniais* (2013) “o imigrante aprende a cultura do outro para manter a sua viva. Há o bios na fronteira da história da teoria, da crítica e das práticas” (2013, p. 265), onde, segundo o autor, testemunhos do próprio sujeito contemplam a noção de histórias locais.

Conforme Bessa-Oliveira, os centros hegemônicos consideram que no Mato Grosso do Sul os sujeitos são bugres, pois segundo o intelectual, a palavra bugre é usada como termo pejorativo para sujeito rude, primário e selvagem. De acordo com o professor: “não podemos mais pensar em uma estética que não passe pelas características bugras dos sujeitos locais. “Bugre ou Índio?” “Como tratar o nativo brasileiro?” “o bugre é rústico, atrasado”[...]” (2013, p. 265). Então, se pensarmos numa estética do povo nunca vão notar: a crítica estética moderna que há no estado de Mato Grosso do Sul não consegue atingir uma outra estética. Pondero que a estética do povo aqui pode significar uma estética outra.

Edgar Nolasco afirma: “a poética da fronteira é uma poética outra, que abunda no falar gutural dos Bugres, na água represada do pântano, no caminhar silencioso dentro da noite de foragidos que cruzam a fronteira a pé, [...]” (2018 p. 63). Então, de acordo com o professor, fazer poesia a partir da fronteira, ou do pântano, é acompanhar o silêncio do boi no campo e distinguir um homem da fronteira pela voz.

Desse modo, os escritos teórico-ficcionais do professor-poeta me ajudam a teorizar acerca de uma prática outra apoiada em uma epistemologia fronteiriça. Entendo que essa prática outra projetada para esta pesquisa precisa estar baseada pela

ideia de desobediência epistêmica, delineada a partir da fronteira-sul.

Para Bessa-Oliveira, em *desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS –ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE* (2016), os estudos que se baseiam em análises classificatórias ou restritivas tiveram seu local/espço epistemológico no estruturalismo e também num extenso tempo pós-estrutural no caso brasileiro. Isso pode ser falado que na contemporaneidade ocorre uma pluralidade de teorias, técnicas, ou por distinção das práticas artísticas atuais, podendo também ser constatado que se deve pelo fato de que o indivíduo biográfico, sua identidade cultural eclética e o seu particular lócus geoespacial “alteram qualquer forma de leitura tradicional que possa ser feita das práticas artístico-culturais contemporâneas ou ainda mesmo das práticas históricas brasileiras” (2016, p, 323).

O intelectual diz ainda: “é deste prisma que a epistemologia descolonial, por conseguinte uma “Estética Bugresca”, não corrobora na totalidade das ideias pós-modernas [...]” (2016, p, 323), e não é mais prática comum, em quaisquer que sejam feitas a leitura de sujeitos, de práticas artísticas (cultural ou estética) e objetos, praticada na contemporaneidade, desconsiderar o sujeito enquanto corpo presente da obra artística analisada.

Bessa-Oliveira destaca a percepção do corpo artístico como caminhante entre os lados opostos das fronteiras, mas que se abeiram e se tocam continuamente, pois como ele assevera: “o próprio conceito de fronteira deve ser compreendido pelas epistemologias contemporâneas, caso evidente para a “Estética Bugresca”, como um lugar do movimentar-se entre [...]” (2016, p. 324), que se encontra presente na poética ficcional de Nolasco, como esse local do movimentar-se entre, para além desse local, que é aparentemente demarcado e erigido pelos discursos dos poderes, tanto político como das artes, que constituem os começos de espaços e corpos.

Assim, quero destacar que a fronteira-sul, na verdade, é uma tríplice fronteira, não passa de uma “ferida aberta” (ANZALDÚA, 2007), que não cicatriza nunca, que sangra de ambos os lados, como na luta dos sujeitos subalternos que sofrem preconceitos homogeneizantes que teimam em defini-los. Como determina o intelectual Bessa-Oliveira, em *desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE* (2016), ponderar em sensibilidade biográfica ou lócus geográfico de enunciação, que representam parte do

bios e da geografia artística de Mato Grosso do Sul, pensada por sujeitos biográficos através de processos colonizadores e fronteiriços ao mesmo tempo, a escravidão e a disseminação indígena sinalizam “a ferida biográfica brasileira aberta pelo discurso colonizador e mantida aberta pelo discurso estético moderno (2016, p. 326).

Edgar Nolasco pontua: “eu atravesso esta fronteira-sul. A fronteira-sul atravessou meu corpo, atravessou meu pensamento, atravessou minha vida e virou só sentimento teórico” (2020, p. 73). Teorizo a partir da fronteira, através de meu corpo de mulher e pesquisadora, atravessado pelas minhas sensibilidades locais. Tenho consciência que sou e sinto a partir do lugar em que penso, portanto, meu bios é engastado por uma base histórica, e meu corpo epistêmico se mostra na ordem do lócus da enunciação, e se meu corpo é a extensão do lugar onde meu ser, sentir, viver e estar estão alicerçados no mundo, e a teorização é um sintoma de meu corpo.

2.3 Discussões da Crítica biográfica e da crítica biográfica fronteiriça: nós somos a fronteira.

Também preservo o direito de que o lugar de onde sinto, penso e escrevo seja contemplado a partir de suas histórias locais, seu cheiro nativo e suas especificidades intersubjetivas que podem resultar em uma teorização do lugar que pode ser colhida por todos aqueles que querem entender a alma do lugar fronteiriço.

NOLASCO. *Ensaio da desobediência dos pássaros*, p. 51.

Ainda para incorporar minha discussão teórica, busco dialogar com os aportes teóricos de Eneida Maria de Souza, em *Janelas Indiscretas* (2011), na qual a mesma arrola o lugar de onde analisa e fala. Eneida leva a América Latina como criadora de uma epistemologia unida a sua conjuntura da borda, a sua conjuntura periférica. Segundo Eneida Maria de Souza, em *Crítica Cult* (2002), a crítica biográfica constitui uma variante recente no que é um tanto relevante aos estudos de literatura no Brasil, e as leituras vão além disto. Souza nos mostra que a crítica biográfica tem por predileção definir elos metafóricos entre o que pode ser da ordenação do real ou da ficção, buscando mostrar como que atua o desenvolvimento do pensar latino-americano “por outras cabeças”.

A crítica biográfica praticada durante esses últimos anos consiste na

possibilidade de reunir teoria e ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida, (SOUZA, 2011, p. 21).

Ainda no bojo da reflexão, Eneida Maria de Souza, em *Crítica biográfica, ainda* (2010), enfatiza no que se refere à abordagem mais exata da crítica biográfica, que é imprescindível distinguir e resumir os polos da arte e da vida, através da utilização de um raciocínio substituto e metafórico, pretendendo não paralisar e diminuir as ocorrências, as situações e os eventos experienciados pelo escritor. Souza salienta que não se deve alegar que a vida esteja refletida na obra de modo direto ou imediato ou que a arte imita a vida, estabelecendo ou instituindo seu espelho.

É importante, enfim, assinalar a contribuição de teóricos latino-americanos para a leitura pós-colonial do gênero autobiográfico, na qual são introduzidas cenas que remetem ao ato de leitura dos escritores. O livro, a leitura, a pose do leitor assumem significado semelhante à iniciação do sujeito na escrita, gesto não apenas individual e particular, mas cultural. (SOUZA, 2010, p. 52).

Edgar Nolasco, em *Políticas da crítica biográfica* (2010), mostra que a fronteira-sul está em seu bios e que a falta do canto do urutau lhe traz um enorme silêncio para onde irá viver. Conforme o intelectual, parece que a função do filósofo, do poeta e do sujeito pensante de uma forma universal é sair de dentro do discurso e do pensamento modernos, sair de seu próprio centro, como se fosse o centro da teia, querendo pensar a partir de sua margem de fora. E ele quer pensar o fora dessa teia, que é as exterioridades, resvalando no princípio da exclusão, do invisível, do ignorado, do rechaçado, do tomado, no princípio dos saberes sem lei, e que todos são capacitados de pensar na diferença – colonial.

O campo do bios, ou melhor, da crítica biográfica, é regido por um saber biográfico resultante da inter-relação entre vida, obra e cultura, tanto do sujeito analisando (escritor, artista, intelectual) quanto do analista (crítico, intelectual) (NOLASCO, 2010, p. 36).

Compreendo a produção do professor e escritor sul mato-grossense Edgar Nolasco merece um estudo com um olhar aqui da fronteira, porque ele tem, ao longo dos anos, trazido importantes questões para nos fazer pensar e repensar nossa forma de lidar com os cânones da literatura e as produções marginalizadas que não foram produzidas. De acordo com o ensaísta, é necessário dar passos largos contra essa literatura cosmopolita e excludente, porque o subalterno também produz importantes produções literárias e teóricas, que podem perfeitamente coexistir com aquelas que

emergem dos grandes centros hegemônicos.



Figura 6 – A simbiose do professor-poeta com o pássaro urutau
.Fonte: *Diego Dariva Heltz* - Santa Maria – RS Ano 2021

Aqui, trago a imagem de Edgar Nolasco com o pássaro-urutau, como uma simbiose. Essa imagem foi pensada por mim para dialogar com esta pesquisa, pois o urutau é recorrente na poética-ficcional de Nolasco. A figura do professor se confunde com a do pássaro; a imagem faz uma mimetização, uma demonstração concreta, uma construção visual do modo como a figura do escritor e a retomada de sua experivência se confundem com a figura da ave, do conceito que evoca. Utilizo-a porque quero evocar a construção discursiva, metafórica, epistemológica e simbólica em que as duas imagens se confundem: o conceito professor, crítico, ensaísta, poeta e ficcionista com a do urutau e seu significado naquela paisagem fronteira. Percebo que essas figuras estão imbricadas uma na outra, e que o pássaro é eleito como um símbolo, uma metáfora

importante na escrita ficcional de Nolasco.

O responsável por essa imagem é um amigo gaúcho, chamado *Diego Dariva Heltz*³¹. O professor-poeta vai se desbiografando porque sua biografia não existe antes de seu verso, ou se confunde com ele? Biografia e fazer poético como as duas partes de um todo, o resultado de um sentir/pensar fronteiriço? Ele não existe fora da letra. Desbiografar aí também significa escrever uma biografia outra de uma biografia inexistente.

No bojo da discussão, manifesto a abertura de um arquivo dotado de sensibilidades biográficas e locais do poeta Edgar Nolasco, atravessado pelo sentimento de um mundo fronteiriço. Minha teorização se impõe e se move na encosta da fronteira-sul, brindando-me a consciência de que minha travessia é a extensão de meu fazer teórico. Desbiografia arrola uma des-escrita, uma escrita outra e, por extensão, um livro novo.

Seu melhor verso, o que melhor contempla sua desbiografia é precisamente aquele que não precisa ser escrito, porque já se encontra posto e pronto na Natureza, à espera de que o colha numa tarde de inverno. Seu melhor livro, por conseguinte, será aquele que não chegará às livrarias, aquele sobre o qual ninguém perderá tempo para escrever e para ler alguma coisa sobre ele. Para o professor-urutau, aliás, todas as livrarias, todas as revistas não o aceitariam, pelo simples fato de que elas são reprodutivas de um modelo de pensamento preexistente. Para falar de seu verso é preciso, antes, escavar um lugar de resiliência no mundo instituído da escrita, sobretudo da ensaística. Daí advém a política de sua desbiografia.

[...] meu *bios* se borda em minha poética em ponto de *nhanduti*; só tive a consciência de que a vida passava quando a morte bateu em nossa casa de repente pela porta da frente; guardei-me numa pose incômoda para uma fotografia familiar que jamais fora tirada; penetrei *naturalmente* no reino denominado de fronteira-sul e lá *convivi* com o que já era meu, mesmo antes de o ser, e vi poemas deixarem o oráculo e irem lambar o pântano em plena tarde e tive a certeza de que mesmo que eu contornasse meu *bios* com todas as suas entranhas, ainda assim eu não seria um homem *aprendido* com a morte; minha poesia inteira não passa do desejo confesso de rimar a palavra *fronteira* com meu *bios* de homem da Revolta [...] (NOLASCO. 2019, p. 47).

³¹ Diego Dariva Heltz é gaúcho, reside na cidade de Santa Maria – RS, é funcionário público federal e acadêmico em Administração, na UFSM.



Figura 7 – Pássaro urutau

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/conhecido-como-ave-fantasma-urutau-se-camoufla-entre-as-arvores-e-tem-olho-magico.ghtml>

Me valho da imagem do urutau, pela perspectiva da feiura, que remete a subalternidade em Mato Grosso do Sul, porque na poética-ficcional de Nolasco, o pássaro tem essa função. Para Nolasco, “a teorização fronteiriça se erige a partir da experiência/vivência do indivíduo da fronteira e, por isso mesmo, introduz a perspectiva da epistemologia fronteiriça” (2020, p. 70). Por esse prisma, Walter Mignolo afirma “pensar a partir de experiências subalternas deve contribuir tanto para a autocompreensão quanto para as políticas públicas, que criam condições para transformar (e estigmatizar) as relações de subalternidade” (2003, p. 160).

O professor-poeta delinea: “a planície, o pântano e a curva que o rio faz nas terras da Revolta estão incrustados na formação de minha história, estão na origem de meu bios de homem-fronteira e preparam o lócus para o nascimento da poesia fronteiriça (2019, p. 30). Acredito que quando o professor-poeta escreve que pensar no lugar da Revolta, cuja paisagem contorna seu corpo distendido prolongando até a extensão da planície a fronteira-sul era o lugar onde o mundo terminava, tinha a morte já estancada no meio do verso mesmo que mais ainda dentro dela em sua escritura.

Edgar Nolasco consegue entender que os pássaros sempre atravessaram a fronteira com a finalidade única e natural de depois do inverno retornar, e a fronteira

é mais um local para a poesia começar a fazer sentido. O lócus fronteiriço é visto como um lugar próprio da ignorância, que só é possível de se romper por uma visada descolonial. Sobre o nome da Revolta, o poeta afirma: “a Revolta é o destino do poeta da fronteira-sul” (2019, p. 27). Para definir a Revolta, professor ensaísta ainda acrescenta:

Revolta aqui tem por base dois sentidos: no sentido de teimar, de desobedecer, diante de tudo e de todos que acham que podem *pensar* pelo *outro* (outro com letra minúscula mesmo, por se tratar do *outro* da diferença colonial, aquele nunca contemplado pela história, pelo discurso e pela letra vindos de longe). O poeta fronteiriço como aquele que teima, que desobedece diante de todas normas cultas vigentes impostas pelas línguas e discursos itinerantes migrados dos grandes centros do país e do mundo. O outro sentido da palavra Revolta tem um sentido de fundo mais biográfico: por se tratar das terras da Revolta, lugar onde nasci, cresci e para onde acabei voltando trinta anos depois, terras que ao leste esbarravam no Porto Cambira, ao Sul eram banhadas pelas águas turvas do rio Dourados, a Oeste pelo chaco paraguaio e pelo pôr do sol sanguinolento, cuja paisagem era completada por um pântano vermelho suspenso e um urutau cuja vida fora devotada a um único galho seco, e ao Norte pelo portão de madeira de lei da Revolta que continua a ranger diante da tapera vazia. (NOLASCO, 2019, p. 27-28, grifos do autor)

O escritor delinea em seus escritos poéticos que não há existência provável quando se pensa poeticamente a partir da Ignorância da Revolta e da revolta da Ignorância, pois elas praticamente interrompem tudo e colocam cada ser e cada coisa em seu próprio lugar. Como ressalta o professor-urutau: “sei que habito os lados incapturáveis de uma fronteira que avança entre as terras epistemológicas de um saber poético adubado à custa de bosta de vaca ressequida no campo da Revolta” (2021, p. 38). No poema Pântano, ele diz:

Pântano

Oh
 pântano de mim,
 Jardim estagnado
 De lodaçais vermelhos
 Lugar por onde passou um amor abissal.

Trago cravado em meu peito
 As marcas das
 sensibilidades locais
 Daquele amor

imorredouro
 Tão profundo e indestrutível
 Que acabei por cercar todo um campo
 biográfico Para um dia ficar olhando
 para ele como se tivesse
 Guardado para sempre aquilo que já
 nascera decretado Para morrer

Oh pântano
 sanguinolento e cruel
 cortado por uma dor
 incorrigível
 feito um vento fino e frio vindo do Sul
 quando o urutau canta do outro lado
 da fronteira tão próximo e tão
 distante
 lonjuras do meu coração de homem-do-mato

Oh pântano suspenso
 por onde voam os pássaros
 melancólicos quando o crepúsculo
 oscila do lado da fronteira
 anunciando que o inverno tingido
 por um vermelho
 quase negro vai
 trazer perdas
 irreparáveis
 como quando fica um gosto de saudade

Oh pântano do meu coração
 Leva de mim esse desejo de morrer
 de tanta vida E deixa eu escrever
 minha biografia selvagem
 Antes que não morra a estação do outono (NOLASCO, 2014, p. 33-34).

No poema *Pântano*, o professor-poeta mostra que a fronteira-sul é a morada de seu verso, pois ela inicia-se ali, onde o crepúsculo vermelho se espalha para ambos os lados, talvez iluminando o pântano escuro em sua superfície abissal. Ele traz consigo os afetos e as sensibilidades à volta de seu corpo e lugar, pois apesar de o poeta da fronteira ter a fronteira-sul como sua grande morada, o poeta guarda um quase segredo, que é ter uma paisagem guardada no bolso para enfeitar sua biografia.

O ensaísta fala ainda que, um dia, atravessou sua fronteira-sul e estava do outro lado do mundo de sua vida, e encontrou do outro lado a mesma imensidão do Oeste sangrento que já havia encontrado do lado de cá, como se fosse um pedaço de melancolia encostado do lado esquerdo da fronteira.

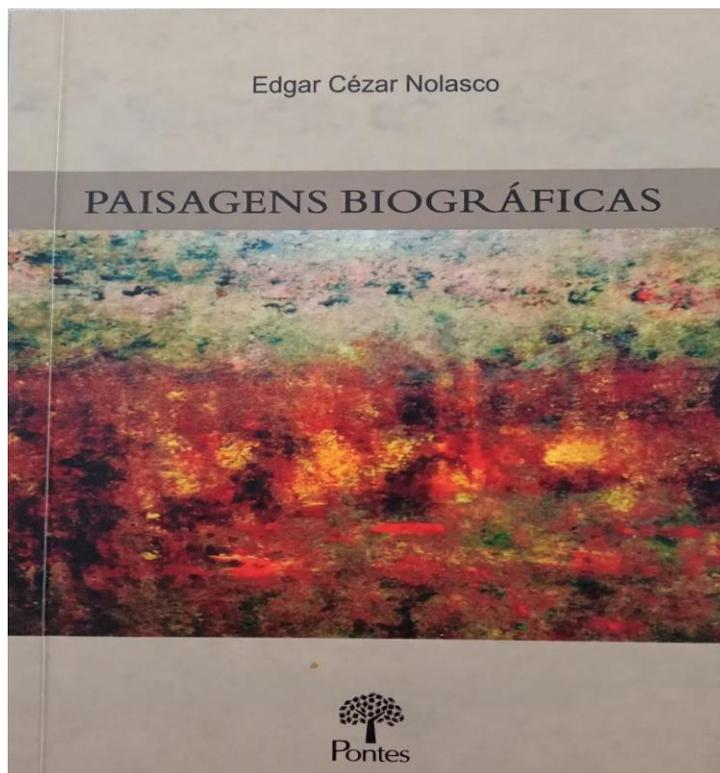


Figura 8: Capa do livro *Paisagens biográficas*, escrito pelo professor-poeta Fonte: arquivo pessoal (2021)

Trago a ilustração da capa do livro *Paisagens biográficas* (2021), pintura feita pelo artista plástico e intelectual Marcos Antônio Bessa-Oliveira, para dialogar com este trabalho, pois busco delinear uma paisagem biográfica descolonial que compreenda meu corpo e meu bios, que encontra-se disposto na exterioridade da fronteira-Sul. O professor-urutau mostra em sua poética que é um homem fronteiriço, que sua infância foi atribulada na Revolta, recebendo nas faces sanguíneas os açoites daquele vento aragano, que nasce das terras incaicas para depois chegar gélida e cortante na cidade de Ponta Porã, também conhecida como a Princesa da Fronteira.

Pode-se dizer que ele nasceu gaudério de todos os pagos, pois é um apaixonado pelas querências e se considera cria de todos os galpões da terra. Convido Nolasco para essa discussão epistêmica, o nomeio de meu aliado hospitaleiro, pois sua escrita-ficcional e teórica está contaminada por uma sensibilidade outra, me permitindo fazer do seu fazer poético uma tessitura crítica e plural. Compreendo que a lógica moderna baliza as fronteiras do pensamento humano, assim como exclui as sensibilidades, sensações e os corpos dos sujeitos fronteiriços das lutas por direitos epistêmicos. Compreendo que Edgar Nolasco se constrói enquanto meu aliado e, por conseguinte,

minha premissa de pesquisadora é criada a partir de Nolasco.

E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo objeto para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo (PESSANHA, 2018, p.71).

Para o filósofo Juliano Pessanha (2018, p.72), sabe-se que falar de sujeito e também de indivíduo faz desaparecer totalmente o indivíduo, ou seja, o indivíduo descende do indivíduo, descende das visitas e das permanências vagarosas de hóspedes longevos. A interioridade humana é como se fosse o impaciente de um encontro. Para se endoidar, é necessário um extenso exercício de desarmonia, abandono e desajuste de dádivas. Pessanha aponta que é sempre no duo que se decide o um. Como diz o filósofo: “o ser-um-no- outro vivo e sustentado do pacto pneumático do cocriador é a própria estufa na qual cresce e se territorializa o self verdadeiro” (2009, p. 72).

Trago Juliano Pessanha para o bojo da minha discussão porque me valho de seus conceitos, que são de grande valia para minha teorização. Quando o autor afirma: “ninguém entenderá a senha de entrada se não entender de aliados e acompanhantes” (2009, p. 75), entendo a importância real e necessária em dialogar com os intelectuais que conduzo para minha pesquisa crítica.

Ao ler as poesias escritas por Edgar Nolasco, interpreto através de minha experiência fronteiriça que ele não tem medo de aprender a lição dos pássaros, faz-se poeta para alcançar a fronteira-sul, que a habita desde sempre e, estando no deserto do medo, fica extasiado com o amarelo forte que sangra nas papoulas do campo e, ao engastar seu verso a partir da fronteira, a melancolia o convida a costear o pântano³² invadindo a história familiar da Revolta.

O professor-urutau afirma: “penso meu verso a partir de onde estou, e daí dessa condição e lugar tomo meu caminho da desobediência que me levará à província do verso” (2021, p. 23). Uma questão importante para ser discutida aqui é sobre a escrita/linguagem/poesia/discurso, pois é isso que revela um escritor/poeta/pesquisador/professor. Mas até que ponto é permitido ao leitor e a mim ler o escritor? Como diz Edgar Nolasco: “a tradição e a sua carcaça de lei” (2013, p.135). Então, é necessário nos desapegar da tradição interna, para avaliar e traduzir as novas

³² NOLASCO. *A ignorância da Revolta*, p. 26.

práticas (teóricas, críticas e estéticas) que vão surgindo de fora para dentro.

O professor-poeta enaltece em seus poemas a importância do local onde viveu praticamente toda sua infância, não deixando de mencionar a cor do barrado sanguinolento do crepúsculo oscilante daquela fronteira-sul, onde a natureza foi o marco inicial de sua sabedoria de poeta. Conforme Walter Mignolo assinalou em *Histórias locais/projetos globais* (2003), a transformação fundamental que ocorreu no espaço intelectual deu-se graças à configuração do pensamento crítico subalterno, quer seja devido à prática opositiva na esfera pública, quer seja pela mudança teórica e epistemológica na academia.

São as histórias locais que se passaram na casa azul da Revolta, situada em terras banhadas pelo rio Dourados, onde sua família trazia um certo tipo de tradição, e seus poemas tentam captar e traduzir para seu leitor a consciência bugresca que foi herdada de seus “abuelos”, que também viveram na fronteira-sul, lugar ímpar oracular, como o próprio Nolasco descreve, tão importante para a sua vivência de homem-fronteira, e são essas histórias locais fronteiriças que são sutilmente delineadas nos poemas, pois somente o povo subalterno que viveu lá as conhecem.

[...] do lado leste do terreiro da casa da fazenda havia um pé de aromita que todos os anos ficava abarrotado de suas florezinhas amarelas, cheirosas e minúsculas. Embaixo dele, as galinhas vinham ao meio dia pontualmente para enfrentar o calor escaldante do todas as tardes de verão. Também brincávamos sobre suas ramagens frágeis e cheias de espinhos (NOLASCO, 2019, p. 65-66).

Aqui, vale um comentário sobre a aromita, que é considerada planta invasora e problemática em lugares de pastagens, ou seja, indesejada nos lugares que se determinam que não deveria estar. Invasora, não respeita fronteiras e floresce nas brincadeiras infantis e na imaginação poética do autor adulto ao poetizar e teorizar sua fronteira. Apesar de ser considerada afrontosa no pantanal, no período de seca esta linda planta nos presenteia com um delicioso aroma que exala de suas belas flores amarelas. Então tomo-a como metáfora, pois interpreto a poética epistêmica de Edgar Nolasco como sendo invasora, da margem, e até mesmo indesejada pelos grandes centros.

Diante do exposto, valho-me de um texto, intitulado *Locais* (2011), de Aleida Assmann, professora e pesquisadora alemã. A casa da Revolta praticamente se torna

uma personagem nos poemas de Edgar Nolasco, pois várias dessas memórias se passaram na varanda, na cozinha, nos quartos, também quando ele escreve sobre as muitas galinhas que corriam ao redor da casa, que era cercada de moitas do capim barba-de-bode.

A memória subalterna, assim como as histórias locais da fronteira-Sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico. Como nasci na fronteira, logo nasci entre línguas (na família se ouvia falar em guarani com a mesma naturalidade com que o português.). Todo o conhecimento e, por conseguinte, meu arquivo memorial vêm do fato histórico de eu ter/estar nascido numa condição/língua de fronteira. Minha língua, como minha memória de fronteira, é diversa (NOLASCO, 2013, p. 143).

Edgar Nolasco afirma: “não podemos dizer que a memória subalterna latina demanda do mesmo “estímulo” para ser exumada em seu lócus geoistórico cultural” (2013, p. 154). Ele relata que, certa vez, caminhava rente à cerca de pau a pique e um cheiro característico de coivara queimada pairava no ar e adentrava em suas narinas, conservando para si uma saudade do que ainda iria viver naquela casa azul da Revolta. Nolasco diz “[...] guardei para sempre na memória a imagem de um homem escorado com o pé direito numa cerca de arame mirando o olhar em direção ao Sul na espera de uma tempestade.” (2018, p. 99). As memórias subalternas do professor-urutau são recorrentes em seu fazer poético.

[...] Acabo ensaiando uma teorização poética que ao fim e ao cabo me diz de minha específica condição e vida. De tanto não tirar meus lindos olhos verdes dos olhos do *Bugrinho* de Conceição, ele acaba por me ensinar *aprender a desaprender* a razão moderna e, em troca, me permite alcançar sua poética bugresca advinda de nossa fronteira-Sul. Por meio de sua poética bugresca, posso exumar memórias, reinventar histórias locais e revelar identidades escondidas por trás da leitura moderna equivocada que foi feira dos próprios *Bugres* [...] (NOLASCO. 2014, p. 31-32).

A pesquisadora Assmann ressalta: “quem fala da “memória dos locais” serve-se de uma formulação que é tão confortável quanto sugestiva” (2011, p. 317). A autora destaca que os lugares são como os sujeitos que carregam a recordação, e esses locais são espaços de conservação (perspectiva de museu), não uma ideia de fechamento, de intocável, mas como espaços de abertura da memória, espaços de algumas narrativas que podem assumir o papel de personagens da história pela importância que traz dentro da obra. Destaco outro trecho em que Assmann afirma: “o que dota determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família” (2011, p. 320).

Na poética ficcional do ensaísta, é evidente a importância desses locais de fronteira, tão presentes e detalhados, quando ele escreve que os poemas que faz são como histórias locais que grassam na fronteira, e que os fatos da última história local que foram confidenciadas para si resultavam em raros traços biográficos que remetiam à figura daquele homem da Revolta que fora seu saudoso pai, também destacando as muitas recordações de sua querida mãe, a partir daquele local de barrado encarnado, que varria o pântano profundo, e esses fatos não lhe permitiam, em hipótese alguma, recontar sua história, porque como poeta subalterno, estava fadado ao esquecimento.

O escritor diz: "vi muitas vezes minha mãe voltar do campo com uma braçada daquelas minúsculas flores para pôr em seu vaso de louça para decorar a sala de visitas." (2014, p. 55). Essas flores que o professor-poeta se refere são os malmequeres do campo. Me valho de Assmann:

Interessam-nos aqui os dois exemplos que Goethe tomou como objetos simbólicos. Na verdade, não são objetos, e sim dois locais: "a imediação onde eu moro" e "o espaço da casa, do quintal e jardim do meu avô". A força simbólica que Goethe conferiu a esses locais parece ter algo a ver com a memória (ASSMANN. 2011, p. 317).

Partindo da leitura que a pesquisadora faz das escolhas narrativas e poética de Goethe, fica evidente a exemplificação de como, na literatura, os próprios locais são tomados e significados. Conforme a pesquisadora pontua, esses dois locais conseguem corporificar para o observador uma memória de que ele está participando como sujeito. É nesses locais que se alarga a memória do sujeito no caminho da memória familiar e é também nesses dois locais que uma lembrança pessoal e singular se dissolve em uma lembrança geral. Ela destaca que Goethe deixa evidente que para ele se trata dos próprios locais e não de coisas que simplesmente estão dispostas para serem achadas, como por exemplo, objetos restantes do passado.

Assmann afirma: "ele inicia com os locais com que estabeleceu uma relação estreita, ou seja, os locais que lhe suscitam uma "recordação repleta de amor" (2011, p. 319). Aqui, a autora enfatiza que Goethe, aos poucos, deseja ir do notável para o significativo, diminuindo a fração de lembranças pessoais, fortificando o ambiente próprio do local.

Nos poemas do professor-urutau, entendo essa relação estreita com os locais

onde passou sua infância, como as recordações da casa azul onde viveu, localizada na fazenda da Revolta, próxima do Porto Coimbra, quando ele descreve que escutava ao longe, um cinzeiro de bronze e fita de couro bater quando pendurado num prego na varanda externa da casa grande da fazenda. Como afirma Walter Mignolo: “pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas” (2003, p. 158). Tenho consciência que penso, escrevo e falo a partir de Mato Grosso do Sul, pois sou permeada por uma sensibilidade outra, de fronteiras, e minha averiguação epistemológica conduz a uma teorização a partir de minhas histórias locais.

Nolasco compartilha suas memórias com seu leitor, de dentro da sala de visitas vinha o barulho do pedal da máquina de costura, onde sua mãe passava tardes infundáveis de sua vida, também que a Natureza local possuía touceiras de camalotes e guavirais, com muita água que ficava represada do pântano, com seus antigos povos e suas memórias encravadas nos balaies culturais trançados com o couro de boi e sangue, onde ninhos de guaxos guardam histórias locais nos pés retilíneos das macaúbas do campo. Percebo que não é apenas a memória da casa azul da Revolta ou dos móveis que o faz remeter ao passado, mas é no local onde Nolasco consegue buscar as memórias que alicerçam a cultura de sua família. Escreve Assmann:

Grande é a força da memória que reside no interior dos locais” — a frase de Cícero pode servir de impulso inicial para quem se questiona a respeito de uma força específica da memória e do poder vincutivo dos locais (ASSMANN, 2011, p. 317).

Através dessas leituras, tomo o professor ensaísta como um aliado hospitaleiro, cujas memórias e escritos ficcionais crítico-teóricos são fundamentais para minha própria inserção como mulher e pesquisadora, que transita entre fronteiras epistêmicas, que também é desobediente de nascença, assim como o professor-urutau.

Segundo Assmann, Cícero tinha uma ideia evidente dos locais para a construção de uma memória, estabelecendo lugares e figuras, como partes de construção da arte da memória, da qual as figuras eram importantes para o estabelecimento afetivo de determinados conteúdo do saber, e os lugares para a

disposição desses temas e sua retomada.

Constato a importância das memórias de sua infância, por isso ele enfatiza em sua poesia a significância daquele lugar, daquele espaço em sua vida. O poeta sul mato-grossense diz: “como ficou para sempre em mim aquele cheiro de papai impregnado em suas tralhas depositadas na varanda da casa para todo o sempre” (2014, p. 56). Entendo que, para que se cumpra uma teorização de caráter fronteiriço, tomo minha pesquisa como parte das memórias, saberes, subjetividades, histórias, e sensibilidades fronteiriças, complementando assim a opção descolonial.

CAPÍTULO III

ENTRECRUZAMENTOS DE FRONTEIRAS: onde a minha fronteira se cruza
com a do professor-poeta

[...] Habito nessa paisagem como o urutau habita na distância invisível entre meu coração e a fronteira-sul. Numa profunda saudade o canto do urutau atravessa a fronteira, atravessa o pântano, atravessa as terras da Revolta, atravessa meu coração que se constrange envergonhado para a poesia.

NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 97-98.

3.1 A fronteira sul não passa de um livro aberto sem autor

Quando eu ia começar a escrever o poema - essa vontade incorrigível de rever meu pai estudando o tempo a partir de uma nuvem negra que se formara do outro lado da fronteira (A memória dos afetos tem cheiro?) Quando eu ia começar a escrever o poema - esse prazer de sangrar no corpo para ver expostas as fissuras da geo, do bios e dos locais das sensibilidades não (des)humanizadas (Para onde correm as águas do rio da Revolta?) Quando eu ia começar a escrever o poema - esse habitar a fronteira entranhado em meu corpo feito as sementinhas de guanxuma presas às barras da calça de meu pai (A planície do pântano se confundia com a lisura de meu olhar)

NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 71.

O que pretendo discutir no 3º capítulo é uma leitura consciente, um exercício de construção de conhecimentos e saberes por meio de sensibilidades outras, que inserem também a racionalidade. Retomar memórias significa lembrar do outro. Como o professor-urutau afirma: “a memória do homem não é uma soma; é uma desordem de possibilidades indefinidas” (2013, p. 155). No verbete *Memória* (E-Dicionário de Termos Literários), a poesia não é apenas a expressão das situações e dos acontecimentos passados desde quando ativamos algo em nossa memória, mas sim a interrupção desse indizível imemorial que é procurado pela linguagem poética, porque estão diante da intangibilidade do que pode ser definido como palavra originária. Neste mesmo âmbito do indizível, achamos a conexão entre a memória e a tradição oral da literatura, esta mesma que se compõe como sendo um processo de aprendizado que é transmitido de geração em geração.

A transmissão oral requer a presença do interlocutor, também sua visualização de tudo o que é falado e, estando a par do que é falado, predomina integralmente uma atividade motora, que é elaborada pelo emissor, corporizando o dizer. Essa relação definida entre os interlocutores é assinalada pela imaginação, predominando a memória dos elementos indizíveis, integrantes do poema ou da própria narrativa. Aqui, percebe-se essa relação quando o poeta afirma: “[...] nessa época minha memória era o decalque de uma paisagem cinzenta e azul da ilha da Revolta com o canto do urutau encobrimo aquele vasto campo biográfico” (2018, p. 77).

A poética ficcional de Edgar Nolasco fala de seu saber fronteiro, advindo de sua herança de bugre do campo, pois é um homem-fronteira de nascença e, como ele

diz: “[...] no entremeio de minha fronteira biográfica adubaram o que nasceu com toda força no lugar [...]” (2018, p. 62). Logo, entendo que minha teorização deve priorizar as sensibilidades locais e as experiências dos sujeitos fronteiriços e suas produções culturais, mesmo quando a herança colonial seja um fato histórico e não pessoal, posto que somente quando me predisponho a pensar criticamente a partir de um olhar outro, é que consigo encontrar na condição de compreender, a condição de subalternidade. Conforme ele afirma: “posiciono-me e penso da fronteira, não dos centros globalizados das cidades e do mundo, essa é a condição de minha herança familiar, histórica e cultural” (2013, p. 133).

Atento que o sujeito fronteiriço ouve, fala, ou escuta o trânsito contínuo dos dialetos e das línguas, como o guarani e o portunhol, também as línguas indígenas 84 que são pronunciadas diante das situações de subalternidades locais. Essas características de homem-fronteira encontram-se na hospitalidade, na convivência, no jeito peculiar de o outro abordar as pessoas do lugar onde chega. Tenho consciência de que demorei muito para des-aprender (Mignolo) isso, mas sei, através de minhas sensibilidades locais, que eu já experienciava isso desde sempre.

Fazer poesia a partir do cu do mundo é uma saída estratégica poética e epistemologicamente de apresentar ao outro que o poeta da fronteira-Sul também pode andar por suas próprias pernas. A poética subalterna exuma para o presente aquelas lições poéticas e históricas locais que ficaram durante anos amalgamadas nos loci das margens da América Platina e na escuridão. A poética da fronteira burla a rigidez imposta pela poética moderna que ainda grassa nos trópicos (NOLASCO, 2018, p. 62).

Se no projeto moderno as memórias subalternas herdaram a prática de repetir nos trópicos uma memória declinada nos moldes gregos e latinos, por outro lado e ao mesmo tempo, sua condição de periférica fez com que esta memória treinasse o ouvido para rememorar sua canção balbuciada por entre as fissuras de um colonialismo memorialístico global. Rememorar aqui é mais do que aprender a desaprender (Mignolo): aprende-se a desaprender a lição (modelo) da memória moderna imperial e, ao mesmo tempo, por meio de um fazer/lembrar/esquecer, funda a epistemologia de uma memória específica da zona fronteriza. Quero entender que da parte do sujeito da memória subalterna, não há nenhum motivo para “risadas”, já que seu ouvido fora por demais treinado para repetir a exaustão a memória alheia, a ponto de quase se esquecer de lembrar-se de suas específicas memórias (NOLASCO, 2013, p. 155-156).

Tenho de iniciar manifestando a minha motivação de pesquisadora, pois há quatro anos me dedico a pesquisar a poética-ficcional de Edgar César Nolasco, e

tendo como meu intelectual pensante, integrando as minhas memórias, contornando minhas experiências. Vejo a tamanha importância quando ele narra suas memórias subalternas, que são contornadas por seu bios fronteiriço. Isso é fundamental para a teorização de minhas memórias, porque estudar Nolasco me viabiliza a demarcar meu lócus enunciativo enquanto pesquisadora.

Dialogo aqui com o argentino Walter Mignolo, que afirma em *Desobediência epistêmica* (2008, p. 323), “[...] a opção descolonial demanda ser epistemicamente desobediente”. Dito isso, cabe aqui uma reflexão no que tange as memórias da sensibilidade e da exterioridade, tão pertinentes nos escritos teóricos-ficcionais de Edgar Nolasco. Como Mignolo ressalta, o caminho para o futuro é e continuará a ser, a linha epistêmica, ou seja: “a oferta do pensamento descolonial como a opção dada pelas comunidades que foram privadas de suas “almas” e que revelam ao seu modo de pensar e de saber” (2008, p. 323). Aqui, me valho do lócus fronteiriço, pois sei que os corpos que lá habitam são silenciados e excluídos desde sempre, para beneficiar os interesses políticos.

Pensando no lócus fronteiriço, reconheço que pode existir uma prática à repetição, que impede de alçar o voo crítico que atinja o outro lado da fronteira, porque a crítica local parece estar sentenciada a curvar seu olhar para o Norte, e como diz Nolasco: “[...] como forma de reverenciar os legados teórico-críticos que hoje podem soar como estereis para se pensar zonas fronterizas como a que encontro na tríplice fronteira sem lei do Sul [...]” (2013, p. 122).

Constato, a partir do que reitera Mignolo, que é função do pensamento descolonial evidenciar as vozes da exterioridade para consolidar os direitos epistêmicos das opções descoloniais. Já em seu outro texto intitulado *Aesthesis descolonial* (2014), Walter Mignolo diz: “é necessário que os sujeitos aprendam a desaprender o aprendido” (2014, p. 41), e que não se sintam como um estrangeiro em seu próprio país.

Pensando no lócus fronteiriço, reconheço que pode existir uma prática à repetição, que impede de alçar o voo crítico que atinja o outro lado da fronteira, porque a crítica local parece estar sentenciada a curvar seu olhar para o Norte, e como diz Nolasco [...]” como forma de reverenciar os legados teórico-críticos que hoje

podem soar como estéreis para se pensar zonas fronteirizas como a que encontro na tríplice fronteira sem lei do Sul [...] (2013, p. 122).

Constato, à partir do que reitera Mignolo, que é função do pensamento descolonial evidenciar as vozes da exterioridade para consolidar os direitos epistêmicos das opções descoloniais. Já em seu outro texto intitulado *Aesthesis descolonial* (2014), Walter Mignolo diz “é necessário que os sujeitos aprendam a *desaprender o aprendido* (2014, p. 41), e que não se sintam como um estrangeiro em seu próprio país.

O escritor afirma: “numa profunda saudade, o canto do urutau atravessa a fronteira, atravessa o pântano, atravessa as terras da Revolta, atravessa meu coração que se constrange envergonhado para a poesia” (2018, p. 97-98). Consigo perceber que o entusiasmo com que meu avô contava as memórias de sua infância era um tanto parecido com o entusiasmo com que Edgar Nolasco escreve seus poemas, por isso seus poemas me encantam.

[...] no campo intelectual, trata-se de violar a violência epistêmica da diferença colonial, de uma particular (“provincial”) localização geopolítica do conhecimento, validada como universal. Propor diante dessa lógica monotópica, uma perspectiva pluritópica como o universalismo do futuro, como caminho para um novo humanismo (PALERMO, 2008, p.81). (Tradução livre minha).

De acordo com a professora emérita Zulma Palermo, a questão da legitimidade das teorias propostas a partir das academias centrais sobre o funcionamento das culturas na América do Sul é, digamos assim, ancorada pela desconfiança em relação a prováveis novas estratégias de colonização intelectual que são conhecidas para acompanhar, sendo - conscientemente ou não, as políticas da globalização, que estão sendo aperfeiçoadas pelas recentes formas de poder, mudando novamente seus paradigmas para a academia latino- americana, cujas possibilidades não são apenas diferentes, mas muitos estudiosos latino- americanos já haviam criado esse tipo de problematização, muito parecido desde tempos muito anteriores a essa mudança de paradigma.

Para Palermo, um rápido passeio pela produção realizada pelo pensamento crítico da América do Sul se põe no lugar da enunciação que procura pensar em si mesma, desde a alteridade, gerando discursos de resistência ao hegemônico e

buscando sua identidade além do sujeito construído pela modernidade.



Figura 9 - Professor Edgar Nolasco autografando seu livro *A ignorância da Revolta*. Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Essa foto é bastante importante para mim. A tenho como um marco em minha jornada como pesquisadora, pois foi nesse dia que fui conversar com o intelectual Edgar Nolasco e o questionar se eu poderia pesquisá-lo. Ele disse sim, e a partir daí ele se tornou meu intelectual pensante. Conforme a afirmação de Mignolo: “as sensibilidades dos locais geoistóricos relacionam-se com um certo sentido de territorialidade [...] e inclui a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima e todos esses signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares” (2003, p. 264).

A poética ficcional do ensaísta está enraizada por suas sensibilidades locais, um lugar geográfico que possui a sua história local particular, que é a fronteira-sul, compreendida pelo estado de Mato Grosso do Sul-Brasil, que faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai.

3.2 Leituras da desobediência teórica-fronteiriça na poética ficcional do professor-urutau

A fronteira é meu lócus biográfico. A fronteira é dentro e fora de mim. Durante a tarde eu contornei minha angústia. Apesar disso,

sinto, mas não posso escrever minha dor. Eu me aconteço na fronteira, incluindo seu dentro e seu fora, mas sobretudo sua borda rendada e porosa (enjoei da metafísica)

NOLASCO. *A ignorância da Revolta*, p. 81.

As escolhas semântico-poéticas de Edgar Nolasco permitem o jogo linguístico – o sangue, a cor da terra, a violência, de modo que nem sempre fica claro qual a referência mais imediata ou qual a opção de sentido mais evidente, sobretudo porque se trata de teorização mais do que a exposição ‘do chão’ da fronteira. Por outro lado, a violência não precisa ser a real, apesar de geralmente estar vinculada às fronteiras latinas, africanas, asiáticas, de boa parte do mundo inteiro, se pensarmos nas migrações e nos conflitos europeus e americanos.

Essa via de mão única que traduz o modo como a crítica subalterna recebe e hospeda a crítica do centro não permite que se discuta a relação, por exemplo, entre a produção do saber e o local geoistórico. Este, na verdade, que deveria ser o ponto de partida para uma articulação fora do eixo, acaba ficando completamente de fora do/no modo crítico hierárquico como vem acontecendo (do eixo para fora do eixo). As teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções (NOLASCO, 2013, p. 59).

Para o intelectual, as teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções. Como ele destaca: “o problema reside quando elas não são transculturadas, como acontece [...] com a crítica do centro e de fora que aporta nesse lado da fronteira-sul. E, por não sofrer uma transculturação, tal crítica não se torna um objeto de estudo” (2013, p. 59), servindo como meio estratégico “epistemológico”, para estudar os objetos locais, inclusive a própria crítica fora do eixo e sua aferição enquanto tal.

A escrita da poesia do professor-urutau segue por meandros líricos em convergência ou consonância com uma teorização fundamental na constituição do intelectual poesia faz um percurso de suas doces memórias da sua infância, vividas nesse lugar ímpar, singular, de melancólico crepúsculo oscilante da fronteira, região pantanosa onde a Natureza é a exterioridade máxima de sua sobrevivência. Nolasco delinea nos poemas *Para compor uma biografia* e *Perguntas ao oráculo*:

Para compor uma biografia

Numa tarde de inverno do ano de mil novecentos e setenta e sete, enquanto eu voltava para casa de campo e refazia costumeiramente meu trajeto entre o campo e a cidade,
escutei um urutau cantar ao lado da

fronteira-Sul [...] ele cantou do lado de cá ou de lá? Cresci e até hoje não saberia responder àquela pergunta que ficou ecoando no vento enquanto eu passava em velocidade na boleia do carro de papai.

Tinha nove anos e não sofria e inda do desejo de conhecer o Rio de Janeiro. Bastava-se aquele mundo que chegava por meio das radionovelas escutadas por mamãe pontualmente às quatro horas da tarde (NOLASCO, 2014, p. 21).

Perguntas ao oráculo

Por que esse desejo anterior ao meu corpo de voltar à Revolta numa tarde de domingo quando todos dali já haviam partido?

Por que essa vontade antiga de escrever um livro sobre a paisagem sanguinolenta da fronteira-sul derramada sobre o pântano?

Por que o barulhinho dos gonzos do portão da Revolta se refugiara (para) fora de minha memória ancestralmente declinada para o esquecimento?

Por que a paisagem de um homem chupando laranja às 3 horas da tarde e 45 minutos ainda hoje me comove até às lágrimas?

[...]

Por que dessa condenação de me pôr a imaginar o que existe do outro lado da fronteira se meu pensamento já nasceu ancorado nesse entrelugar?

Por que não me distraio desse desejo de vingança (e raiva) de quem me exprobrou em plena tarde em quanto eu ria dos desavisados do perigo da vida?

Por que a paisagem de um urutau cantando do outro lado da fronteira-sul me sucumbi para uma vida que não vivi?

Por que essa vontade incorrigível de passar a minha vida a limpo e parar naquele ponto em que nunca vou entender?

Por que meu coração sempre bate mais forte quando

tenho de começar um poema cuja origem
está bordada no centro de uma paisagem
fronteiriça que me persegue desde antes de
meu nascimento na Revolta?

Por que esse destino de contornar minha tristeza
às 3 horas da tarde na Revolta quando as
moitas de capim barba-de-bode roçam
umas nas outras ignorando as horas do
dia? (NOLASCO, 2018, p. 68-69)

No poema *Para compor uma biografia*, o professor-poeta mostra que numa tarde fria de inverno, mais precisamente no ano de 1977, quando estava retornando para sua casa, que se situava nas terras da Revolta, ouviu o canto desolado do urutau, ave que é conhecida por trazer mau agouro e a morte. O poeta está em dúvida até hoje, pois não sabe em qual lado o urutau cantou, se foi do lado de cá, das terras da Revolta, ou se foi do outro lado da fronteira. Me valho aqui de uma interpretação com o diálogo teórico de Edgar Nolasco, pois, segundo ele afirma, em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013, p. 136), “esses símbolos paisagísticos do lugar de fronteira devem compor o quadro das sensibilidades e das biografias do lugar de onde se encontram”.

No poema *Perguntas ao oráculo*, o ensaísta vai fazendo vários questionamentos, vai se perguntando o porquê tem o desejo de voltar para as terras da Revolta, e o porquê sente o desejo de escrever um livro sobre suas lembranças daquela paisagem sanguinolenta da fronteira-sul. Continuo com o diálogo teórico de Edgar Nolasco porque, como ele mesmo diz: “é importante reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (Mignolo), ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação” (2013, p. 15).

Quando o professor-urutau pergunta o porquê daquele barulhinho do portão da Revolta estar refugiando-se de suas lembranças, interpreto através de minhas sensibilidades que seja por medo da morte, ou será pela melancolia daquela paisagem que costuma borrar suas memórias? Pondero que quando o intelectual diz que a sua tristeza vem às 3 horas da tarde, significa a hora da perda, remete historicamente a hora da morte de Jesus, como algo que foi perdido, que se perdeu, e essa hora é

metafórica na poética-ficcional do intelectual.

Aqui, o diálogo teórico de Edgar Nolasco continua pertinente para a discussão, porque ele ressalta: “uma abordagem da crítica biográfica brasileira (Souza), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença” (2013, p. 15), para que se possa fazer uma articulação epistemológica.

O professor-poeta, sem dúvidas, está fadado às terras da Revolta, não importa onde se encontre hoje ou amanhã, pois a enorme vontade de passar sua vida a limpo e retornar aquele ponto-chave de sua vivência naquele lugar sem igual, ao qual jamais irá compreender, não cessará.

O autor Mia Couto enfatiza: “acreditamos, à partida, que o pensamento não tem fronteiras. Foi feito para superar limites, para rivalizar com o sonho na visita ao impossível” (2020, p.1). Essa afirmação nos faz refletir sobre o conceito de fronteira, a postura humana e o sentimento em relação ao que é tido como estranho, levando ao questionamento a questão da identidade móvel daquele que habita a fronteira.

O escritor não reconhece essa fronteira, porque ele entende que seja híbrida, sem limites, livre. Para Mia Couto, essa fronteira a qual se refere, seja a do pensamento, não a territorial e sim, a do pensar e escrever é uma arte, é também um ato de liberdade. Segundo o autor, nosso pensamento, assim como toda e qualquer entidade viva, nasce para vestir-se de fronteiras.

Pondero que a fronteira-sul na despoética de Nolasco se assenta enquanto lugar de existência, pensamento e escrita, assim como suas sensibilidades estão entrelaçadas à sua vida do poeta, e seu bios e lócus o constituem desde sempre, delineando a despoética do homem-fronteira. O professor ensaísta afirma: “não existe quase que nenhuma explicação racional para esse lugar do poeta da fronteira” (2021, p. 33).

3.3 A fronteira também é um importante lugar de fala

Acessar o lugar de um pensamento é o único modo de honrá-lo e também de superá-lo.

PESSANHA. *Recusa do Não Lugar*, p. 13.

Ainda desejo contornar as suas margens, assim como contornei certa tarde na Revolta minha angústia. Que este poema venha até mim e me salve da dor plantada no meio do verso falhado. Confesso que quero o poema desse jeito como ele se me apresentou outrora, quando pensei que já podia falar daquilo que ainda me condena ao silêncio. Preferi não bulinar demais nele, com medo de perder sua inocência virginal. De fronteira em fronteira, de repetição em repetição, eu chego à minha ignorância buscada.

NOLASCO. *Oráculo da Fronteira*, p. 87.

Fronteiras são espaços de pluralidade, com uma enorme diversidade de representações e significados, que pode também pressupor o dentro e o fora, o igual e o distinto. Esse invento é como se fosse um vício de arquitetura, porque não existe infinito sem linha do horizonte. A verdade está aí, a vida possui fome de fronteiras, porque essas fronteiras da própria natureza não são somente para fechar, são fronteiras que foram feitas para delimitar e também para negociar, tudo ao mesmo tempo. O dentro e o fora tem-se cambiado por turnos.

Nolasco evidencia em sua poética ficcional que a cor do crepúsculo encarnado, proveniente da fronteira selvagem, faz uma metáfora da ferida colonial, que são simbolizadas pelos sujeitos-fronteiras, e a vida sangra por causa do desdém do poder estatal, também devido ao poder do discurso hegemônico, que decide qual a melhor maneira para introduzi-los na história. Edgar Nolasco teoriza: “[...] zona fronteira aqui em relevo, sobretudo quando pontuo que tal crítica não escuta as línguas que se produzem e se cruzam nesse lócus cultural como a guarani e o portunhol” (2013, p. 34).

Também o poeta Joca Reiners Terron, com o seu *Transportuñol borracho*, ajudou-me a pontuar o lugar impreciso e borracho que especifica a zona fronteriza de onde articulo meu discurso crítico. Entre bárbara e selbaje, a fronteira-sul borda suas linhas da ordem do real e do imaginário, pontilhando, ora do lado de dentro, ora do de fora, sua força e sua resistência, e sempre impondo, ao seu modo, seu discurso fronterizo como resultado possível de uma epistemologia gerada nessa zona que quase sempre beira o esquecimento por parte do saber moderno, acadêmico e disciplinar. (NOLASCO, 2013, p. 14)

De acordo com o ensaísta, a epistemologia fronteira foge de toda uma reflexão racional, que é executada pelo discurso disciplinar e acadêmico, também pelos discursos modernos, que chegam dos centros do país e de fora dele. A verdade é que essa zona controla e cria variadas maneiras de pensar e de viver, que são

próprios do lugar. Ele afirma: “entre a fronteira, a poesia e o infinito, borda-se “esa broma que llamamos vida” de fronteira, cujo papel é transculturar” (2013, p. 15), isto é, embebida pela lucidez do abandono, e todo o discurso colonial cisma em se segurar a um corpo que o afugenta, repulsa, rechaça.

Se, para Edgar Nolasco, a imagem do crepúsculo oscilante da fronteira lhe traz a ideia de uma época, ou mesmo de um momento em condição de declínio, que precede o fim de alguma coisa, é ali mesmo onde tudo acaba, no qual o espaço é um recipiente que, na verdade é, ou traz do de fora, do outro. Me fez lembrar das histórias de meu saudoso avô paterno Pedro, homem muito agradável, de sorriso fácil e cheio de vida, que contava, com os olhos marejados, que o lugar mais lindo e inesquecível em que viveu parte de sua vida, tinha o crepúsculo oscilante mais lindo do mundo, e esse crepúsculo sanguinolento era como se fosse propriedade de seu espírito.

Através da compreensão de minha experivivência, considero que memórias são de suma importância para o fazer biográfico fronteiriço, pois são encarregadas de trazer nossas sensibilidades à tona. Dialogando com Walter Mignolo, acredito que são essas “memórias locais” (MIGNOLO, 2008), que me guiam pela escrita das memórias fronteiriças, partilhadas por sujeitos subalternos.

O intelectual sul mato-grossense escreve que os deuses da fronteira quiseram que ele chegasse tarde demais para escrever uma poesia subalterna, mas isso não ocorreu. Então, ele delineia que se chegasse tarde, talvez esta seria sua única condição. Já que vive, pensa e escreve desse lugar avesso ao mundo da civilização do ocidente, saiu catando seu tratado uniforme vitorioso a todas as imposições de poderes e forças decretadas pela história da humanidade ocidental, que se espalhava por debaixo da plantação de erva-mate e do mandiocal, além das miúdas sombras dos pés de guavira que se encontravam esparramados sobre o cerrado.

Uma poesia bárbara, subalterna e selvagem, tem de romper, quando a noite aumenta seu silêncio no campo e o pântano fica no limite de transbordar, as bordas da civilização latifundiária do saber e do poder e impor seu discurso da ignorância natural e geostórico da fronteira, sem medo de ser feliz.

Etimologicamente, bárbaro e selvagem estão muito próximos: a primeira palavra significa aquele que pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua, enquanto a palavra selvagem pode significar aquele indivíduo não civilizado

ou de civilização primitiva; nômade. Nolasco delinea, no poema *Meu Norte é o Sul*:

Escrevo para achar um Sul para minha vida. Desde Quando nasci, caminho em direção à fronteira-sul. Minha travessia vem acompanhada pelo canto desolado do urutau do outro lado da fronteira.

Viver-entre-fronteiras, viver do lado de cá da fronteira-sul, ou, mais precisamente, viver por muito tempo à beira do rio Dourados na Revolta, em terras herdadas pela família, narcotizou em mim a sensação de estar sempre na condição de estar fora do lugar.

Agora mesmo, enquanto escrevo, me encontro na situação imaginária de estar voltando para casa, cuja travessia é uma pinguela estreita que dá do outro lado sombrio e pantanoso da fronteira [...]

(NOLASCO, 2018, p. 78).

No poema *Meu norte é o Sul*, o intelectual tenta mostrar, desde o título, que quando se encontra perdido e, como diz um ditado popular, qualquer mato serve de caminho, ou seja, o seu caminho é o sul, é a fronteira que pulsa em seu corpo desde seu nascimento, e sempre vai caminhar em direção à fronteira-sul. Ele diz ainda que sua travessia, inevitavelmente, é acompanhada pelo canto melancólico e desolado do pássaro urutau. Para o professor, as terras da Revolta que herdou sua família, o entorpecem e o paralisam, pois parece sempre que está na circunstância de estar fora do lugar.

Como o professor-urutau evidencia, sua escrita poética é uma floresta de signos obscuros, de sentidos mortos, de bugres totalmente desolados na beirada da estrada, de paraguaios esfomeados dedilhando seu violão na carona de um caminhão, com bolivianos procurando como atravessar de forma ilegal a fronteira com o Brasil de andariegos atravessando o campo pintado por seriemas e bois, de uma Revolta que não existe mais e um pântano que nunca sangra.

Para Nolasco, parece que a função do poeta, do filósofo e do sujeito pensante de uma maneira geral é sair de dentro do discurso e do pensamento hegemônico, que é excludente e moderno, sair de seu próprio centro, como se fosse o centro do nó, da

teia, visando pensar a partir de sua margem de fora. Ele quer pensar o fora desse nó, dessa teia, que são as exterioridades, resvalando no princípio da exclusão, do ignorado, do rechaçado³³, do invisível, do rejeitado, do repulsado, do tomado, no princípio dos saberes sem lei, e que todos são capacitados de pensar, de produzir a partir da fronteira, da margem, da borda.

Lugares periféricos são sempre lugares específicos, mas nem todos os lugares são periféricos. Pensar a partir da periferia implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam, de forma hegemônica, na cultura; significa, também, em transculturar tais projetos globais em projetos locais periféricos que façam sentido para a cultura periférica; significa, ainda, e sobretudo, em rearticular os saberes e os discursos todos de uma perspectiva da crítica subalterna. Uma reflexão crítica periférica, por sua natureza de fora do lugar e sua estratégia transdisciplinar, só pode se situar e, por conseguinte, ancorar seu discurso na margem do saber instituído e dos discursos acadêmico e disciplinar, como forma de barrar um pensamento totalizante vindo de fora (NOLASCO. 2013, p. 87).

Edgar Nolasco pontua em seu texto *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, que Walter Mignolo, antes de crer que existe ou não dentro e fora, admite que “difícil é esquecer ou eliminar as dicotomias históricas que o discurso e a epistemologia colonial impuseram ao mundo, inventando diferenças coloniais” (2003, p. 453). É através da escrita, quando atravessada pelo lugar de fala dos sujeitos fronteiriços, que a cultura irá de vez por todas exercer como um recurso de mudança, influenciando no caráter transdisciplinar. Como destaca o ensaísta, defender: “uma forma de pensar nas e a partir das margens periféricas do mundo, visando transformar as demais epistemologias que migraram dos grandes centros ou de fora do país e rearticulá-las da perspectiva periférica” (2013, p. 88).

Tomo que na trilha que percorre o intelectual contemporâneo, o que toda a crítica precisaria fazer, de uma vez por todas, é excluir de seu vocabulário toda visada dicotômica, especialmente porque o discurso moderno, colonial, só fez inundar o mundo com suas infundáveis dicotomias. Por isso, em uma abordagem crítica, por exemplo, o fato sintetiza-se não em saber se realmente existiu dentro e fora, e sim, em conhecer como solucionar esta “ferida aberta” (ANZALDÚA, 2007). Diante disso, Mignolo afirma: “dentro e fora, centro e periferia são metáforas dúplices que dizem

³³ A palavra rechaçado aqui tem o significado de possuir uma posição contrária a algo ou alguém, que foi retirado ou repellido.

mais sobre os loci da enunciação do que sobre a ontologia do mundo. Há e não há dentro e fora, centro e periferia” (2003, p. 454).

Nolasco assinala ainda que é necessário existir uma crítica subalterna, periférica por excelência, da qual o pensamento liminar consiga fazer reverter a colonialidade do poder e a subalternização dos saberes, crítica que sugira uma nova maneira de pensar que as dicotomias sejam dissipadas em favor de uma outra episteme que se encadeie para ao longe da diferença colonial moderna, e esse projeto crítico necessita resguardar uma maneira de pensar nas e a partir das margens periféricas do mundo.

O escritor entende que, constantemente na esteira do que pretende Mignolo, embora às vezes podendo contradizê-lo, compreende que o intelectual pensante desse nosso século XXI, mesmo se encontrando na condição de periférico ou não, necessita entender que as periferias globais e mundiais criam seus loci de enunciação próprios que necessitam ser restituídos pelas discussões críticas contemporâneas, especialmente por elas oferecerem uma outra reflexão ao redor da compreensão e conhecimento, que são indicados pelo discurso acadêmico, que é, sem sombra de dúvidas, excludente e hegemônico por natureza.

É a partir desse lugar fronteiro, por sublimidade, que o ensaísta procura buscar e pensar uma crítica periférica, ao qual projeto baseia-se em uma nova epistemologia como maneira de impossibilitar as marcas de uma epistemologia moderna que, ao deslocar-se para as bordas, reproduziu um significado abrangente sobre as produções locais.

A propósito, nesse sentido, está bastante clara a ideia de que o Terceiro Mundo gera uma epistemologia periférica um tanto particular e, de uma maneira especial por seus intelectuais internos que por si só, sabem fazer negócios com a crítica migrante de fora, não medindo empenhos para compreender de modo particularizado sua cultura e história. O professor-poeta ressalta: “a periferia está para o Terceiro Mundo, assim como o centro está para o Primeiro; a cabeça está para o Norte, assim como o resto do corpo está para o Sul” (2013, p. 92).

Nasci num país chamado fronteira. Logo venho desse lugar distante e

próximo a um só tempo. Cheguei ali quando o crepúsculo descambava para a melancolia e o boi no campo descansava e o urutau preparava seu abandono. Desconfio que uma tarde me persiga desde antes de meu nascimento naquele lugar tomado pelo vermelho. Trago comigo o cheiro da tarde impregnado na fumaça que exalava do fogão à lenha, a imagem quase alegre de tão triste das galinhas procurando seu lugar de pouso na aroeirinha e os guaxos desesperados em revoada aninhando-se no laranjal. Vi, desde o meu nascimento, meu amor pelo lugar fronteiriço sendo bordado naquelas histórias locais que se resumiam em atravessar a pinguela e estar do outro lado do mundo. Aprendi que o homem da fronteira não sofre de trauma. Sofre de uma sensação de medo e cuidado, como se desde sempre sua vida estivesse engastada do outro lado e ele quisesse atravessar de volta e descobrisse que sua vida mesma é essa condição de atravessamento sem fim (NOLASCO, 2014, p. 77).

Na obra poética intitulada *O jardim das fronteiras* (2020), o poeta delinea que as palavras fronteiras, urutaus e revoltas contornam o centro de sua vida, porque passa a lembrança de uma paisagem biográfica por elas, mas que nunca chega até ele, de sentir um quase gosto no corpo, e é por isso, afirma que escreve o verso roto. Na citação elencada, quando Nolasco diz: “atravessamento sem fim”, entendo que remete ao espaço fronteira como lugar que une dois ou mais povos, duas ou mais culturas, acarretando a uma transculturação, que é o que ocorre a um sujeito quando adota uma outra cultura, podendo implicar em perda cultural, ou não.

A transculturação está no cerne do método fronteiriço, como por exemplo, o indígena, que é um sujeito híbrido, não é mais puro e a questão da cultura separada não existe, elas se misturam, pois o indígena não tem medo de ser feliz em Mato Grosso do Sul. Ele confessa que nessa vida, viu o homem envelhecer entre os muitos bois, viu a tarde enlarguecer sem fim, para a felicidade de domingo caber dentro dela, até que viu também tudo caber num poema singelo, de somente um verso. Nolasco nunca deixa de afirmar que vive entre fronteiras e entre palavras até então consideradas bárbaras e selvagens, entre pântanos sanguinolentos e pássaros desolados e fugidios, e que entre seus versos que não necessitam de si mesmo, para serem amados pelos outros.

O poeta afirma: “meu verso me abandonou de mim!” (2020, p. 50). Ele questiona para que o homem poeta faz o verso às três horas da tarde, se ele já possui a camisa amarela de volta ao mundo, quando teve vontade de escrever o porquê o verso curto rasga a fronteira ao Sul, como um insano que avistou na praça e que lhe pediu um sorriso, foi então que aprendeu outra dimensão da razão.

Walter Mignolo pensa a América Latina pós-ocidentalmente, fora do conceito

de América Latina elaborado pela Europa, em que tudo que está além, distante dela não é aproveitável, desde o longínquo século XVI, que recusava e ignorava o negro e o índio, que já estavam aqui.

[...] uma das versões da teorização que antevijo e defendo é o de pensar a partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade. Nesse caso, a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria: pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas (MIGNOLO, 2003, p. 159).

Walter Mignolo mostra em seu texto *Histórias locais/projetos globais* (2003), que precisamos imediatamente de uma leitura de semelhanças na diferença, que é o pensamento descolonial que está ancorado em conceitos da borda, periféricos, para desprender-se de uma leitura comparada, sempre do colonizador para o colonizado, do centro para a margem, do letrado para o não letrado. De acordo com o autor, é a diferença colonial que possibilita essa leitura de semelhanças na diferença, porque a literatura comparada, por exemplo, desde sempre comparou a leitura do colonizador com o do racionalizado, que é subdesenvolvida, que reforçava a leitura de semelhanças e diferença, que é a diferença do outro, originada pelo centro, e esse dito outro é o índio, o negro, para excluí-lo. O índio foi colonizado distintivamente de como o branco foi colonizado, a exterioridade é o construto da interioridade, o dentro cria o fora para dominá-lo e, infelizmente, o terceiro mundo está sempre a reboque do primeiro mundo.

Mignolo destaca ainda que a ênfase na pós-modernidade, em vez da pós-colonialidade, numa ex-colônia que se transformou em uma grande potência mundial, auxilia a entender a atenção que a pós modernidade vem tendo da América Latina, especialmente em países da costa continental atlântica, que encontram-se próximas a Europa e distantes da costa do Pacífico e de condensadas populações ameríndias. O fato de os sujeitos estarem iniciando a olhar artigos mesclando a América Latina e a pós-colonialidade aparenta originar-se do fato de que a pós-colonialidade transformou-se em um significativo tópico de discussão em círculos acadêmicos.

O autor enfatiza ainda que a razão subalterna (teorização pós-colonial), é aquilo que aparece como resposta à necessidade de reconceitualizar, e que “repensar as histórias contadas e a conceitualização mostrada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos,

desenvolvidos e subdesenvolvidos e desenvolvidos [...]” (2003, p. 143), sendo todos eles projetos globais esquematizando a diferença colonial. A razão subalterna vem para rasurar tudo isso, porque está ancorada na epistemologia fronteira, e a ideia de semelhanças na diferença vem para acabar com essa dualidade.

Enquanto a noção de semelhanças-e-diferenças constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc.), a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos, culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis (MIGNOLO, 2003, p. 278).

Para Mignolo, a transculturação, dita de uma outra maneira, poderia ser elaborada como uma forma de pensamento liminar especial, e o pensamento liminar, fazendo parte de sua alegação, é a necessidade fundamental da epistemologia subalterna e também da reflexão que transcenda as dicotomias que são produzidas pelo ocidentalismo, como o imaginado predominante no sistema mundial/colonial/moderno. E esse imaginário e ilusório aumentou as realizações da modernidade e reduziu seu lado obscuro e sombrio, chamado de colonialidade. A interioridade é pensar nas semelhanças e diferenças, que são assentadas numa visada hegemônica e comparatista, que são teorias pós-ocidentais e estudos de área, disciplinar pensamento ocidental moderno.

Já a exterioridade é pensar a partir das semelhanças na diferença, é pensar na exterioridade em que só é possível se o sujeito pensante marcar o seu lócus, de onde ele pensa seu lócus e seu bios, que é como se fosse uma condição de se inscrever a partir de, está para a razão pós-ocidental, é a inscrição do sujeito subalterno, marginalizado, rechaçado, fronteira.

Walter Mignolo dá ênfase a razão pós-ocidental, ou fronteira, ou periférica, que é a episteme pensada do terceiro mundo, da borda, é o modo de pensar fronteira e que se contrapõe à epistemologia moderna e está para o sistema colonial moderno por meio da epistemologia moderna, que criou as palavras semelhanças e diferenças, é o mesmo que trabalhar na perspectiva do pensamento moderno, que vai privilegiar o tempo (trata da diacronia, da história contada pelo ocidente), em detrimento ao espaço, que reforça essa visada moderna universal. O imaginário europeu é castrador por excelência, e a razão pós-colonial rechaça a razão colonial.

A colonialidade está agregada à modernidade, uma não vive sem a outra, e a razão moderna quer dizer o penso, logo existo, e Mignolo vai contra tudo isso, e o objetivo do autor com o seu texto é estabelecer um diálogo entre o pensamento liminar e a pós-colonialidade através da diferença colonial. Essa diferença colonial que permite uma leitura das semelhanças na diferença, sendo que a literatura comparada sempre comparou a literatura do colonizador com a do racionalizado (subdesenvolvido), que reforçou a leitura das semelhanças e diferenças.

O intelectual argentino trata da colonialidade do poder, que é quando não se lê levando em conta a diferença colonial e isso, infelizmente, tem o poder de reforçar a colonialidade do saber (é precedida pela colonialidade do poder), que é o modelo de ensino/escola. O lócus geohistórico não é real, é o lugar onde nós nos situamos, não é só territorial, ele é cultural, é epistemológico, e o lócus fronteiroço corre tanto para o lado de lá, como para o lado de cá. Está do lado da fronteira, do pensamento fronteiroço, das histórias locais, do pensamento pós-colonial, e a narrativa da literatura moderna não se preocupou só com o espaço, só com o tempo.

Como afirma Edgar Nolasco: “o que deve haver é uma crítica periférica, subalterna por excelência, cujo pensamento liminar reverta a subalternização dos saberes e a colonialidade do poder” (2013, p. 87). O professor mostra em sua poesia que a fronteira-sul está arraigada, entranhada em seu bios, e que a falta do canto do urutau lhe traz um silêncio para onde irá nascer, e empenhado e diligente em teorizar e comparar tudo e todos, por causa de sua ativa, dinâmica e relevante profissão, ao qual olvidou de inscrever seu bios no interior de seu pensamento, largando-o na exterioridade de seu corpo, mantendo bios e corpo imóveis na escuridão da fronteira-sul.

Portanto, pensar a partir de é alargar e aumentar a leitura literária a fim de compreender e perceber epistemologicamente aquilo que tem me tocado nesses últimos anos. Desta maneira ter a minha leitura atravessada pelo meu lócus é escolher por uma teoria descolonial, como uma maneira de olhar para o discurso fronteiroço de Edgar César Nolasco de um lugar de fronteira.

O escritor imprime em sua poesia suas vivências naquela zona de fronteira sem igual, exteriorizando que é na travessia que a família fronteiroça se reúne e se

dispersa, como um redemoinho que emerge repentinamente no meio do campo descampado, não se importando se precisam ser hegemônicos para que suas vivências ultrapassem aquela zona fronteira.

O poeta subalterno não está morto, está mais vivo do que nunca e seus antepassados fazem parte do que ele é hoje, e seu pensamento é galgado às histórias da borda, isto é, à família da fronteira estava facultado a buscar, a procurar o que ainda não conhecia, o presente. A poética bugresca do ensaísta se junta a uma antiguidade tão antiga que se diz na superfície do presente da linguagem que baseia o que o intelectual está nomeando de família da fronteira. Ele expõe ainda que hoje não se trai mais porque sabe de onde pensa o seu verso e o seu corpo. O professor-poeta explicita, nos poemas *Abandono* e *Tapera*:

Abandono

Escureceu, de repente, às três horas da tarde, ao Sul da fronteira-Sul, que mais parecia que tudo ia se dissolver entre o pântano e o cerrado, e em nada poético como acontece em poema inicial de Drummond.

As galinhas, entre obedientes e acostumadas, recolheram-se no poleiro e nas galhas lisas das aroeirinhas.

O gado deixou a ilha desolada para trás e rumou em direção à sede da fazenda, onde passaria a noite ruminando coquinhos de macaúba até o raiar da aurora.

O cavalo relinchou no campo, como se protestasse em prol de sua liberdade de repente sequestrada sem causa aparente

O urutau deserdado cantou do outro lado da fronteira de forma ainda mais melancólica, desesperada e só.

Até o cachorro abandonou o seu dono e se enterrou enrodilhado num buraco feito no meio do terreiro da casa fechada.

Só o homem, ignorante a tudo o que acontecia ali, continuou firme a olhar o crepúsculo oscilante da fronteira-Sul, que mudava de cor conforme a tempestade avançava sobre o pântano

vermelho
(NOLASCO, 2018, p. 47).

Tapera

Quando o sol se põe do outro lado da fronteira-Sul,
as taperas são encobertas por uma escuridão que come
o espaço e seu silêncio.

Dentro, há a luz terminal de um lampião, ou de uma
lamparina pendurada
num varal esquecido, sinalizando que há ali um ser
vivente que não partira.

Anoitece na casa de campo e o cachorro esquecido de ser
cachorro se enrodilha
num buraco feito no meio do terreiro.

Guaxos migraram da fronteira e vieram passar a noite
gélida no laranjal
de uma família outrora imperial.

Louças e cristais foram quebrados ou atirados pela
janela grande, ilustrando que uma tradição milenar
entrara em declínio.

Brigas familiares históricas levaram uma árvore
genealógica toda à bancarrota.

No fundo da casa, sobre uma caieira de madeira de lei,
cresceu, da noite para o dia, um pé de abóbora que não
fez outra coisa senão produzir abóboras como se o
mundo tivesse começado exatamente ali.

Quando a vida dá lugar para o abandono, é sinal de que
é chegada a hora
em que o humano precisa deixar tudo para trás e partir.
Uma porteira que range, para dentro e para fora (feito
um coração esquecido),
com o vento vindo do sul em pleno descampado no
campo traduz para o tempo
histórico a dor de uma tradição fracassada
(NOLASCO, 2014, p. 25-26).

Em *Abandono*, o professor-poeta inicia o poema com a palavra escureceu, que pode também significar ensombrou, como algo que tornou-se sem luz, ao Sul da fronteira-sul, seu lugar de fala desde sempre, e que nunca o abandona. Ele fala dos animais que habitam as terras da Revolta, como as galinhas, o gado, o cavalo, o urutau e até mesmo o cachorro, que tem seus hábitos costumeiros no cotidiano na fronteira.

Como a tempestade dava o ar de sua graça, ou desgraça, os animaizinhos se preparavam para enfrentá-la, e então o urutau foi cantar seu canto melancólico, triste e desesperado do outro lado da fronteira. Foi aí que o homem, sem se dar conta do que estava por vir por ali, permaneceu a contemplar o crepúsculo oscilante e

vermelho, típico das terras da fronteira-sul, que mudava de cor devido à tempestade que se aproximava.

No bojo da discussão, Walter Mignolo diz: “[..] as sensibilidades dos locais geoistóricos não são traços essenciais das identidades nacionais: as identidades nacionais são apenas um tipo histórico de sensibilidade” (2003, p. 264). É importante a discussão do crítico acerca das sensibilidades dos locais, para entender que a aproximação delas com a paisagem permite-nos compreender a própria paisagem de um lugar específico por fora de qualquer olhar universalizante.

Já no poema *Tapera*, o professor ensaísta evidencia que, ao cair da noite, novamente a escuridão chega lentamente, devorando, talvez, sua tranquilidade e até mesmo sua inquietude. A medida que vai escrevendo o poema, ele continua mostrando que, mesmo na escuridão da fronteira-sul, ainda há uma esperança, pode ser da própria luz de um lampião qualquer, pois ali encontra-se alguém, e até mesmo aparece o cachorro, que tenta se esconder daquela escuridão e da noite fria, num buraco feito por ele mesmo. Quando ocorre a visita chegada de longe, da fronteira, o professor-poeta vai narrando que as louças e os cristais que pertenciam a sua família, até outrora tradicional, vão se quebrando, se esfarelado, mostrando que o declínio da mesma está chegando, e não há nada que ele possa fazer para impedir que isso ocorra.

Depois, aparece no poema um sinal de alegria, pode ser que seja por causa de um pé de abóbora que está produzindo como nunca abóboras... Mas logo essa alegria vai escapando, pois toda essa vida que está em expansão vai dando lugar para o abandono e, quando isso ocorre, para o professor-poeta é um sinal que o homem fronteira necessita partir daquele lugar, deixando tudo para trás, pois não há nada mais melancólico do que a dor de uma certa tradição familiar ter chegado ao fim, como se fosse um vento, talvez frio, vindo do sul.

Segundo o professor-urutau, se a fronteira-sul é híbrida e porosa para as memórias e histórias locais que giram em seu redor, seu grande desejo de circundá-la vai até onde pode gerenciar seu medo de homem-fronteira. Nolasco afirma: “meu verso, a fronteira-sul e meu corpo são uma extensão de mim. Eu sou o meu verso. Meu verso contorna o meu bios” (NOLASCO, 2020, p. 30). Para ele, não é apenas seu verso que está assentado na fronteira- sul, é todo seu corpo, e seu verso circunda

o movimento de seu corpo, estendendo-se do outro lado do pântano e da fronteira.

A consciência fronteira do poeta lhe dá a convicção de que a fronteira-sul pode ser renascida no verso, e o poeta sabe que o verso possibilita criar um homenzinho subalterno fronteiro que se identifica naquela paisagem biográfica, o fazendo sentir pronto para encarar até mesmo a sua criação, pois o poeta da fronteira-sul jamais está só no verso. Permanentemente, um outro poeta da fronteira chega a seu lado, estimulando-o a atravessar o incógnito do outro lado.

Biografia da fronteira

A fronteira-sul é o sintoma de
minha poesia A planície é a
extensão de meu corpo.

A Revolta é meu arquivo poético que vela as
sensibili- dades locais e biográficas de um
homem-poeta que sabe que vai morrer
(quando a tarde declinar para
a melancolia do crepúsculo oscilante da fronteira) [...]

(NOLASCO, 2018, p. 70).

No poema *Biografia da fronteira*, o professor mostra que a fronteira-sul é o indício de seu fazer poético, e que a paisagem daquele lugar ímpar faz parte de seu corpo, como uma ampliação de seu próprio corpo de homem fronteira, que sabe bem que vai morrer, pois um dia, à tarde, inevitavelmente, irá decair para a tristeza e melancolia do crepúsculo vermelho da fronteira-sul.

O ensaísta consegue desbravar a fronteira de uma maneira singular, quando descreve que o que vê, esquece, ficando somente o símbolo, e assim, guarda lembrança de um símbolo, quando a paisagem esgarçou-se e, dentro dela, pode ser que haja a imagem incontornável do que viu em outro instante.

No entanto, por meio da linguagem do poema, o poeta consegue ver tudo como se tivesse sido visto pela primeira vez, como por exemplo, quando viu, num certo dia, de longe, o barrado sanguinolento, quase roxo, próximo do vermelho escarlata, viu o sol se pôr sobre a fronteira-sul, viu também um urutau voar para a fronteira e sentiu medo, viu num domingo à tarde sua família reunida embaixo de um pé de cinamomo e o cachorro chamado Navio latir feliz para avisar que sua tia Lira estava vindo pelo descampado como fazia costumeiramente durante sua infância.

De acordo com a poética fronteira de Nolasco, que percorrem/transpõem de suas memórias, é como se ele tivesse atravessado o pântano e o cerrado num mesmo

dia, parando já bastante cansado, num descampado e voltando-se em direção à fronteira-Sul, lugar onde não se pode impor nenhum tipo de julgamento/desprezo e que o pensamento dos sujeitos/habitantes fronteiriços estão embebidos em suas almas, como se invocasse o oráculo pela primeira vez, quando pergunta para si mesmo: quando vai descansar dessa vida bastante atribulada/exaustiva? Deuses também podem ser subalternos da fronteira?

Quando ele fala dos deuses subalternos, está se referindo a figura que vive dentro da floresta da fronteira-sul, cuja atribuição ancestral é guardar e proteger as leis que regem o lugar fronteiriço e seus habitantes, aparecendo logo pela manhã, quando o rocío está na relva, ou quando o urutau canta na aroeira seca do outro lado da cerca. Entendo que, na poética-ficcional do intelectual, esses deuses subalternos remetem às divindades subalternas, aos indígenas.

Conforme destaca em seus poemas, durante o tempo que passou sua infância, via o céu avermelhado sobre a fronteira, do outro lado do rio Dourados, matizado de um roxo meio que azulado a infinidade do pântano com seu mistério, e os deuses subalternos da fronteira o convocaram a narrar histórias escuras e obscurecidas, quase insignificantes, enterradas vivas nas profundezas do pântano.

O professor diz: “de tudo, sei apenas isto: que meu bios me salvaria para a poesia. Não tenho um dom, não tenho uma grande história, não nasci para a poesia, mas a fronteira habita em mim!” (2018, p. 84-85). Ele confessa que, de vez ou outra, durante o tempo da busca, ou melhor, da travessia, se depara com a revelação mais profunda de si mesmo, então a chama de poesia, ou de um bios construído, pois o poema é apenas a carcaça que está dentro de si.

Edgar Nolasco busca a exterioridade do poema, isto é, o que está na parte exterior, o fora do poema, ou seria no sentido figurado propriamente da palavra exterioridade, então ele busca a aparência enganosa do poema? Ele afirma: “uma grande planície cinzenta e azul é o que me espera do outro lado da fronteira. Estou farto do dentro das palavras. Quero o abissal que repousa na superfície do pântano [...]” (2018, p. 94). Ele reconhece que, apesar de seu medo, aceitou o desafio de costear a solidão do que ainda não existe para a letra e, como se considera um poeta obstinado, colocou sua coragem no desafio de fazer a recordação de seu bios e de seu destino de poeta que tem a certeza que vai morrer um dia.

Segundo o poeta, seu poema, como seu destino, precisa estar engastado no fio suspenso da exterioridade da fronteira que é invisível e, num certo dia, dentro da travessia da noite, chegou tarde demais para a descoberta da origem histórica de seu bios. O poema o abandonou do outro lado das inúmeras probabilidades de entendimento da fronteira e, comparado a um andariego desorientado dentro da imensidão do Oeste, guiou-se pela planície e pela cor do crepúsculo oscilante da fronteira até chegar ao cúmulo de acreditar em um sentimento que servisse para a poesia.

O escritor diz: “pedi para sentir mais dor e mais angústia, eis que a poesia me respondeu: atravesse a sua exterioridade e não tenha medo de sangrar no próprio corpo.” (2018, p. 94). Foi quando olhou para o crepúsculo sanguinolento, mas também de um azul quase negro, que tangia as franjas do pântano. Edgar Nolasco roga aos deuses subalternos da fronteira porque o outono se aproxima e ele reclina sua cabeça através da janela já inconscientemente obstinado pelo desejo de um verso que se promete por meio da franja sanguinolenta do crepúsculo oscilante que se desenha a partir das terras da Revolta.

Conforme o intelectual, quando a paisagem biográfica retorna para si, sabe que não há muito o que escrever a partir da fronteira-sul, senão a sua coragem de menino, nunca de poeta, de poder dizer seus medos, e que escutou o canto do urutau num lugar incerto e não hesitou na possibilidade de pensar um verso entre os escombros do silêncio e a sangria de um coração ingrato. É necessário que o subalterno seja ouvido pelos centros hegemônicos e excludentes, que rechaçam as vozes periféricas desde sempre.

Sou gaúcha de nascença, minha cidade natal é conhecida como a capital nacional do arroz, lugar gelado onde o vento minuano faz a curva, terra que também faz fronteira com dois países, que são Argentina e Uruguai, portanto, a fronteira está dentro de mim, para sempre, assim como está em Nolasco. Escolhi viver em Campo Grande, conhecida como cidade morena, porque lá a paisagem é encarnada, com crepúsculo oscilante, como ocorre no Rio Grande do Sul e em outras fronteiras-sul. Minha memória é a do canto do quero-quero, e não do urutau, e a poesia desobediente de Nolasco desvela o grande sertão epistemológico da fronteira-sul, que também habita em mim. Nolasco delinea, nos poemas *Quase-poesia* e *Perto do coração*

selvagem:

Quase poesia

Escrevo um livro no qual eu vou me desbiografando Do começo ao fim, tal qual um bugre andariego da Fronteira-sul que vai deixando seus andrajos e despojos e pegadas ao atravessar o pântano da Revolta, quando a tarde declina para a melancolia [...] (NOLASCO, 2019, p. 26).

Perto do coração selvagem

Afastei-me para a casa de campo para reler *Perto do coração selvagem* e buscar uma ideia para escrever um poema. Fazia uma primavera instável no campo.

Comia, dormia, ia procurar ninhos de galinha entre as touceiras de guanxuma no entorno da casa como se tudo fizesse parte de uma cena literária.

Uma tarde, descuidei-me e deixei o exemplar num banco debaixo de um pé de cinamão e uma vaca comeu algumas páginas do livro. (Devo essa imagem, que poderia ser surreal se não tivesse acontecido, ao meu irmão mais velho.)

Um cavalo selvagem relinchou na última página do romance.

Não tive tempo sequer para pensar no dito poema. Se o tivesse escrito, ele levaria o nome do livro que tem

o título mais bonito de todos da literatura brasileira. *Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome só- lido e imutável. Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como a da madrugada.*

Quando mais eu lia menos eu entendia. Mas eu estava predestinado a saber que a Revolta velava um pântano abissal para o qual convergia meu coração fronteiriço. Um urutau deserdado cantou abandonado de si perto da fronteira-sul que se reclinava para a melancolia

(NOLASCO, 2018, p. 22-23).

O poeta enfatiza que os dois caminhos capazes e possíveis que nos levariam a um certo tipo de acercamento para a elaboração e entendimento de uma gramática pedagógica fronteiriça são: “o caminho das *sensibilidades biográficas*, [...] que constituem a *corpopolítica*, e o das *sensibilidades locais*, (a fronteira-sul

epistemológica), que constituem a *geopolítica*.” (2019, p. 12). Segundo o professor, para entrar numa discussão acerca da formação de uma gramática fronteira, tanto a geopolítica como a corpo política são dois mecanismos conceituais primordiais para uma teorização que penetre alargando a guinada de base descolonial/fronteira (MIGNOLO, 2020).

O ensaísta ainda assevera: “sobreviverei ao verso, assim como o poema sobreviverá à minha morte [...] Engastar meu verso, como meu corpo, na fronteira é minha forma de preservar minha vida” (2020, p. 13). Ele também destaca que o lugar fronteiro ao qual pertence desde nascença, prossegue a extensão de seu cansado corpo, e a fronteira circunda seu bios de poeta, e o poeta, a fronteira e o verso selam a presença e rapidez de um certo sentido para o poema como uma totalidade. O professor discute em seu texto teórico a maneira que seu lócus geoistórico que no caso é o estado de Mato Grosso do Sul, também é sua condição de fronteira, que hospeda e dialoga com a crítica errante vinda dos grandes centros hegemônicos.

O lugar geoistórico de onde articulo minha reflexão, o estado de Mato Grosso do Sul que fica ao Sul da região Centro-Oeste, mais precisamente na fronteira entre os países limítrofes Paraguai e Bolívia, lugar mais comumente conhecido como lugar onde o sol se põe, tem produzido uma crítica acadêmica e midiática fora do eixo que, grosso modo, ao invés de procurar acompanhar o processo de transculturação *continuum* operacionalizado pela cultura local, não faz outra coisa senão autenticar a crítica vinda de fora. Se tal aceitação não fosse para compreender criticamente a cultura local e suas especificidades não veria tanto problema crítico; o problema é que tal gesto equivocado dá-se em torno da própria cultura do lócus em questão. A fronteira sem lei aqui em discussão, e que impõe os seus próprios limites, se, por um lado, pode representar simbolicamente a clareza (um processo transculturador arcaico e infinito do lugar), por ter o sol suspenso sobre ela, como que a demarcar os limites do sul-sul, por outro lado, enquanto lugar de fora do eixo, de periferia e de subalternidade, representa “el lado oscuro del renacimiento”. Um tom sombrio é detectável no modo como a crítica fora do eixo hospeda a crítica de fora, sobretudo porque aquela ainda não conseguiu se desvencilhar dos legados coloniais desta crítica que, por estarem marcados nas memórias locais e no melhor da reflexão do intelectual periférico, é reforçada como nova forma de colonização, e não como novo instrumento, para iluminar a inteligência de seus anfitriões ou revelar uma realidade que não poderia ter sido percebida sem o seu deslocamento para o lugar subalterno (NOLASCO, 2013, p. 57-58).

Conforme argumenta o intelectual, se porventura a crítica vinda do centro padecesse de uma espécie de transculturação quando chegasse aqui, talvez ela não desempenhasse um papel de iluminar ou mesmo castrar, por achar que talvez consiga teleguiar a sabedoria de quem os hospede. Como afirma: “tal crítica precisa ser, cada vez mais, posta sob suspeição por todos os anfitriões, e de modo especial pelos da

academia, [...]” (NOLASCO, 2013, p. 58). Ele diz que isso cabe ao pensador da academia para que não entre acriticamente nas epistemologias amparadas numa tradição do centro.

Esse tipo de caminho de mão única que representa a maneira como a crítica subalterna recebe e hospeda a crítica do centro não deixa que seja debatido a relação, como por exemplo, entre a construção do saber e o local geohistórico. O ensaísta assevera: “as teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções” (NOLASCO, 2013, p. 59). Ele pondera que o problema está quando elas não são transculturadas, isto é, como ocorre e está ocorrendo com a crítica do centro e também com a de fora, que ancora nesse lado de cá da fronteira-sul. Não padecendo de uma transculturação, esta crítica não se faz um objeto de estudo, pois antes serve como meio epistemológico para aprender e compreender os objetos locais, até mesmo a própria crítica fora do eixo.

A diferença colonial do homem que vive na fronteira é que ele sente a fronteira no próprio corpo. De modo que ela está incrustada em seu corpo, em sua língua, em seu pensamento, em seu modo de produzir conhecimento. É a soma de tudo isso que vai resultar em uma epistemologia específica dos lugares subalternos. Com base num lócus geohistórico específico, mesmo que nosso olhar oscile entre um lado e outro da fronteira-Sul, e muitas vezes se pegue mirando por cima dela, tentando alcançar a luz oscilante do crepúsculo, ou o último céu dos pássaros do poeta, é em busca e a partir de uma epistemologia de natureza fronteriza que anoro toda minha leitura. Passei toda minha infância entre o campo e a cidade. Entre esse ir e vir do atravessamento da fronteira, que reúne na dispersão, ouvia histórias locais que povoariam minha memória para sempre. Entreveros e mais entreveros em torno da disputa por terras tinham seu desfecho fatal do outro lado sombrio da fronteira. Histórias de forasteiros e foragidos, que, a seu modo, lembravam as histórias de Martin Fierro e Silvino Jacques, atravessavam a fronteira para o lado de cá e, aqui chegando, tinham ou um desfecho trágico, ou caíam no deboche dos sertanejos, vaqueiros, pantaneiros que, a seu modo, tornavam as histórias migrantes intermináveis como as histórias das 135 mil e uma noites. Taperas abandonadas, por conta de disputas por terras ou meras perseguições de famílias valentes, eram da noite para o dia invadidas por foragidos da lei, que chegavam quase sempre na calada da noite, ou invasores de toda espécie. Carretas de boi eram abandonadas nas sedes das fazendas, ou no meio do campo mesmo, metaforizando uma história familiar em ruínas, cheiro de abandono e morte. A tradição e a sua carcaça de lei (NOLASCO, 2013, p. 134-135).

De acordo com o professor, era habitual ver um sujeito chegado de longe, caminhando pela margem das estradas de bicicleta e, quando o avistava, tinha a certeza que era um paraguaio carregando pelas costas uma viola. Nolasco enfatiza: “mais tarde fui encontrar a reprodução daquela imagem tão familiar retratada no conto Sanga Puytã, de Rosa” (NOLASCO, 2013, p. 135). Ele salienta que o lugarejo chamado de Sanga Puytã, era o lugar por onde viveu toda sua infância, ao qual lhe

dava alcance ao estrangeiro e, para o sujeito da fronteira, o estranho e diferente é sempre o que existe de mais familiar, que é o outro lado. O intelectual escreve também sobre as cruces, que eram cravadas nas margens das estradas, e os descampados santos largados dentro das plantações dos latifundiários que viviam no local, de recordar que existem histórias que são capazes de serem desenterradas no presente.

Tais paisagens do lugar vividas por Nolasco lhe hospedaram e foram hospedadas, enquanto sujeito daquele local, marcaram traços de memória olvidadas naquela zona fronteira, que exige uma exumação sempre quando for necessária. Nolasco salienta que essas paisagens fronteiriças são bastante importantes em sua discussão, pois precisa compreender que elas recordam as histórias locais e memórias locais fronteiriças que foram olvidadas devido às memórias itinerantes chegadas dos grandes centros. Ele diz: “aliás, não é demais lembrar que lugares fronterizos também produzem memórias outras e cuja epistemologia fronteriza para compreendê-las advém de seu próprio lócus excêntrico” (NOLASCO, 2013, p. 135-136) A fronteira sul, ao mesmo tempo que é um arquivo vivo e aberto, vela paisagens fronteiriças e biográficas do lugar, que necessitam ser exumadas pela leitura com um olhar outro.

Pode-se dizer que a poética bugresca do poeta está permeada na desobediência, na fronteira-Sul, pois quando escreve que uma epistemologia poética da Revolta emerge do fora da travessia e vai contornando suas bordas desfeitas até minar o seu dentro. O fora e dentro, e jamais dentro e fora nesta ordem, redesenha o mapa de uma outra maneira de fazer a poesia subalterna que grassa nas margens do invisível. O professor aprendeu as sensibilidades locais de tanto olhar para seu Bugrinho que fora depositado sobre sua escrivania.

Um andariego que atravessa a fronteira é tão leve quanto a seriema que cruza a estrada no meio do dia, e quando vê uma poética bugresca erigir do corpo lasso e rijo dos Bugres de Conceição, que são só comparáveis a um sexo selvagem praticado sobre a sombra dos guavirais em flor. Então, sua Nossa Senhora da Conceição, inconscientemente, retrçou a história local de seu amado e fiel povo que não deixou de reivindicar seu devido lugar e direito dentro da história humana ocidental.

Para o intelectual, a fronteira-Sul é o princípio de seu bios, assim como a planície dá a extensão de seu corpo de homem-fronteira, que está distendido sobre o pântano. A fronteira é seu eterno presente sem qualquer tipo de retorno. Pode-se dizer

que o professor ensaísta é um poeta subalterno, desobediente de nascença, e a epistemologia fronteira, que apoia sua discussão acerca da exterioridade, não apenas possibilita que fundamente as discussões teóricas dessa epistemologia fronteira, ou outra, levando, desse modo, a ser desobediente, diante a epistemologia moderna que deu amplos passos por essa zona fronteira, da borda, que inclui a América Latina completamente, e a exterioridade é aquilo que tal retórica criou, para colonizar, tal como eliminar.

Conforme Nolasco, a fronteira-sul é uma sanga de terra vermelha por onde corpos atravessam e também se roçam contra outros corpos, que o faz lembrar da paisagem do capim-de-bode que não cansa de bater em seus pendões de seda nas beiras da estrada que foi carcomida pelo vento vindo dos pântanos, e que depois de muito tempo, quando vê um urutau voando sobre a fronteira, se entristece, e então se pergunta: por que o fato de avistar um pássaro voando sobre o pântano o constrange para a poesia? Entendo que não!

O professor tem um olhar decididamente fronteiro, da margem, e quando recorda em seus poemas do vermelho dos ponchos de sarja escarlate, do vermelho da poeira da estrada que tingia o lugarejo de Sanga Puytã, mais o vermelho encardido de eternidade do crepúsculo sanguinolento da fronteira-sul, que tingem sua cidadezinha qualquer recordada encarnada viva em seu coração, com feitio de uma florzinha colhida à toa na beirada da estrada olvidada no meio da planície. Nolasco delinea, nos poemas *Sobrevida* e *El desdichado da frontera*:

Sobrevida

Todo mundo escreve o seu poema, de modo que também quero escrever o meu.

Está cada vez mais fácil de compor um poema a essa altura da evolução tecnológica. A poesia grassa por todos os lados. E a desgraça também. Mas não sobrevivi para chorar o leite derramado.

O grande poeta melancólico e triste e de ferro morreu na década de 80 do século XX.

Meu canto é como o do urutau que é deserdado e só canta da fronteira um canto

que ninguém escuta e se o escutasse não entenderia.

A subalternidade derrama seu manto sanguinolento

dentro da escuridão do mundo civilizado.
Ocorre um brilho, como a um campo noturno distante em línguas de fogo sobre o pântano, que não deixa de lembrar uma certa nostalgia de uma aura da fronteira.

[...]

Não sou nem estou melancólico. Também não sofro de culpa, nem de nostalgia e nem muito menos de aura.

E prefiro a convicção de que não escrevi um poema a ter que negar que minha sobrevivência é adiada todas às vezes que diálogo com o grande poeta morto, mesmo quando pelo avesso de sua verdadeira poesia

(NOLASCO, 2018, p. 51-52).

El desdichado da frontera

Sou um deserddado, um filho da Revolta, um homem-fronteira quando menino na fazenda meu pai me chamava de O Bugre aos nove anos deixei aquele mundo para trás, meu coração emudeceu inconsolado como um pântano é um pântano e minha sina desde então é portar um *Sol negro da Fronteira*.

Trago aquele território-não-nomeável dentro de minha alma. De sua paisagem sombria e pantanosa, certa noite ouvi o canto desesperado do urutau e não tive medo de ir em sua direção _ daí adveio minha eterna condição de andarilho, em busca de um amor que não existira, de um desejo sem objeto e de um dor colonizada em meu peito ferido. Por que me abandonaste?

Por duas vezes lembro-me que atravessei a fronteira a pé. Na primeira, extasiado, fiquei paralisado olhando para o crepúsculo oscilante que derramava, apesar de o sol negro, aquele barrado envermelhado que varria o pântano profundo. Na segunda vez, vi os cantores da região com sua viola de cocho e violão tirarem uma modinha tão fúnebre e triste e desolada que eu tive muito dó de mim.

Conheci Clarice, o *Grande Sertão*
e Borges, mas minha travessia é só
minha:
meu destino é atravessar o
pântano tangido pelo canto
desolado do urutau.

Condenado, continuo a voltar àquele lugar que nunca
saiu de mim e, para meu alento e desencanto, encontro
aquela paisagem sanguinolenta do crepúsculo
encobrendo de um vermelho quase negro, pertinho da
melancolia,
o vulto de uma fronteira que resiste ao esquecimento de
uma vida de outrora
(NOLASCO, 2014, p. 53-54).

Percebo, já no título do poema *Sobrevida*, que o professor quer um prolongamento de sua existência além da morte, e quer também, como todo mundo, escrever o seu poema para perpetuar seu ato de existir através das palavras, para nunca morrer. Segundo o poema, a poesia alastra-se para todo lugar, mas o grande poeta, que é real, forte e melancólico já não existe mais, pois cessou de viver no final do século passado. Ele diz que seu canto é igual ao do pássaro urutau, que é triste, privado do direito de herança e somente é cantado da fronteira um canto que, se alguém o escutar, não conseguiria compreender, pois a subalternidade, que significa dependência, subordinação e inferioridade, despeja seu manto sangrento no interior da obscuridade do universo culto e urbano.

O poeta deixa claro que não é um homem melancólico nem triste, também não é acometido de nenhum tipo de remorso ou arrependimento, nem tampouco de fama. O verso é ele próprio, seu corpo é como se fosse a fronteira plantada no centro da escritura e do mundo, como uma margem sem nenhuma borda, e escrever é lançar-se na travessia sem volta da fronteira-sul.

O intelectual descreve que, a princípio, trabalha dentro do final da tarde fria e morna e aquecida contra a poesia, trabalha contra a poesia quando a tarde sofre de seu derradeiro fim e uma pardaloca louca canta desesperada no beiral apodrecido, que um gesto melancólico o encobre, embaçando seu olhar e tornando sua voz gutural, e que não nasceu sim para a poesia, meu bem! Sua memória não falha, porque continua sofrendo de um desejo de uma amizade perdida naquelas tardes de outrora, que é como se fosse uma dor de retorno à casa de campo da fronteira.

Ao esboçar suas memórias em sua poesia, o professor confessa que o fazer

poético em si não advém apenas do lado bom das coisas e nem mesmo de si, enquanto alguém que se dispôs a fazer poesia, nem somente pelas belas palavras, que, segundo ele, raramente lhe servem para alguma coisa. Ele afirma que não escreve poesia como quem morre, e que também não escreve poesia como quem dorme diante das palavras, nem muito menos escreve poesia como se fosse uma coisa ordenada pelo Espírito Santo... ah, isso ele mesmo deixa claro que não.

O ensaísta ainda diz: “cruz-credo! Ai de Mim” (2014, p. 89). Ele escreve poesia como quando vai para o trabalho público e tem de cumprir horário, mesmo quando não tem vontade, também confessa que em seu fazer poético sofre de uma repetição incorrigível, mas que não é em nada nostálgica, e sofre também de uma perda sem objeto, de uma poesia sem poema e de uma morte sem corpo. O intelectual descreve que, a princípio, trabalha dentro do final da tarde fria e morna e aquecida contra a poesia, trabalha contra a poesia quando a tarde sofre de seu derradeiro fim e uma pardaloca louca canta desesperada no beiral apodrecido, que um gesto melancólico o encobre, embaçando seu olhar e tornando sua voz gutural, e que não nasceu sim para a poesia, meu bem!

Sua memória não falha, porque continua sofrendo de um desejo de uma amizade perdida naquelas tardes de outrora, que é como se fosse uma dor de retorno à casa de campo da fronteira. Ao esboçar suas memórias em sua poesia, ele confessa que o fazer poético em si não advém apenas do lado bom das coisas e nem mesmo de si, enquanto alguém que se dispôs a fazer poesia, nem somente pelas belas palavras, que, segundo ele, raramente lhe servem para alguma coisa.

Nolasco destaca que sua memória anda cansada de tanto poder esquecer a imagem fantasmática da fronteira-sul, com seu barrado vermelho, que é atravessado pelo crepúsculo que tange a água que se encontra parada no pântano. A zona colonial da fronteira produz uma poética, que é considerada incompreensível e ignorante ao olhar imperial de uma poética e estéticas modernas. Para o intelectual, a fronteira tem poetas que produzem uma sub-poesia que é atravessada/permeada pela incomparável natureza local, ignorada e rechaçada, rejeitada e massacrada, universalizada e descartada. Ele diz: “as memórias dos homens escuros e tristes de voz gutural, sobrevivem em seu corpo e na barranca do rio [...]” (NOLASCO, 2019, p. 65), portanto, não importa para onde vá, pois sempre vai estar permeado em seu corpo

essas memórias vividas naquela fronteira sanguinolenta onde canta o urutau. Ele escreve suas memórias com singeleza, desde sua infância, de quando chovia uma chuva de arco-íris entardecendo sobre o nada, e que certa vez, fotografou o crepúsculo oscilante da fronteira-sul e adoeceu em vermelho.

Apesar de meu verso nunca me agradar, ele me dá um retrato fidedigno de meu *bios*, de meu lócus, da paisagem sanguinolenta da fronteira-Sul onde nasci, principalmente quando, numa tarde de outono de outrora, dobrava a curva da ilha abandonada da fazenda Revolta montada no lombo de meu cavalo

(NOLASCO, 2018, p. 49).

[...] meu medo cresceu a ponto de se confundir com os mundos e histórias locais reais e imaginárias que povoam minha mente *fronteriza*. Se a fronteira-sul é porosa para as histórias e memórias locais que gravitam em seu entorno, minha vontade de contorná-la vai até aonde consigo administrar meu medo de homem-fronteira (NOLASCO, 2018, p. 12-13).

Hoje, finalmente, o urutau veio e pousou em meu verso tangido do sul. Ou teria sido o meu verso que aprendeu a se encostar ao rés do chão para escutar e depois receber a paisagem desolada do urutau do sul? O que me importa mesmo é saber que meu verso tangido do sul fez movimento de volta para a última fronteira levando na bagagem pássaros, rios, floretas, pântanos, bugres, linguagens, afetos, e sensibilidades que contornavam a paisagem de meu *bios*. Reconheço que finquei estaca na fronteira-sul e ancorei minha *despoética do pensar* na borda de fora e que a partir de lá não faço outra coisa senão desbiografar a minha vida, o que não me leva a ser um poeta melancólico, já que não perdi meu objeto-verso; antes, inventei meu verso a partir de meu corpo para melhor poder me abandonar dele. Sou um poeta do abandono. Adoro me perder nos lodaçais vermelhos do pântano. Adoro quando as palavras me abandonam sobre as coisas. A Revolta me permitiu o abandono mais necessário de minha vida. Me abandonei numa tarde perseguindo o começo de minha vida na Revolta [...] (NOLASCO, 2020, p. 32).

O poeta Edgar Nolasco delinea em seus poemas que escreve para achar um Sul para a sua vida e, desde quando nasceu, caminha em direção à fronteira-sul. Sua travessia vem acompanhada pelo canto desolado da ave urutau, do outro lado da fronteira. Para ele, viver-entre-fronteiras, viver do lado de cá da fronteira-sul, ou, sendo mais preciso, viver por muito tempo à beira do rio Dourados na Revolta, lugar esse que foi o início de tudo o que habita dentro dele, lugar simbólico que traz lembranças singulares em sua vida, nas terras que foram herdadas por sua família, narcotiza em si a sensação de estar sempre na condição de estar fora do lugar.

Ele consegue reconhecer que está condenado a se inclinar para o Sul até a morte, restando-lhe saber escolher o caminho que o levará até o outro lado da fronteira-sul, sabe que esse movimento o levará para o descortinar da paisagem sanguinolenta que o habitará eternamente, não adiantando fugir dela porque a mesma está enraizada em

si próprio. Sabe que tem um pântano plantado no centro de sua vida. Na citação elencada, o professor-poeta menciona os bugres, que é uma denominação pejorativa e preconceituosa atribuída aos indígenas, pelo fato de serem tidos como selvagens, rudes, incivilizados e hereges, mas não é essa a intenção dele. O professor-urutau diz: “os Bugres, por si só, têm o poder de exumar a história toda de um povo subalterno dentro da história ocidental da humanidade” (2013, p. 116). Diante do exposto, sei que apenas quando me inclino a pensar criticamente a partir da experiência do subalterno é que consigo me encontrar na posição de compreender a sua condição como uma forma de subalternidade.

A Revolta é a origem de tudo, o princípio para a sua ignorância, e Nolasco pôs de propósito o canto do urutau no centro de sua poética para amenizar sua dor encravada em seu bios, e que pode chegar tarde demais para compreender o que escreve, mas sua sina é a de não desistir do que busca nessa escuridão que se levanta do outro lado da fronteira, causando-lhe um certo tipo de melancolia e desengano, mas o ser poético e desobediente o faz emergir dessa paisagem sanguinolenta onde canta o urutau.

Conforme o intelectual, ser poeta na fronteira e de fronteira é uma incumbência quase impossível, porque a condição imposta, a princípio, é a de ser desobediente teimoso feito uma mula. Edgar Nolasco afirma: “já fui pedra e sonho, menino e campo, mais a extensão do céu que repousa na fronteira sul” (NOLASCO, 2014, p. 99). Para o poeta, a palavra não dita, essa inquietude e insatisfação a partir desse lugar de onde ele fala é um sintoma da busca desse sujeito faltoso e desejante dentro da literatura, para buscar a completude do que ele é hoje.

Então, quando o professor e ensaísta diz: “[...] escutei um urutau cantar do lado da fronteira-Sul, avistada e vivida por mim pelo olhar durante toda a interminável infância [...]” (NOLASCO, 2014, p. 21), percebo que a fronteira pulsa interminavelmente em seu corpo de homem fronteira desde sua infância e eu, como não costumo negar para quem quiser saber, também sou fronteira, respiro fronteira, pois pertenço a ela assim como o professor-poeta pertence a ela também.

No bojo acerca dos escritos teórico-ficcionais de Edgar Nolasco, pondero que minhas sensibilidades locais e epistêmicas encontram-se atravessadas por esse lugar

outro que emerge da exterioridade. Entendo que meu papel essencial enquanto crítica biográfica fronteiriça é atentar à escrita intelectual dos sujeitos fronteiriços, pelo olhar de uma epistemologia descolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O DESPRENDIMENTO PARA A COLHEITA DE MEMÓRIAS FRONTEIRIÇAS

É com base nos escritos teórico-ficcionais do intelectual sul mato-grossense Edgar Cézar Nolasco que valho-me para fazer esta constatação, e o desejo eminente para delinear este trabalho pulsa fortemente em meu coração. Entendo a importância real e necessária para que o intelectual fronteiriço consiga se fazer ouvir do outro lado da fronteira e, para tanto, busco disseminar – por criticidades – o estilo poético do escritor, crítico literário e pesquisador Nolasco no que tange à sua poeticidade por uma visada da despoética.

Segundo o intelectual, a fronteira-Sul: Brasil/Paraguai/Bolívia, guarda segredos invioláveis e inimagináveis, é como se fosse um mundo em miniatura bárbaro e selvagem, com serpentes coleantes e um grito desesperado do pássaro urutau deserdado, no meio da floresta negra, que se desenha na mente de quem vive por lá. Nolasco é um sujeito híbrido, fronteiriço, mestiço e múltiplo, e há vários Nolascos permeando minha escrita e interpretação,

Sei da ocorrência de a crítica local continuar a não querer ver e a não considerar uma epistemologia fronteiriça (Anzaldúa), que eclode de todos os lados, conseguindo atingir as produções artísticas da cultura local fronteiriça. Aportada por Mignolo, compreendo a *ferida colonial*³⁴, causada pelas consequências da colonialidade pelo homem branco e eurocêntrico, que causou rupturas no corpo dos sujeitos subalternos e marginalizados. Nolasco cunhou o termo/conceito crítica biográfica fronteiriça, que é uma teorização que se formula a partir da junção entre bios e lócus de sujeitos subalternos. Dito isso, valho-me do viés da crítica biográfica fronteiriça, que se encontra presente em

³⁴ MIGNOLO. *Novas reflexões sobre a “idéia da américa latina”*, p. 248.

alguns textos em que o intelectual discute tal teorização. A fronteira a qual menciono é tanto de ordem territorial quanto de ordem epistemológica. É um lugar ímpar, com crepúsculo sanguinolento, onde canta o pássaro urutau, ave símbolo das regiões pantaneiras.

Para delinear este trabalho em epistemologias de ordem descolonial, atento-me na desobediência epistêmica (Mignolo) e na *crítica biográfica fronteira*³⁵, termo/conceito cunhado pelo intelectual Edgar Nolasco, sendo uma teorização pensada a partir de meu lócus enunciativo, e rejeito a me apoiar a partir da colonialidade ocidental moderna.

Recorro a aromita como uma metáfora da desobediência epistêmica, porque quero evocar essa construção discursiva e metafórica, epistemológica e simbólica, com seu significado naquela paisagem fronteira, pois é considerada planta invasora e problemática em lugares de pastagens, ou seja, indesejada nos lugares que se determinam que não deveria estar. Invasora, não respeita fronteiras e floresce nas brincadeiras infantis e na imaginação poética do autor adulto ao poetizar e teorizar sua fronteira.

Pondero aqui a relevância de conceituar o que nomeio de exterioridade. Como Walter Mignolo enfatiza: “a decolonialidade requer desobediência epistêmica, porque o pensamento fronteira é por definição pensar na exterioridade” (2017, p. 30). Portanto, compreendo que praticar a desobediência epistêmica e teórica é, assim, uma condição inerente aos saberes fronteiros.

Entendo que a fronteira onde erijo meu discurso crítico, através de minha escrita, não é apenas um lugar geográfico. Desse modo, a abordagem se volta para uma epistemologia outra, elencada a partir de minhas sensibilidades *locais*³⁶ ou sensibilidades geográficas, pensada e erigida a partir de meu lócus enunciativo.

Na esteira de Pessanha, sei da importância de guardar a *memória*³⁷, como um arquivo vivo, portanto, guardo a minha memória em meu corpo de mulher, latina, crítica e pesquisadora. Diante do exposto, pondero que o poeta subalterno tece suas narrativas erigidas a partir da fronteira, enquanto lócus geográfico e epistemológico.

³⁵ NOLASCO. *Crítica biográfica fronteira* (brasil\paraguai\bolívia), p. 60.

³⁶ Conceito proposto por Walter Mignolo em seu livro intitulado: *Historias Locais/ Projetos Globais*, 2008.

³⁷ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 19.

Assimilo que é nesse lugar que as memórias, sensibilidades, saberes e exterioridades se entrelaçam, porque a fronteira-sul é porosa para as histórias e memórias locais, até onde possa administrar o medo que traz o *homem-fronteira*³⁸.

O que carrego dentro de mim é gratidão. Acredito que nessa vida, nada é por acaso, tudo está escrito. Chego até aqui, no momento de finalização de meu trabalho, com o sentimento de dever cumprido. Creio que o meu intelectual pensante Edgar Nolasco estará para sempre em minha vida, pois como ele diz: “estou sabendo demais, mas é tudo muito ensaiado pela experiência da repetição da vida” (2018, p. 45), e assim, pressinto que terei que aprender a desaprender o caminho de volta para o outro lado da fronteira-sul.

³⁸ NOLASCO. *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriça*, p. 139.

ANEXOS



Anexo 1: Cartaz do filme "Só dez por cento é mentira" ano 2009
Fonte: <http://www.caleidoscopio.blog.br/historia-de-um-poeta-documentario-dez-por-cento-e-mentira/>

REREFÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands/La frontera: the new mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

Assis, Machado de. Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28-34: Instinto de nacionalidade.

ASSMANN, Aleida. “Locais”. In: **Espaços da recordação**: Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BESSA-OLIVIERA, Marcos A. Paisagens biográficas descoloniais. In: *Revista Raído*, Dourados, MS, v.7, n.14, p 251 - 267 jul./dez. 2013. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/2562/1615>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos A. Pedagogias da diversidade. In: Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 61-85, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691>. Acesso em: 04 abril. 2022.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos A. desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – estética bugresca como opção descolonial da arte. In: Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC - des_. 29, 30 e 31 de agosto de 2016 - Florianópolis/SC, 321 – 331. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CARBALLO, Francisco; ROBLES, Luis Alfonso Herrera. Prólogo. In: Walter Mignolo. In: *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015.

COUTO, Mia. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In: **Fronteiras do pensamento**. Ano 2020. Disponível em: Mia Couto - Mia Couto: a vida tem fome de fronteiras | Fronteiras do Pensamento. Acesso em: 12 dez. 2020.

DIÁSPORA. Intérprete: Tribalistas. Compositor: A. Antunes. Ano 2017. Disponível em: *Díaspóra - Tribalistas - LETRAS.MUS.BR*. Acesso em: 02 jan. 2021.

Documentário *Portuñol*. Autor: Thaís Fernandes. Ano 2021. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filme/portunol/>. Acesso em: 03 maio. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão: Martins Fontes: São Paulo, 2001.

GROSFOGUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In: SANTOS, Boaventura Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**: São Paulo: Cortez, 2010.

GUERRA, Vânia Maria Lescano; SOUZA, Claudete Cameschi de. “Entre o (Dis)curso e a Identidade, a emergência de uma epistemologia crítica para entender o jogo da diferença”. In: NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano (Org.). **O sol se põe na fronteira: discursos, gentes e terras**. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GUIDA, Angela Maria. “As fronteiras em suas múltiplas performances”. In: NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano (Org.). **O sol se põe na fronteira: discursos, gentes e terras**. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

MIGNOLO, Walter D. Aesthesis descolonial. In: GÓMEZ, P.P. (EDITOR). **Arte y estética en la encrucijada descolonial II**. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 31- 54.

MIGNOLO, Walter. COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade, p. 1-18. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, VOL. 32, N. 94, 2017

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistémica**. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. **Habitar la frontera**: sentir y pensar la descolonialidad (antología, 1999-2014) Barcelona: CIDOB, 2015.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. NOVAS REFLEXÕES SOBRE A “IDÉIA DA AMÉRICA LATINA”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. In: Caderno CRH, Salvador, v. 21. N.53. p. 239-252,

Maio/Ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/MXjkNYT8BhfGSkg38P46csk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MOTA, Raquel Alves. A teoria da fronteira: reverberações e movimentos. In: *Revista Amerika*, Migrations et productions artistiques dans les Amériques, n. 13, p. 1 – 24, (2015). Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/6641>. Acesso em: 18 dez. 2020.

MULLER, Karla Maria. “Presença de fronteiras culturais na mídia local de fronteiras nacionais”. In: Cadernos de estudos culturais, n. 7, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em: 18. mar. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. **El lado oscuro del corazón de la frontera**. São Paulo: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Gramática despoética da fronteira**. São Paulo: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Paisagens biográficas**. São Paulo: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar Cézar. **O jardim das fronteiras**. São Paulo: Intermeios, 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. **A ignorância da Revolta**. São Paulo: Intermeios, 2019.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Oráculo da fronteira**. São Paulo: Intermeios, 2018.

NOLASCO, Edgar Cézar. **O teorizador vira-lata**. São Paulo: Intermeios, 2022.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Pântano**. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Perto do coração selbaje da crítica fronteiriça**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar Cézar. CRÍTICA BIOGRÁFICA fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA). In: Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 37-54, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/279>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NOLASCO, Edgar Cézar. ENSAIO BIOGRÁFICO: Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? In: Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, 2020. p. 59-74. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em 18 fev. 2022.

NOLASCO, Edgar C ezar. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar C ezar. Perto do cora o selbaje da crítica fronteriza. São Carlos: Pedro&Jo o Editores, 2013, p, 131-159.

NOLASCO, Edgar. C ezar. Políticas da crítica biográfica. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica, v. 2 n. 4. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010, p.35-50.

NOLASCO, Edgar C ezar. “Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades”. In: Cadernos de estudos culturais, v. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. Acesso em 18 mar. 2020.

PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latino-americano a fines del siglo XX. Tabula rasa. N. 9, julio-diciembre, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia, 2008, p.217-246.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globaliza o e democracia. Novos Rumos, 37, 2002, p. 4-28.

SANTOS, Boaventura Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP: São Paulo, V. 5 (1-2). p. 31-52, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SOUZA, Eneida Maria. Crítica biográfica, ainda. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica, v. 2, n. 4. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010, p.51-57.

SOUZA, Eneida Maria. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria. **Janelas Indiscretas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Verbetes Memória (E-Dicionário de Termos Literários). Disponível em: MEMÓRIA - E- Dicionário de Termos Literários (unl.pt) Acesso em: 08 jul 2021.